

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "Júlio de Mesquita Filho"
Faculdade de Ciências e Letras – Campus de Assis
Programa de Pós-Graduação em Letras
Teoria Literária e Literatura Comparada



CORDAS DO 'PANEMA
aspectos histórico-literários
do universo da poesia caipira
na cidade de Assis/SP

Elinaldo da Silva Meira

ilustrações do autor

2001

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
Faculdade de Ciências e Letras
Câmpus de Assis

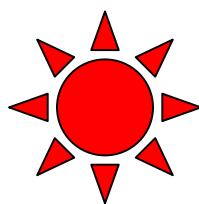
Elinaldo da Silva Meira

Cordas do ‘Panema:
aspectos histórico-literários do universo da
poesia caipira na cidade de Assis/SP

Dissertação apresentada à
Faculdade de Ciências e
Letras, Unesp, Assis, para a
obtenção do título de mestre
em Teoria Literária e
Literatura Comparada, na
área de concentração:
Literatura e Sociedade.

Orientador: Prof. Dr. José Carlos Zamboni

2001



OFERECIMENTOS

Aos menestréis do Vale do Paranapanema, na cidade de Assis.
A Dom Delmiro Borges Meira, festeiro do Mato Cipó meu Avô.
A Dom Rosalvo Silva Meira, *Prinspo* Errante da Baixa da Areia, meu Avô.
Às Matriarcas Emília e Januária Canguçu, minhas progenitoras Avós.
À astrológica Maria Neusa, minha Mãe.
A São Gonçalo do Amarante, Santo Violeiro.

AGRADECIMENTOS

Eduardo Ap. Santos, Márcia Ap. Godoy, D. Ivanilda, Sr. José, Douglas Santana, Zelito, Eduardo Francisco, Eliseu Marcelino, Ricardo Tadeu Sandrini Barcellos, Adriana Daleffi, Jane Christina Pereira, Janderlei Moraes, CSTJ/Jd. Bonança- Osasco/SP, Pai, Meus Três Irmãos, Tia Nilza, Valdinei Nascimento, André Rastini, Cida Reis, Prof. Zamboni, D. Dilza, Christian Shigeru Sasaki, Deborah Mendes, Mônica Magalhães Leite, Cida Carmineti, Elisabete Ribeiro, Sandro de Cássio Dutra e Mila Carmineti.

RESUMO

Pretende-se com este trabalho apresentar elementos literários, históricos e sociais da poesia caipira produzida por violeiros na cidade de Assis/SP, compreendidas no período de 1915 a 1998, abrangendo a produção poética dos violeiros Benedito Ferreira de Paula, Isaulino Pereira da Silva, Laurindo de Souza Pereira, Nestor José Cassiano, Joaquim Miguel da Silva, Júlio Andrade, Patrocínio Tarso de Campos, Raimundinho, Leoni Ferreira da Silva, Onório José Cassiano, Custódio Pereira e algumas outras anônimas.

Palavras-chaves: Literatura Brasileira, Poesia Caipira Paulista, Viola Caipira, Assis (SP).

ABSTRACT

The objective of this work is present literary, historical and social elements on country poetry from the city of Assis, São Paulo. The Poetical Antologies of Benedito Ferreira de Paula, Isaulino Pereira da Silva, Laurindo de Souza Pereira, Nestor José Cassiano, Joaquim Miguel da Silva, Júlio Andrade, Patrocínio Tarso de Campos, Raimundinho, Leoni Ferreira da Silva, Onório José Cassiano and Custódio Pereira are present in this work.

Key words: Brazilian Literature, Country Poetry from São Paulo, Oral Literature, 10-Strings Brazilian Guitar, Assis (São Paulo, Brazil)

Nota

Acompanha esta dissertação o CD "Cordas do 'Panema - música caipira paulista: Piracaia e Companheiros".

nota do autor

ÍNDICE



(Devido a transferência para disquete as páginas aqui apresentadas divergem do texto impresso cedido à Biblioteca da FCL/Assis – Unesp, do mesmo modo, não consta as ilustrações originais postas na abertura de cada capítulo)

I – Chegança

II – Trilhas

III – Cordas do ‘Panema: apontamentos históricos

IV – Matutando

1. performance e oralidade
2. reflexões de um violeiro sobre sua poesia
3. aspectos formais da poesia caipira em Assis

V- Arretirando

Bibliografia

Antologia poética caipira dos Trovadores do ‘Panema – cidade de Assis – 1915/1998.

Sobre a Antologia

CHEGANÇA

*Rapaz pra ter gosto na vida
Precisa ele cantar de viola.*

Sertão, violeiro do Panema.



objetivo deste trabalho é apresentar elementos literários, históricos e sociais da poesia caipira produzida por violeiros na cidade de Assis/SP. Abrange esta pesquisa a produção poética dos violeiros Benedito Ferreira de Paula, Isaulino Pereira da Silva, Laurindo de Souza Pereira, Nestor José Cassiano, Joaquim Miguel da Silva, Júlio Andrade, Patrocínio Tarso de Campos, Raimundinho, Leoni Ferreira da Silva, Onório José Cassiano, Custódio Pereira e algumas outras poesias anônimas, compreendidas no período de 1915 a 1998.

Quanto à escrita desta dissertação, ressalto que ela se estruturará de diferentes modos, fugindo, em certos aspectos, da linguagem característica dos

textos acadêmicos. Assim sendo, me utilizarei da crônica, de registros em forma de diário, da narração, da dissertação, da descrição e da reportagem para caracterizar os aspectos da poesia caipira assisense construída paralela à atividade musical.

* * *

A formação da música caipira paulista tem suas raízes (ou mesmo suas sementes) a partir do momento em que o português (sua língua e suas manifestações culturais) aportaram no Brasil.

De modo breve, posso dizer que no decorrer desses quinhentos anos da presença do branco europeu no Brasil, a viola trazida pelos portugueses ganhou em nossa terra formatos, afinações e usos diversos, assimilando um sotaque e um modo de expressão condizentes com a criatividade de todas as raças e as necessidades dos grupos sociais que se formavam pelo interior do País.

A viola, metonímia (e também metáfora) da poesia popular ligada à música caipira, vai, no sudeste, em particular, na parte sul de Minas Gerais e regiões de Piracicaba, Botucatu e Sorocaba, no Estado de São Paulo, se desenvolver num tipo de cantar e tocar simultâneos caracterizado como moda-de-viola: poesia de natureza narrativa, ora se apresentando com maior rigor estético, outras vezes predominando um caráter mais informativo. Dessas regiões, o gênero poético-musical será levado para as demais do Estado, nas quais ganhará performances particulares de representação. Tão importante quanto as modas-de-viola, são os outros gêneros-irmãos, o cururu, vertente da

poesia de improviso paulista, e o cateretê, que se constitui enquanto gênero poético-musical, mas também usado para designar a catira, sapateado exibido em determinados momentos da música caipira tradicional.

O cururu praticado em São Paulo anteriormente a ele se ligou a dança. Esse elemento veio a se *perder*, hoje se tem apenas o desafio entre violeiros.

Tanto a catira, quanto o cururu, foram desenvolvidos no decorrer do processo de catequização indígena feito pelos jesuítas e, posteriormente, assimilados pelo conjunto da comunidade. Ambas as danças se estruturavam enquanto performances devocionais: a partir de um altar, os dançarinos se revezam na exibição da dança. Os versos, tanto os da moda-de-viola, quanto os do cururu, entoados nestas ocasiões, tematizavam a vida de algum santo ou passagens evangélicas.

Desse modo, sob a prática dança/música/canto/celebração católica e poesia, foi sendo construída a base da música e da poesia caipira paulista.

O legado, enfim, foi deixado e, sozinho, adquiriu modos de continuação, vindo a se tornar um ícone na constituição cultural paulista. Atingiu o Vale do Paranapanema a partir da segunda metade do século 19, vindo a se firmar, conforme relatos dos violeiros assisenses, a partir da formação dos primeiros núcleos populacionais.

Escrever sobre o Vale do Paranapanema é sugerir uma região muito extensa de terras. Desse modo, já delimitando, vou levantar algumas considerações específicas sobre a produção de violeiros caipiras tradicionais com os quais convivi na cidade de Assis.

A pesquisa permeia um período muito amplo. No conjunto das poesias há extremos: a moda¹ mais antiga tem como data de referência o ano de 1915 e a mais nova o ano de 1998.

É importante salientar que esse trabalho considera poesia caipira toda produção de caráter musical realizada por violeiros na qual o canto é expresso em versos (ou vice-versa), os quais obedecem a uma estrutura convencional e significativa dentro da tradição cultural caipira. Em termos gerais, entenda-se por caipira² o habitante tradicional do interior paulista. No caso dos violeiros em questão, todos provêm da zona rural, lá foram criados e lá desenvolveram o aprendizado na viola. Tanto o tempo quanto o espaço referidos nas modas e cateretês, por sua vez, dizem respeito a esse universo rural, diverso da zona urbana na qual eles vivem hoje. Mais uma característica que poderia determinar o caipira é o seu modo de vida, que mesmo já tendo há muito se adaptado ao espaço urbano, conserva tradições, pontos-de-vista, crenças, aspectos lingüísticos e valores morais próprios³.

¹ Quando referir-me à moda, faço menção à moda-de-viola em específico. Quando for necessário, distinguirei os outros gêneros musicais nos quais estão presentes versos caipiras. Conforme a *Enciclopédia de música brasileira: erudita, folclórica e popular* (São Paulo: Art Editora, 1977), *moda* tanto em Portugal quanto no Brasil tem o significado genérico de canto, melodia ou música.

² Candido em *Os parceiros do Rio Bonito* (1997: p, 22) designa *caipira* um aspecto cultural. Assim caipira “exprime desde um modo de ser, um tipo de vida, nunca um tipo racial”. Cita o livro *Conversas ao pé do fogo*, de Cornélio Pires, no qual aponta para o “caipira branco”, “caipira caboclo”, “caipira preto”, “caipira mulato”. Complementa: “é a maneira justa de usar os termos, inclusive porque sugere a acentuada incorporação dos diversos tipos étnicos ao universo da cultura rústica de São Paulo.”

³ Cornélio Pires, após selecionar termos considerados por ele como *brasileirismos, arcaísmos e corruptelas* dos seus livros *Cenas e paisagens da minha terra*, *Quem conta um conto*, *Musa caipira*, *Conversas ao pé do fogo* e *As estrambóticas aventuras de Joaquim Bentinho, o queima campo*, organizou um “Vocabulário”, no qual assim define caipira: [norma ortográfica de 1924] *Por mais que rebusque o “etymo” de “caipira”, nada tenho deduzido com firmeza. Caipira seria o aldeão; neste caso encontramos no tupy guarany “Capiabiguára”. Caipirismo é o acanhamento, gesto de occultar o rosto; neste caso, temos a raiz “caí” que quer dizer: “Gesto do macaco occultando o rosto”. “Capiara”, quer dizer o que é do mato. “Capia”, de dentro do mato: faz lembrar o “capiáu” mineiro.*

No desenvolver da pesquisa, alguns critérios foram utilizados para a seleção dos poemas: serem eles considerados como *textos* frutos da tradição oral, vinculados pela música caipira em forma de verso. Essas composições, por sua vez, poderiam ser tanto modas-de-violão, cateretês, sambas caipiras, cururus (este em menor escala na região), rasqueados ou músicas para folias presentes nas manifestações artísticas desses violeiros em Assis.

Um termo que muito será usado neste trabalho é *tradição* ou a variante *tradicional*. Muito comum nos estudos de folclore, o termo merece uma ressalva especial devido ao fato de ser *questionável*⁴, como aponta a Prof^a. Maria Ignez Novais Ayala, do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade Federal da Paraíba⁵. Segundo o senso vigente, comenta a professora, “um fato para ser folclórico (tradicional) deve ter uma existência comprovada a longo tempo”. Continua seu questionamento dizendo que Mário de Andrade “coloca em discussão o caráter tradicional como requisito para a pesquisa folclórica em um país como o Brasil, onde a quase total inexistência de documentação e a rapidez das transformações tornam impossível comprovar a secularidade das manifestações culturais”.

“Caapi”, trabalhar na terra, lavrar a terra. “Caapiára”, lavrador. E o “caipira” é sempre lavrador. Creio ser este último caso mais aceitável, pois, “caipira” quer dizer “roceiro”, isto é, lavrador. (...) O curioso é que Cornélio por não conseguir definir, ou por juntar todas as alternativas possíveis, acaba por determinar que o significado em suma é apenas um: o lavrador. Esse fato não deixa de ser importante, afinal o modo de vida, definido pelo tipo de organização social do habitante pioneiro paulista, caboclo e posteriormente assimilado pelo imigrante, vai se definir em torno de uma existência pautada pela vida agrícola e muitas vezes isolada, como foi o caso dos pioneiros que ocuparam as terras do Vale do Paranapanema.

⁴ Ariano Suassuna, nas “Notas sobre o romanceiro popular do nordeste”, debochadamente salienta: “nessas questões de terminologia, usa-se a que se quer”.

⁵ AYALA, M.I.N. . Amadeu Amaral/Mário de Andrade: pontos de partida para uma perspectiva crítica da cultura popular. em: *Miscelânea – revista de Pós Graduação em Letras*. Assis: Faculdade de Ciências e Letras, 1998,

Não discordando de Mário de Andrade e de Maria Ignez Novais Ayala, opto pela colocação de Paul Zumthor dada em *A letra e a voz*⁶, ao afirmar que a tradição, quando a voz é seu instrumento, é também, por natureza, “o domínio da variante; daquilo que, em muitas *obras*, denominei de movência dos *textos*”. Zumthor vai definir ainda que a tradição “é série aberta, indefinidamente estendida, no tempo, no espaço, das manifestações de um arquétipo”. A “movência”, por sua vez, se resume num processo bilateral entre reprodução e mudança, “é a criação contínua”.

Mais do que se sustentar nos calços teóricos expostos, a noção de tradição construída nos últimos seis anos do desenrolar desta pesquisa, se fez a partir das noções dos próprios violeiros. Eles mesmos distinguem o que é tradicional do que lhes é estranho; o “jeito de tocar de antigamente” é o principal fator determinante na dicotomia moderno/antigo. Dentro de uma escala imaginária de valores, o violeiro Piracaia, falecido aos 91 anos de idade em 1998, era considerado o “vovô da viola”⁷, o que tinha o jeito antigo, tradicional de executar as composições.

Tradição não implica em coisa velha, ultrapassada, vai além da produção dos violeiros assisenses Piracaia, Cassianinho, Leoni Ferreira, Patrocínio Tarso de Campos, é uma *contínua-ação* de uma prática musical e poética. Vale dizer que também é influenciável por outras sonoridades que se compartilham em sua

p. 35 – 43.

⁶ ZUMTHOR, P. *A letra e a voz – a “literatura” medieval*. trad.: Amálio Pinheiro e Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 143-5.

gênese, na preservação dum arquétipo, numa contínua linha de semelhanças que ligam um texto a outro e que ligam entre si diversas performances, *que se presume (por hipótese talvez anacrônica) único*.⁸

Um outro critério para a classificação de um violeiro como tradicional quando da coleta das composições se dava pelo modo de tocar, de se apresentar e de criar sua poesia. Apesar desse aspecto fugir às condições de ilustração aqui, neste texto, aquilo que Paul Zumthor chama de *performance*⁹ também contribuiu para a compreensão da manifestação e das variações ocorridas nas composições caipiras dentro do período abarcado por esta pesquisa.

Essas *variações* possibilitam levantar a hipótese de que a poesia caipira paulista vinculada à música não está em vias de desaparecimento, como errônea e apressadamente se deduzia no começo desta pesquisa. Pelo contrário, ela tem se adaptado às novas condições de criação, se influenciando ou não pelos elementos da contemporaneidade.

Quanto às poesias, saliento que elas não serão restringidas à condição de objetos para informações históricas, mesmo sendo essa uma circunstância também relevante nas composições, devido ao fato de haver uma ligação nata entre a criação poética e a vida social. Procurei compreender a criação enquanto manifestação estética, literária, histórica e social da cultura popular caipira.

⁷ Essa expressão era muito usada nas apresentações de Piracaia em *shows* ou no rádio, ao ser anunciado pelos apresentadores em Assis.

⁸ Zumthor: 1993, p. 145.

⁹ Segundo Zumthor, a *performance* deve ser entendida como o momento em que comunicação e recepção coincidem no tempo, seria o instante único quando a voz poética se expressa.

Não por poucas vezes a poesia criada pelo povo vai além do núcleo que a gerou. É épica quando retoma heróis e símbolos da cultura ocidental, mesmo que este herói tenha que assumir a personalidade de um vaqueiro num misto de valores emaranhados, representando as diferentes raças errantes pelo Brasil.

Mais uma vez cito Paul Zumthor, ao se referir à produção poética oral dos menestréis do século 14 na Europa: “pela boca, pela garganta de todos esses homens (muito raramente, sem dúvidas, pelas dessas mulheres) pronunciava-se uma palavra necessária à manutenção do laço social, sustentando e nutrindo o imaginário, divulgando e confirmando os mitos”¹⁰

A praxe poética caipira paulista, no seu resultado, confirma essa tendência à universalização através da representação do que há de mais intemporal na vida, como acontece com os mitos e as lendas¹¹. Todavia é necessário “respeitá-las no seu modo próprio de ser poesia”¹² quando esta for “rebento da fantasia humana, da capacidade eternamente humana de inventar, imaginar, fingir”.¹³

O presente trabalho se estruturará em cinco capítulos, mais uma antologia. O primeiro, esta *Chegança*, nota introdutória e metodológica ao texto; as *Trilhas*, capítulo no qual completo a exposição dos critérios metodológicos utilizados no decorrer da pesquisa. Posteriormente, *Cordas do ‘Panema*, que

¹⁰ ZUMTHOR: 1993, p. 67.

¹¹ CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 5. ed., 1976, p. 44-46.

¹² ZAMBONI, José Carlos. *Carreirinho, o cantador do Rio Bonito – um estudo da poesia caipira*. Assis: FCL, 1986, dissertação de mestrado, p. 4.

¹³ *Ibidem* . p. 4.

situará o leitor historicamente em relação à produção poética-musical dos violeiros assisenses. O porquê do nome deste capítulo (e do próprio trabalho) se dá em função do elemento poético, motivo deste estudo, em sua forte ligação com os instrumentos de cordas (a viola e o violão) e, ‘Panema, por ser a forma simplificada encontrada pelo caipira local para designar o vale do rio Paranapanema, onde se situa a cidade de Assis.

O capítulo intitulado *Matutando* referir-se-á aos apontamento teóricos que elaboro a partir da leitura da obra *A letra e a voz*, do suíço Paul Zumthor e do ensaio “Notas sobre o romanceiro popular do nordeste”, de Ariano Suassuna. Nesta mesma ocasião, apresento algumas reflexões do violeiro assisense Nestor Cassiano sobre a poesia da viola e finalizo esta parte fazendo considerações sobre a estrutura formal da poesia caipira paulista em Assis.

Após o capítulo 4, apresento *Arretirando*, no qual elaboro um desfecho para os apontamentos arrolados. E, finalmente, a *Antologia Poética Caipira Paulista dos Trovadores do ‘Panema*, na qual reuno 64 composições dos violeiros aqui apresentados.

Dois autores contribuirão de modo direto para o desenvolvimento teórico desta dissertação. Destaco Paul Zumthor e Ariano Suassuna, outros seguirão conforme o desenrolar do texto. De Suassuna, faço-me valer das considerações feitas nas “Notas sobre o romanceiro popular do nordeste”¹⁴, que por extensão e semelhança, se aplica para a análise da produção e compreensão dos princípios estéticos presentes na poesia caipira de Assis. Da obra *A letra e a voz*, de Paul

Zumthor, “acaipiro” algumas de suas observações para entender e me entender nessa empreitada.

Foi importante também no decorrer da elaboração desta pesquisa, o acervo do Centro de Apoio à Pesquisa – CEDAP/FCL – Assis – Unesp. Deste departamento utilizei os jornais VOZ DA TERRA, JORNAL DE ASSIS e A NOTÍCIA, ambos regionais, de um período compreendido entre os anos de 1934 a 1998.

Vale destacar, ainda, a fonte matriz desta pesquisa, os violeiros de Assis, representados nas figuras dos senhores Nestor José Cassiano, Laurindo de Souza Pereira, Isaulino Pereira da Silva e a Benedito Ferreira de Paula. Todos eles possibilitaram, por meio de suas fontes orais, a existência deste trabalho.

Outras duas considerações devem ser feitas. A primeira toca na questão das datas das composições aqui estudadas. Por se tratar de fontes orais, de poesia cantada ao sabor da memória e ao tempo largo, as datações não são precisas. Pode-se arriscar e dizer que no caso , por exemplo, das modas de Piracaia, a data de suas poesias são as datas do tempo em que viveu. Outro fato comum para a indicação da data de criação é a referência que a lembrança permite dar em função de que determinada composição tenha sido feita para uma comemoração, uma festa de casamento, para um momento de dúvida ou de felicidade. Assim, é comum se ter como resposta “ah, já tá com mais de... anos” , “tem mais de... anos” ou “foi quando fulano deu uma festa”, ao se perguntar quando a moda foi criada.

¹⁴ SUASSUNA, A. *Seleto em prosa e verso*. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: INL, 1974, p. 162 – 190.

A segunda consideração diz respeito às transcrições das poesias. Neste caso cito Zamboni: “como trazer para a prisão da escrita aquilo que nasceu para cumprir um destino principalmente oral? (...) Obediência ao padrão culto da língua, somente preservando aqueles desvios da norma cuja exclusão poderia comprometer aspectos formais importantes, como a rima, a métrica e o ritmo”.¹⁵ Exceção deve ser feita às modas da autoria de Leoni Ferreira da Silva, pois este, memorialista, autor de alguns livros, as tinha organizado, datilografado e datado, juntadas numa coletânea intitulada “O caipira canta”, na qual inclui também modas-de-viola do seu tio Joaquim Miguel da Silva. Ainda em relação às poesias, para um estudo sistemático das transcrições, seria necessário o estudo lingüístico, todavia, não é essa a alternativa escolhida neste ensaio de crítica literária.

Farão parte deste trabalho, ainda, algumas ilustrações por mim elaboradas. Elas nasceram inicialmente da minha vivência entre os violeiros de Assis, no decorrer da Iniciação Científica¹⁶. Das cores e sons presenciados “transpus” para o papel algumas dessas impressões que ora apresento. Acompanha, também, esta dissertação, um CD (*Cordas do ‘Panema – música caipira paulista*), resultado de algumas das gravações por mim realizadas no decorrer dos encontros com os violeiros em Assis entre 1995 a 1996, mais outras fornecidas pelo violeiro Nestor José Cassiano, além de cópias do áudio de fitas VHS, parte do acervo da Biblioteca da Faculdade de Ciências e Letras de Assis.

¹⁵ ZAMBONI: 1986, p. 8.

Acredito que com a audição do CD por parte do leitor , este possa ter maior dimensão do objetivo desta dissertação.

Saliento que a proposta desse trabalho não é discutir as alterações do mundo rural, transportado em informações pelas modas caipiras. Outros já o fizeram e muito bem, como é o caso da obra *Os parceiros do Rio Bonito*, de Antonio Candido, que aborda as transformações dos meios sócio-econômicos do caipira paulista no decorrer dos anos de 1950. Outro estudo, este na área dos estudos literários, significativo para a compreensão das transformações do meio e o reflexo na criação poética caipira, é a dissertação *Carreirinho, o cantador do Rio Bonito – um estudo da poesia caipira*, do professor José Carlos Zamboni, da Unesp de Assis.

¹⁶ A primeira parte deste trabalho de mestrado considero que foi a realizada entre 1995 a 1996, no decorrer do projeto de Iniciação Científica *As modas-de-violão dos compositores de Assis e região*, sob a coordenação do professor José Carlos Zamboni, promovido pelo programa de bolsas do CNPq.

TRILHAS



ssis. 22 de agosto de 1995. Eu e o professor Zamboni fomos procurar o violeiro Antenor Cassiano. A casa se localizava próximo à rodoviária da cidade, era uma tarde morna, chegamos à residência. “Antenor morreu”, disse-nos a esposa ainda pouco consolada. Era a primeira tarefa da pesquisa e a primeira morte que rompia.

O violeiro morreu e levou consigo a sua boa arte bem guardada no seu saco de viola. A família disse-nos que talvez o sobrinho Nestor José Cassiano soubesse alguma moda do tio, mas não tinham certeza. Nos despedimos.

4 de setembro. Conheci o violeiro e taxista Ferreirinha. Esse já havia gravado um disco com o parceiro João Ferreira, isso quando morava em Osasco, na grande São Paulo. O companheiro morreu, parou com a carreira e retornou para Assis. Dele soube da existência de Piracaia e de que outrora, anos 60, a Rádio Difusora soltava pelo ar programas “ao vivo” nos quais os violeiros da região tangiam suas cordas.

8 de setembro. Fui conhecer a Rádio Difusora na intenção de me deparar com um avantajado acervo musical. O acervo não existe, nunca existiu! O diretor da emissora me informa que, realmente, os tais programas existiram, mas que nenhum deles foi registrado, não havia e não há condições para manter um acervo histórico na Rádio.

10 de setembro. Vila Prudenciana. Umas 100 pessoas no local. Fui assistir a um *show* promovido pelo radialista Pingo D’água e Paschoal no qual se apresentavam duplas caipiras da cidade, o *Carrossel Sertanejo*. Às 20 horas sobe ao palco um senhor, estatura mediana, moreno, uns vários anos, guardião de uma voz particular, ancestral na pronúncia das modas. Piracaia era o seu nome. Canta umas três modas com Pingo D’água, desce do palco com rapidez e vai embora na sua bicicleta.

O encanto prenunciava que era importante visitar o violeiro Piracaia. Assim foi feito: 12 de setembro, rua Palmares, 951, Vila Ouro Verde. Uma casa de intenso azul indicava o local. Bato palmas, um cachorro antecede o dono com seus latidos. Piracaia afasta o animal, eu me apresento. Com jeito desconfiado o violeiro me recepciona, digo que sou estudante e teria gosto em

conhecê-lo. Me leva para uma pequena varanda nos fundos da casa e lá iniciamos a prosa, que é esse trabalho.

Daqui para frente torna-se difícil datar os encontros oportunizados com o violeiro Piracaia. A partir de informações dele, foi-me indicado o senhor Nestor José Cassiano, a quem já fiz referência ao relatar sobre o violeiro Antenor, naquela ocasião seu parceiro de cantoria.

Antes, no entanto, fui conhecer o *fazedor* de violas José Miranda, morador na Vila Glória. Este também me indicou Nestor Cassiano e um outro companheiro, o senhor Lázaro, o Lazineiro, folião, empregado da Sabesp¹⁷ de Assis. Fui até ambos, a figura de Nestor, porém, destacou-se, mostrando-se um indivíduo preocupado, um *estudioso* das tradições caipiras e com muita *história* para contar.

O primeiro encontro com Nestor Cassiano, o Cassianinho, foi no seu emprego, no posto da polícia militar rodoviária, no qual trabalhava como escriturário do D.E.R¹⁸. Muito empolgado, já no primeiro encontro foram me apresentadas algumas fitas nas quais havia registrado cantorias realizadas nos últimos anos (anterior a 1995). Convidado para ir até a sua residência na Vila Adileta, lá me recepcionou agradavelmente na sua varanda, permitindo que eu copiasse algumas das suas fitas. Para cada uma delas tinha o violeiro uma pequena história ou nota, as quais foram de grande importância no desenrolar deste trabalho.

¹⁷ Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo.

¹⁸ Departamento de Estradas e Rodagens.

A partir da visita a Cassianinho, é possível afirmar que o trabalho ganhou direcionamento, pois o violeiro forneceu um leque informativo muito amplo, dando contextos históricos, dados biográficos, *teorias* da arte da viola, e me levou a conhecer outros tocadores-poetas da cidade.

Num dos encontros promovidos pelo senhor Nestor foram me apresentados os violeiros Isaulino Pereira da Silva, o Sertão, morador na Vila Operária e Laurindo Pereira, vizinho de Cassianinho. Ainda por intermédio de Nestor, conheci o folião e tocador de viola Derci Costa, na Água do Jacu, em Assis.

Nessas andanças com Cassianinho, dois encontros foram marcantes para a pesquisa. O primeiro em 9 de abril de 1996 e o segundo, dois anos depois. O primeiro foi realizado na casa de Sertão, nesta ocasião o dono da casa, de maneira muito festiva, nos recebeu na sua varanda e lá executou com muita habilidade a sua arte de poeta e músico. Relembrou da antiga parceria com os irmãos falecidos Benedito e Messias Pereira da Silva, os Sertãozinhos, do reveses da vida que impossibilitou de concretizar a gravação de um disco com as suas próprias composições. Muito alegre, no entanto, o violeiro junto com seu filho Alberto Aparecido, nos demonstrou o talento familiar.

No segundo encontro, organizado pelo violeiro Nestor, reunimo-nos na sua casa numa tarde de domingo. Somando-se os instrumentos, tínhamos 32 cordas vibrando ao lado das vozes singulares desses poetas caipiras. Regado com pinga, Cassianinho, Laurindo, Sertão entre outros convidados, executavam suas próprias composições, lembrando fatos de um passado não

muito distante em que a viola era presença confirmada nesse tipo de reunião. Finalizamos aquela tarde com um saboroso café (completo) posto à mesa pela esposa do Seu Nestor, Dona Tereza.

AS ETAPAS

Os trabalhos foram organizados em duas etapas. A primeira se processou durante a bolsa de iniciação científica CNPq – Pibic, entre agosto de 1995 a agosto de 1996, sob a orientação do Professor José Carlos Zamboni. Nesta etapa, priorizava-se o registro das modas-de-viola da autorias de violeiros da cidade de Assis e sua região. No entanto, além da modas-de-viola, acabaram sendo também registradas outras variedades de composições nas quais a viola se faz presente; registrei versos de folias de Reis e do Divino, cateretês e sambas caipiras. Contudo, as variações foram postas de lado, uma vez que o interesse momentâneo era as modas-de-viola.

O projeto de iniciação científica denominado *As modas-de-viola dos compositores de Assis e região*, era composto por dois integrantes, eu e Paulo de Tarso Cabrini Junior. O colega Cabrini registrou composições dos violeiros Leoni Ferreira da Silva, Joaquim Miguel da Silva, as quais integram este trabalho e de Isaulino Pereira. Eu me dediquei ao registro das poesias dos violeiros Piracaia, Laurindo, Sertão, Onório Cassiano, Júlio Andrade, Raimundinho, Custódio Pereira e Patrocínio Tarso de Campos. Outros nomes

de violeiros e intérpretes são citados no decorrer do trabalho, mas não conseguimos nenhum registro poético.

Finalizada esta etapa, as poesias foram organizadas e ficaram à disposição no Departamento de Literatura da Unesp/Assis sob a responsabilidade do professor Zamboni. Posteriormente, esse material foi a mim cedido para compor o *corpus* dessa dissertação.

A segunda etapa se desenvolveu a partir do meu ingresso no Programa de Pós-Graduação em 1999. Nesta fase priorizei leituras que pudessem sustentar teoricamente a pesquisa e que apontassem caminhos diferentes de um registro e análise com pretensões salvacionistas, tarja muito comum impressa em trabalhos que se pautam na literatura produzida pela cultura popular.

O primeiro contato, ainda não textual, que tive com algo divergente da então prática adotada, foi com a professora Márcia Abreu, do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp.

Essa professora que havia desenvolvido no seu mestrado um trabalho na área da literatura enfocando a produção literária dos cordelistas nordestinos, apontou-me, a partir de uma enunciação minha, que a função de uma pesquisa elaborada a partir da literatura produzida pela cultura popular não é a de se impor como *aquela que vem para salvar*. Indicou-me o nome de Paul Zumthor, e creio que a partir da leitura dos seus textos adquiri *liberdade* para desenvolver o trabalho em questão.

Outro autor que destaco pela sua importância no desenvolver da pesquisa é Ariano Suassuna. Não é de hoje que esse *cabra* parte da vida social, das manifestações musicais e literárias para criar e teorizar sem, no entanto, cair naquilo que ele mesmo denomina de *artificialismo da idolatria do popular*. A partir da leitura da obra de Suassuna, os arquétipos que formam a cultura tornaram-se mais evidentes, possibilitou-me observar na tradição poética da viola caipira em Assis a potencialidade universal dos temas, os artificios desenrolados e a particularidade de uma arte secular desenvolvida nas terras paulistas.

Alguns outros autores contribuíram na segunda fase do projeto: Mário de Andrade em momentos e obras diversas, *Os parceiros do Rio Bonito*, de Antonio Candido, Câmara Cascudo, José Ramos Tinhorão, Amadeu Amaral, Cornélio Pires entre outros. Para visualizar um quadro histórico recorri às dissertações e teses sobre o Vale do Paranapanema à disposição na Biblioteca da FCL/Assis-Unesp. No conjunto das informações destacaram-se, porém, os dois autores (Suassuna e Zumthor) por trilharem opções cabíveis a um estudo de teoria literária.

CORDAS DO 'PANEMA: APONTAMENTOS HISTÓRICOS

(...) também aqui, deu-se uma espécie de penetração de Hebreus em busca da Terra Prometida.

Bruno Giovanetti
JORNAL DE ASSIS. N.º 624. 13/10/1934.



Vale do Paranapanema no decorrer dos últimos 15 anos tem sido objeto de estudo, em particular da História, focalizado sob os aspectos econômicos, históricos, sociais e políticos. Como prova disso, temos os estudos pioneiros: *Conceição de Monte Alegre: cidade isolada no Vale do Paranapanema*, de Maria Silvia Nôrcia Morelli (1988); *Poder local e representatividade político-partidária no Vale do Paranapanema*, da professora Anna Maria Martinez Corrêa (1988) e *A propriedade de terra no Vale do Paranapanema: a Fazenda Taquaral*, de Maria do Carmo Sampaio Di Creddo (1987). Merecem ser destacados ainda os trabalhos: *Urdiduras e tessituras urbanas na história das cidades: a estruturação territorial de Assis*, de Ricardo Siloto da Silva (1996), que, como sugere o título, focaliza a cidade de Assis em primeiro plano, embora faça antes um apanhado histórico da formação do Vale do Paranapanema e a conseqüente formação da cidade. *Imagens e visões do*

paraíso no Oeste Paulista: um estudo do imaginário regional, de Jorge Luiz Romanello (1998), em que destaca, entre outros elementos, o discurso sobre a terra e o papel quase mitológico das narrativas presentes na imprensa regional entre os anos de 1930 a 1950 e *Cidades e sertões: entre a história e a memória*, de Gilmar Arruda (1997), em que analisa a dicotomia sertão/mundo civilizado, e quais “memórias” foram resultantes do processo de ocupação dos chamados “terrenos pouco explorados” do sertão paulista.

Embora permita ao leitor uma visão ampla, ela será sempre histórica, social ou econômica. No que tange a elementos culturais, apesar de todos subsidiarem a compreensão desse fenômeno, nenhum toca diretamente na questão. Acredito que não se trata de esquecimento por parte dos pesquisadores mencionados, mas de prioridade ou delimitação da pesquisa acadêmica.

A partir de 1995 iniciei a pesquisa sobre os violeiros caipiras da cidade de Assis. Inicialmente a pesquisa se desenvolvia com o título *As modas-de-viola dos compositores de Assis e região*, que tendia para o *resgate* das composições dos tocadores de viola caipira.

E assim foi feito, no decorrer de dois anos, juntei material de diferentes violeiros, alguns hoje falecidos, priorizando, de início, a moda-de-viola¹⁹,

¹⁹ Zamboni (1986, p. 37) comenta: “A palavra ‘moda’, no sentido de canção, é conhecida em Portugal, mas no Brasil sofreu restrição semântica, designando especialmente a música regional dos caipiras (...), a expressão ‘moda-de-viola’ é mais específica, representando um gênero particular e bem caracterizado da música e poesia regional de origem caipira. A associação de ‘moda’, sinônimo de canção, ao instrumento musical mais difundido na zona rural do Centro-Sul e do Sudeste – a viola, tem servido para rotular, tradicionalmente, um gênero que, em São Paulo, Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso do Sul, é, nada mais –, do que uma continuação brasileiro-caipira do velho romance luso-hispânico, introduzido em nossa região à época das bandeiras e da catequese jesuítica”. José Ramos Tinhorão destaca que o primeiro registro do termo moda-de-viola em disco comercial se deu em 25 de outubro de 1929 para todo o país, no disco de M. Rodrigues Lourenço, “Casamento da Onça”, em dupla com Olegário José de Godoy (disco Victor, nº 33.236, lado B).

posteriormente, outros gêneros musicais foram inseridos na pesquisa, uma vez que a maioria dos violeiros da região de Assis não praticam apenas uma modalidade musical; a moda-de-viola é somente uma expressão do mesmo veio de onde vem o Cururu, a Dança de São Gonçalo, as Folias de Reis e do Divino, a Catira, entre outras manifestações culturais²⁰.

As tradições populares ligadas à viola caipira chegaram na região a tiracolo no habitante pioneiro. Instrumento musical mais difundido entre as camadas populares, principalmente rural, tem sua história paralela à do próprio Brasil.

De origem ibérica, a viola é trazida para o Brasil já nos primeiros anos de ocupação da terra; aqui irá assumir diferentes características tanto no que diz

²⁰ CURURU - Eduardo Escalante realizou importante trabalho com a sua dissertação na área da musicologia. Diz ele, com base também em outros autores, que a origem desse gênero musical caipira é jesuítica, desenvolvido a partir da prática da catequização indígena e posteriormente adaptada no decorrer dos séculos. Há controvérsias em relação ao significado da palavra cururu, segundo Escalante, alguns vão afirmar que ela significa “falar entre os dentes, resmungar” ou “cruz”. O cururu tradicional, em termos gerais, consiste numa cantoria (voz, viola e/ou violão) improvisada. A região de Piracicaba é rica ainda hoje nessa tradição. (ESCALANTE, Eduardo Alberto. *A música no cururu do médio Tietê Paulista*. São Paulo: USP/EAD, 1986, dissertação de mestrado).

DANÇA DE SÃO GONÇALO - “O cururu, na catequização, caminhou lado a lado com a Dança de São Gonçalo. Apesar de ambas terem adquirido funções diferentes (enquanto o cururu centrava-se na porfia poética, São Gonçalo destinava-se ao cumprimento de promessas)” (ESCALANTE: 1986). Na região de Assis a família Piedade, da Água do Jacu, zona rural de Assis, é uma das poucas que ainda realizam a Dança de São Gonçalo. O santo em questão é considerado pelos violeiros como o seu padroeiro. Mais informações sobre São Gonçalo, consultar o último capítulo deste trabalho.

FOLIAS DE REIS E DE DIVINO - São duas festas independentes. Uma – a de Reis – realizada durante o ciclo natalino e a outra – do Divino – no período que antecede as festas juninas. Ambos foliões, antes da realização do encontro ou da chegada, que é a própria festa, passam de casa em casa recolhendo prendas que, no dia do respectivo festejo, será colocada à disposição de todos os convivas. A origem das duas festas é ibérica.

CATIRA – é uma dança, sapateado. Entre um verso e outro da moda-de-viola tradicional, se costumava sapatear com botas e esporas, além do acompanhamento com palmas.

respeito à forma (maior ou menor número de cordas, formato, tamanho), afinações²¹ e em que circunstância festiva (religiosa ou profana) será usada.

No caso paulista, difusão inicial do instrumento está em parte ligada à catequização jesuítica nos primórdios da nossa formação cultural. Posteriormente aos bandeirantes, no decorrer da sua afirmação no Planalto Piratininga e nos seus descendentes, *aprendizes* que se lançaram em empreitadas pelas Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso em busca do ouro²².

Em São Paulo, nas regiões de Piracicaba, Botucatu, Sorocaba, a herança portuguesa da métrica e do instrumento irá se desenvolver em diversos gêneros que compõe na modernidade os ícones da expressão cultural caipira.

Ao me referir a esses gêneros caipiras, penso na união de duas atividades artísticas, que são a música e a poesia, com marcas próprias que vem caracterizar essa criação. Pensar na poesia caipira é também pensar na música, apesar de possuírem naturezas distintas enquanto objeto de estudo, ambas se constróem juntas e para uma mesma finalidade. Dentro do espaço criativo caipira tradicional, o poeta também é o músico.

²¹ O violeiro e professor da UNB, Roberto Corrêa, relaciona algumas afinações, as quais apenas cito os nomes: cebolão, cebolinha, quatro-pontos, oitavado, goiano, veravano, gaspeado, São João, boiadeira, itabira, maxambomba, travessado, italiana, vencedora, do meio, dos antigos, criminosa, paulistinha, paraguaçu, corda solta, natural, ré acima, cebolinha três cordas, guitarra, conselheira, cana verde, cururu, oitavado, riachão, rio abaixo, de ponto, guitarrinha, nordestina, paulista, para reza etc.

²² Darcy Ribeiro fala em *área cultural caipira*, resultado da exploração e ocupação de terras feitas por paulistas em Minas Gerais, na busca pelo ouro, no decorrer do século 18, posteriormente se dispersando, ainda na busca de riquezas por Goiás e Mato Grosso. Assim descreve Ribeiro: *É um novo modo de vida que se difunde paulatinamente a partir das antigas áreas de mineração e dos núcleos anciliares de produção artesanal e de mantimentos que a supriam de manufaturas, de animais de serviços e outros bens. Acaba por esparramar-se, falando afinal a língua portuguesa, por todas a área florestal e campos naturais do Centro-Sul do país, desde São Paulo, Espírito Santo e Estado do Rio de Janeiro, na costa, até Minas Gerais e Mato Grosso, estendendo-se ainda sobre áreas vizinhas do Paraná. Desse modo, a antiga área de correrias dos paulistas velhos na preia de índios e na busca de ouro se transforma numa vasta região de cultura caipira (...)* RIBEIRO, Darcy. O Brasil caipira. _____. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 380.

A chegada dos violeiros na região de Assis veio do percurso sul de Minas Gerais, passando pela região de Botucatu e posteriormente desembarcando nas terras que viriam a ser o Vale do Paranapanema. Os depoimentos mais antigos e que fazem referências às tradições com viola datam da última década do século 19 e primeira do século 20 e são basicamente extraídos da história oral dos violeiros com os quais pude ter contato, ao se referirem aos pais, ou mesmo avós, que tocavam viola e que vieram para a região à procura de terras e trabalho.

Para critérios de estudo, a tradição da viola em Assis pode ser dividida basicamente em dois períodos: o primeiro, que denomino de *Piracaiano*, que se encaixa entre os primeiros anos de 1900 até o final dos anos 60, e o segundo, o *Intermediário*, que vai do início dos anos de 1970 ou final dos anos 60 até os dias atuais. A precisão das datas mencionadas, no entanto, é discutível, uma vez que não há nenhum outro tipo de registro que possa sustentá-las. Destaco esses dois períodos tomando por base informações dos próprios violeiros, nas quais ressaltam maior ou menor incidência das práticas e das “inovações” em torno da poética-musical caipira.

O período *Piracaiano*, assim denominado em função do violeiro Benedito Ferreira de Paula, o Piracaia (1907-1998)²³ é marcado pela chegada dos violeiros na região. A procedência da maioria dos pioneiros parece estar ligada ao sul de Minas Gerais, porém sem terem vindo diretamente para o território que pertenceria ao Patrimônio de Assis. De certo o caminho foi longo, com paradas na região de Botucatu, avançando lentamente pelos sertões do Paranapanema.

²³ Apesar de Piracaia ter vivido no decorrer dos dois períodos, ele manteve-se *fiel* ao jeito de tocar e compor à viola antigo. Ele dizia que não tocava moda de outros violeiros, mas *só de autoria*.

O período *Intermediário* pode ser definido pela etapa em que a música caipira tradicional de Assis e região entra em contato com a música caipira que se vinculava principalmente pelo rádio.

Dentre os violeiros com os quais convivi, Isaulino Pereira da Silva, o Sertão, é um dos principais representantes desse período. Teve sua formação musical e poética construída entre a tradição da viola antiga ao lado do pai violeiro Custódio Pereira, paralela às influências (e inovações) proporcionadas pelo rádio a partir de meados dos anos de 1950. Prova disso, percebe-se no modo de cantar e tocar de Isaulino, diverso do modo de Piracaia e Nestor Cassiano, *formados na antiga tradição*. A expressividade musical de Sertão assemelha-se ao modo de cantar de Tônico e Tinoco, formação caipira que obteve amplo espaço no rádio e no disco a partir dos anos 40, e que segundo o próprio violeiro, exerceu forte influência na sua vida artística.²⁴

Uma vez na região, a partir da segunda metade do século 19, esses violeiros, que compunham o contingente de migrantes à procura de novas alternativas para sobrevivência, foram se estabelecendo nos patrimônios e distritos do sertão. Maria do Carmo Sampaio Di Creddo²⁵ assim descreve:

o povoador típico da região era o sertanejo paulista, o conhecido caipira, que vivia como condutor de carros de boi ou nos seus roçados. Foram os primeiros habitantes brancos provenientes de Minas Gerais, que se confrontaram com os primitivos habitantes,

²⁴ Sertão narra o fato de que participou de vários *shows* de calouros em São Paulo nas rádios Nacional e Bandeirantes. Em 1969, em um desses concursos, ele e o irmão, Sertãozinho, tiveram o seu trabalho apreciado pela dupla Tônico e Tinoco. Conta ainda o violeiro que, por pouco, quase gravaram um LP com o apoio da famosa dupla famosa.

²⁵ DI CREDDO: 1987, p. 85.

disputando palmo a palmo com o indígena a terra fértil para formar suas fazendas. Na verdade, o que se designava por fazenda, na época, era um rancho, casa de morada, com pequena roça nas proximidades, sempre em terrenos de campos, pois na área de floresta estava sempre presente o indígena. Posteriormente aos mineiros chegaram os italianos. Assim a maioria da população das vilas, freguesias e campos era composta por estes dois elementos.

Ao contrário do que pensei no início da pesquisa, a ferrovia veio influenciar somente mais tarde, pois, conforme os depoimentos do violeiro Nestor Cassiano e realizando inferências a partir da Professora Di Creddo, os tocadores de viola mais atuantes eram naturais do local, das terras de Platina e do Patrimônio de Assis, e já estavam na região anteriormente à chegada dos trilhos da Estrada de Ferro Sorocabana.²⁶

O memorialista assisense Leoni Ferreira da Silva, que também é um violeiro do primeiro período, cita os nomes de José Valentin, Antônio Corrêa, Sebastião Paulino, Pedro de Mello, Florêncio de Castro, Gabriel Jacó, Jorge Jacó, Joaquim Afonso Paulino, o Quinzão²⁷, Manoel Garcia, Conceição Caldeira, Antônio Beatriz, Onofre Caetano, Miguel Venturoso de Paiva e João Piedade, como principais representantes dos pioneiros da viola na região de Assis²⁸.

²⁶ A Estrada de Ferro Sorocabana, nos anos 70 integrada à Ferrovias Paulista S/A (Fepasa) e, em 1998, privatizada com o nome de Ferrobán (Ferrovias Bandeirantes S/A), tem um percurso compreendido entre a cidade de São Paulo e Presidente Epitácio, percorrendo, com isso todo o Oeste Paulista (aproximadamente 800 quilômetros). Foi inaugurada em 1869; seus trilhos atingiram Assis em 1914 e, Presidente Prudente, em 1922.

²⁷ “Quinzão tinha esse nome porque era muito bom, porque era grande na viola”, assim recorda com saudades o violeiro Nestor Cassiano.

²⁸ O violeiro Nestor José Cassiano (1933 -) acrescenta, ainda, os nomes de Patrocínio Tarso de Campos e de Júlio Andrade, ambos mortos a mais de 20 anos.

Um dos violeiros do primeiro período, que dá nome a este ciclo, com qual pude ter contato e que chegou à região pelos trilhos da Sorocabana foi Piracaia²⁹: *Em São Paulo eu parei quatro dias/ Num pensão lá em Cambucí/ Depois eu peguei a Sorocabana/ e por este sertão eu sumi/ Alegrou a este meu coração/ Quando eu cheguei lá em Sussuí/ (Vi) uma linda moreninha/ Era tão bonitinha, morava em Assis”.*

Piracaia é Benedito Ferreira de Paula, nascido na cidade de Bragança Paulista, mas que, criado na cidade de Piracaia, recebe dela o seu apelido. Ele e sua viola chegaram a Assis em 1930, época em que só havia mato, como ele me disse. E me disse mais: ‘Eu quando vim de Piracaia pra aqui e eu fui na Água³⁰ das Antas, encontrei um rapaz e perguntei pra ele: — *Me diga uma coisa, porque que todo lugar que a gente anda diz que lugar de trouxa é Assis?* Daí ele falou pra mim assim: *é porque quem chegar aqui com os dois olhos bom a gente fura um e fica um só!* Eu disse: *Ô louco! (...)* então o pessoal perguntava pra um: —*Viu o Dito?* —*Qual dito?* —*Dito Piracaia.* E ficou Piracaia.³¹

Jacques Le Goff³² refere-se a “homens-memória” ao classificar os genealogistas, guardiões dos códices reais, historiadores, tradicionalistas, repositários da história. O termo cabe quando relacionado a Piracaia. Títulos como

²⁹ Bragança Paulista: 31/12/1907 – Assis: 2/9/1998.

³⁰ As “águas” são consideradas como marcas naturais para localização geográfica em toda a região do Vale do Paranapanema. São nascente d’água, pequenos rios ou riachos. Em torno dessas águas foram criadas pequenas vilas, algumas, das quais, até hoje, se mantêm. Outras águas se referem a alguma localização de fazenda ou sítio na atualidade. As principais águas de Assis são: Tabajara, Bonita, Antas, Cervinho, Roseta, Freire, Cervo, Matão, Pavão, Cabiúna, Barreiro, Fortuna, Cruz, Óleo, Lagoa, Pirapitinga, Jacu e Café.

³¹ MEIRA, Elinaldo. Dois violeiros de Assis. In: *Papéis avulsos, revista do Departamento de Literatura*. Assis (SP): Faculdade de Ciências e Letras – Unesp, 1999, p. 17-31.

³² LE GOFF, J. Memória. In: _____. *História e memória*. Campinas (SP): Editora da Unicamp, 1992, p. 423-484.

“vovô da viola” ou “o pai da viola”, dados pelos violeiros mais novos ou pela imprensa local, depositavam em Piracaia a maior referência viva, símbolo de um passado rico na tradição da viola. Suas composições comportavam o registro histórico, enunciava valores morais, posicionava o violeiro em relação à sociedade e à cultura local, ao mesmo tempo em que criava por meio dessa representação a oportunidade expressiva válida dentro do grupo caipira em Assis.

Esse modo de representação, ou seja, a música caipira em Assis, pode ser equacionado nas estruturas trabalho-arte/arte folga, tanto no Período Piracaiano, quanto no Intermediário. Para exemplificar, vale citar um caso, o do violeiro Isaulino Pereira da Silva, apelidado de Sertão: *Eu também sou boiadeiro ,/ Não é por me gabolar,/ Não tem nada que me prende,/ Que não me deixa eu chegar./ Não sou caboclo assustado,/ Medo comigo não há,/ Costumo tirar couro/ Dos mais bravo marruá.* O trecho da moda-de-viola “Boiadeiro afamado” (1960 ?), em destaque, é uma mistura de realidade e imaginação. Realidade, pois Isaulino, durante toda a juventude foi peão de comitiva e lá conheceu Dito Pinga, boiadeiro da região, *que bebia muito, mas era o melhor boiadeiro que havia*, e que lhe pediu uma moda em homenagem a amizade entre ambos. Já a imaginação criativa se dá no desenvolver da poesia caipira: o boiadeiro é uma personagem invencível, que vê na figura do boi a luta contra os infortúnios da própria vida; vencer o marruá era domesticar o destino a seu favor.

A viola, sua musicalidade e métrica, dentro do espaço da cultura tradicional caipira circula livremente. O violeiro Nestor Cassiano apontou-me que compunha enquanto trabalhava, utilizando-se das horas de folga para executar

suas composições ou para ouvir a criação de algum outro violeiro. O seu próprio aprendizado na viola assim foi realizado: entre a tradição, intuição e prática sem compromisso. Mencionou-me em entrevista dada em 1996³³ que foi durante as folgas da lida com o gado ou com a roça, acompanhando o pai Onofre Cassiano ou outros companheiros de cantoria, que aprendeu a *cantar de viola*.

Essa estrutura trabalho-arte/arte-folga, que também se repete em outras manifestações da cultura popular, tais como canto de lavadeiras e aboios no nordeste, informalmente se estabelecia como uma *escola*. O aprendizado de um violeiro, por sua vez, era constituído de uma grade curricular imaginária bastante ampla e que se estendia por toda a vida. Essa grade se amparava unicamente na memória coletiva ou individual dos violeiros. Se a memória falhasse, outros registros, no entanto, dificilmente poderiam ser consultados: a maioria desses tocadores de viola tradicionais eram analfabetos ou semi-letrados, daí a não existência (ou muito pouca) de registros escritos e muito menos musicais dessas primeiras composições. Mesmo a Rádio Difusora de Assis que, na cidade, durante muitos anos (toda década de 1960 até início ou fins de 70) transmitiu *ao vivo* programas em que os violeiros se apresentavam, não tem preservado qualquer documento sonoro da época.

Os “homens-memória” eram os mestres, as festas e/ou as folgas eram as escolas e locais da prática. O memorialista e violeiro assisense Leoni Ferreira da Silva assim se refere a uma dessas “aulas”: *Eu fui assisti uma festa da banda do Parmitá/,na turma do Piracaia também fui acompanhá/,nóis viagem de trem,*

³³ MEIRA: 1999.

*ganhando pra passia/.Quando nós desembarquemo o festeiro veio encontrá/,saimo lá da estação, o home comprô rojão,/ cheio de satisfação na hora de nós chegá/ /fizero rojão queimá/ abraçando a nossa turma, o povo de Parmitá.*³⁴ Segundo a data da moda (1936), aliada aos dados biográficos do poeta, esta parece ter sido uma das primeiras exposições públicas do jovem violero Leoni; no decorrer da moda ele, com todo respeito que deveria ter um “aprendiz” aos seus mestres, vai se destacando na festa e marcando o seu próprio espaço enquanto tocador de viola (*Cantei a primeira moda, eu vi gente suspirá*), deixando “saudades” para trás com a despedida.

Entre os anos de 1914, quando da chegada dos trilhos Sorocabana e 1940, Assis vai sofrer consideráveis alterações. No decorrer da primeira década elevar-se-á a categoria de município e sede de comarca; a implantação da ferrovia possibilitou o surgimento de serviços, tais como, farmácias, médicos, empresas manufactureiras, melhoria do traçado urbano, escola, ampliação do comércio etc. Nos anos 30 e 40 todos esses antecedentes denotadores de progresso se intensificarão: a sala de cinema é uma realidade, destacando-se durante anos o Cine-Theatro Avenida; é instalada a Empresa de Eletricidade Vale do Paranapanema; a partir de 1943 a Rádio ZYA-9 Difusora de Assis inicia suas transmissões para toda a região; duas empresas jornalísticas: uma com o lema “folha imparcial” e a outra como “órgão dos interesses locais”, vão registrar em suas páginas fatos que irão compor um universo diverso do caipira da zona rural.

³⁴ Trecho da moda-de-viola “Saudades” (1936), uma das primeiras do Sr. Leoni Ferreira, composta quando este tinha 18 anos. Os critérios ortográficos adotados na composição são de responsabilidade do próprio autor.

De fato, é possível construir duas (ou mais) histórias paralelas do Vale do Paranapanema: uma oral, que pode ser a contada, ou melhor, cantada pela arte da viola e a outra, a escrita pelos jornais da região. Talvez a única semelhança entre as duas é o encanto (ou o medo) ante o progresso que, aos poucos, evidenciava-se em todo o Vale. Para a população da cidade: progresso, desejo ardoroso, pois representava o melhor meio de integrar-se a outros centros urbanos do interior e à capital; para o pequeno roceiro a interferência ainda era mínima, talvez sofrendo uma ou outra alteração na sua labuta diária, como ter que aceitar uma campanha nacional contra a saúva em 1939 ou ser coibido, pela vigilância sanitária em 1945, para não vender leite sem pasteurização.

O violeiro Nestor José Cassiano me disse em uma entrevista: *(...) um violeiro ia passear em São Paulo. Lá ele via uma coisa diferente, uma coisa bonita, ele bolava aquele assunto (que compõe a letra) e colocava a toada (a música) e, assim transmitia o fato através da moda-de-viola para as pessoas do sertão, que não tinham oportunidade de ver e nem sabiam como era.*³⁵ . O comentário de Cassianinho diz respeito às viagens feitas eventualmente por um violeiro à capital via trem. A imagem do progresso causava impressão, pois divergia do mundo rural; em moda datada de 1915, da autoria do violeiro Joaquim Miguel da Silva, ele assim cantava para o povo do interior:

*Não pude passar em São
[Paulo,
por eu ser muito atrasado,
pois se acaso eu perdesse,*

³⁵ MEIRA: 1999, p.28.

*ficaria incomodado,
que lá tem ladrão, de fato,
eu podia ser roubado,
tive medo dos bandidos
por isso fiquei parado.*

*A cidade de São Paulo
todas casas é enumerada,
as ruas são bem limpinha,
bem varridas e bem calçadas,
tem trabalhador nas ruas
e os animais todos ferrados,
corre bonde e automóveis
e faz um barulhão danado.*

*Foi numa segunda-feira
que eu fui assisti o mercado,
via aquelas mercadorias,
todas bem encariadas,
tem gente de toda raça,
é aquela papagaiada,
italiano e português
e nas esquinas tem soldado.*

*Entrei no Jardim da Luz,
pra mim vê os peixes
[dourados,
e eles tão se requebrando,
com jeitinho requebrado,
tem branco e tem pintadinho,
amarelo e bem encarnado,
isto que é tranqüilidade
para viver naquele lago. (...)³⁶*

A moda do violeiro Joaquim Miguel foi composta em 1915; certamente ela, antes de perder a atualidade, deve ter percorrido muitas cantorias, servindo como uma matéria jornalística viva.

³⁶ Moda-de-viola informada pelo memorialista Leoni Ferreira da Silva, em 1995.

Se na roça quem marcava o compasso da dança era o violeiro, na cidade os bailes buscavam uma marca mais “moderna”, conforme indicam os jornais entre os anos 30, 40 e 50³⁷, apontando para os bailes beneficentes promovidos pela sociedade assisense. Outro meio de entretenimento urbano eram os circos.

As empresas circenses comportavam verdadeiras companhias de teatro, de dança e de música itinerantes, além das atividades próprias do circo. Assis, sendo, na época, uma cidade em pleno desenvolvimento, pólo regional no Vale do Paranapanema, convergia para si as intenções empresariais do circo.

Para se ter uma idéia, entre os anos de 1934 a 1946, 16 companhias circenses se apresentaram na cidade. O número pode parecer pouco para a nossa realidade, mas para uma época em que as rodovias de acesso ainda estavam em implantação em chão pisado e o trem era o único recurso eficiente, ter, em média, dois ou três circos instalados por ano, deveria ser motivo de reboliço e curiosidade nas populações urbana e rural. Posteriormente, a partir dos anos 60 e 70, o circo parece entrar em crise, o antigo destaque que antes lhe cabia na imprensa local, praticamente desaparece.

Não só o circo se prestava enquanto casa de eventos, o Cine-Theatro Avenida teve fundamental papel na vida cultural urbana. Nele se apresentou por três vezes, duas no ano de 1934 e uma em 1941, Cornélio Pires, certamente o primeiro empresário a divulgar nos emergentes centros urbanos do interior e na capital paulista, além de outros Estados, a figura do caipira, numa mistura de personagem poética, cômica e musical.

³⁷ *Jornal de Assis, Jornal A notícia*. Parte do acervo do Cedap – Centro de apoio à pesquisa, Faculdade de Ciências e Letras, campus de Assis, Unesp.

Natural da cidade de Tietê e criado percorrendo festas na zona mais rica, até os dias atuais, em tradições genuinamente paulistas, que é a de Piracicaba, Cornélio Pires³⁸, em 1901, com 17 anos, vai para São Paulo, no desejo de se tornar jornalista, escritor ou poeta. Na capital, faz amizade com Monteiro Lobato, Godofredo Rangel e outros. Após idas e vindas do interior para a capital e vice-versa, ingressa no jornalismo de *O Estado de São Paulo*, com o apoio do jornalista e pesquisador, o seu primo Amadeu Amaral³⁹. A partir de então (anos de 1910), inicia concomitante, uma série de eventos levando para os palcos causos e anedotas, ora envolvendo caipiras, ora personagens-tipo, tais como, o judeu, o alemão, o sírio-libanês, o turco, o português, o italiano e o espanhol; toda a efervescência étnica-cultural por qual a cidade de São Paulo passava nos suas primeiras décadas do século 20. No entanto, será o mundo do caipira o carro-chefe de Cornélio e será com o seu dialeto que escreverá sonetos e prosas.

Em Assis, a primeira visita de Cornélio Pires foi acompanhada pelo *Trio Regional Dias Junior*, tendo como destaque a dupla caipira da sua região de nascimento, Caçula e Mariano. No mesmo ano, retornará à cidade em outubro, dez meses após a sua visita, para a exibição de um filme sobre a vida caipira de

³⁸ Cornélio Pires: Tietê, 13 de julho de 1884 – São Paulo, 17 de fevereiro de 1958. Foi sepultado no Cemitério Municipal de Tietê.

³⁹ AMARAL, Amadeu. *Tradições populares*. 3. ed. São Paulo: Hucitec/ Brasília: INL, 1982, p. 114.

sua autoria e produção⁴⁰. A última visita registrada pela imprensa local foi em 1941, com a realização de *show* no Cine-Theatro Avenida.

Outras personalidades do disco caipira apareceram na cidade: em 1934, mesmo ano da primeira visita de Cornélio Pires, apresentou-se a dupla Alvarenga e Ranchinho, famosos pela crítica humorística que faziam aos fatos do cotidiano urbano. A figuração caipira que usavam no sotaque e roupas estereotipadas, talvez se prestavam mais para dar caráter cômico à exibição nos palcos dos grandes centros urbanos. Em 1945, o sobrinho de Cornélio Pires, produtor, cantor, poeta caipira e compositor Ariowaldo Pires, mais conhecido no meio caipira como Capitão Furtado, traz para Assis, no Cine-Theatro avenida, a dupla Nhô Pai e Nhá Fia. Nhô Pai foi mais conhecido como compositor da valsa “Beijinho doce” (*Que beijinho doce, que ele me deu...*), gravada pela dupla Irmãs Castro.

Nenhum violeiro, com os quais tive contato, contudo, faz alguma referência aos artistas que se apresentaram no Cine-Theatro Avenida, nem, tampouco, à importância do circo na sua formação artística. Parece que durante vários anos, talvez toda a primeira metade do século 20, os violeiros da região de Assis se mantiveram distantes desses artistas de rádio e palco. Nestor Cassiano disse-me certa ocasião que quem fazia a notícia percorrer e quem fazia a alegria dos roceiros era o violeiro. Não se trata, evidentemente, de colocar o roceiro numa redoma e considerá-lo isento de influências nos primeiros cinquenta anos

⁴⁰ alguns dos filmes produzidos por Cornélio Pires estão sobre a responsabilidade do Museu e Biblioteca Municipal de Tietê. Em uma visita feita a esta repartição, constatei que todos os rolos precisariam de restauração, pois não estão em condição de uso.

da cidade de Assis, o fato é que o acesso aos meios de comunicação mais comuns à zona urbana, o rádio a partir de 1939 (com maior incidência) e o jornal desde os anos 20, era raro na zona rural. A primeira tentativa do comércio local em popularizar os aparelhos de rádio se dá a partir de 1946 com a venda dos aparelhos Philips, RCA e Pilot na zona urbana, com energia elétrica nas casas. Contudo, a primeira propaganda ampla para a efetiva popularização de aparelhos de rádio na região de Assis ocorre em 1958 com aparelhos Philips sendo vendidos em até 14 prestações mensais.

Os anos 60 correspondem não só à popularização do rádio, como também, às primeiras mudanças inseridas na cultura da viola local. Essas mudanças, por sua vez, é que definiria um novo conceito de música caipira, com a introdução de gêneros musicais estrangeiros do tipo guarânia, rasqueados paraguaios, música mexicana dos *mariaches*, simplificação das antigas modas-de-viola, adaptação dos cururus e modas para toadas etc.

Analisando por partes: o rádio vai ocupar um espaço que não tinha antes, vai substituir, aos poucos, mas de forma irreversível, a cantoria ao vivo

O rádio possibilitará ao caipira conhecer duplas que até então nunca tinha ouvido falar: Tônico e Tinoco, Luizinho e Limeira, Irmãs Castro, Alvarenga e Ranchinho, Torres e Florêncio, Pedro Bento e Zé da Estrada, Vieira e Vieirinha, Liu e Léu, Nenete e Dorinho, Zé Carreiro e Carreirinho, Silveira e Silveirinha e tantos outros duetos. O mesmo rádio é que alimentará o sonho de sucesso fora do círculo rural. As vozes caipiras já se imaginavam acompanhadas de sanfona, corais e instrumentos elétricos. É esse desejo que alimentará o sonho dos irmãos

Jacob, filhos de pai violeiro estabelecido na região de Assis, mais tarde adotando nomes artísticos de Jacó e Jacozinho.

Jacó e Jacozinho gravaram cerca de 2 centenas de músicas, mas, no auge da fama, problemas de ordem estritamente pessoal interferiram terrivelmente na vida de ambos e a dupla acabou-se, em fins da década passada (anos 80), para a tristeza de milhares, talvez milhões de admiradores espalhados por todo o Brasil.

A história da família Jacob é uma história triste, de muitas idas e vindas, altos e baixos e de muitos desentendimentos. Por outro lado, o pai de Jacó e Jacozinho, João Jacob, era um grande catireiro no Paraná. O povo o chamava de Jacó da Viola. Era um ás. A mãe, Augusta Gomes, era uma pessoa simples, do lar, sempre apostando nos filhos, nos seus nove filhos, mas nada deu certo e todos tomaram caminhos diferentes. Jacó morreu como motorista e Jacozinho trabalha numa empresa de segurança em São Paulo e não grava há anos. O resto anda por aí.⁴¹

Em setembro (ou outubro) de 1997 é anunciado na Rádio Iguatemi de Osasco, na grande São Paulo, o reaparecimento de um Jacob, a dupla formada por pai e filho, Jacó e Jacozito. As últimas notícias sobre essa formação pude ver no programa de televisão *Viola, minha viola*, da apresentadora Inezita Barroso, na TV Cultura de São Paulo, no ano de 1999 e no primeiro semestre de 2000.⁴²

⁴¹ Informações obtidas no encarte do CD “Som da terra: Jacó e Jacozinho”, 1994, Chantecler, Warner Music Brasil. O comentário é assinado por Assis Ângelo.

⁴² As informações sobre a família de Jacó e Jacozinho, obtidas no encarte acima citado, não condizem com as informações dadas pelos violeiros da cidade. O Sr. Nestor, por exemplo, cita o nome de Gabriel Jacó como sendo o pai da dupla. A origem também é contraditória, é unânime entre os tocadores dizer que a dupla era natural da região de Assis, talvez da cidade de Palmital.

Consta que os primeiros sucessos da dupla em teriam sido da autoria do violeiro Piracaia. Quando do seu falecimento a imprensa local⁴³ noticiava que vários sucessos da dupla eram da autoria do violeiro assisense. Na verdade, apenas três composições — “Capa de viajante”, “Papai me disse” e “Cachaceiro” — integraram o repertório da dupla Jacó e Jacozinho.⁴⁴

Os anos de 1970, constituirão a década que mais “inovações” imporá à música caipira. O professor Waldenyr Caldas (ECA – USP), em 1977, lançava o trabalho *Acorde na aurora*⁴⁵ com o qual já apontava as radicais mudanças ocorridas na música caipira e a sua transformação em produto rotulado genericamente de música sertaneja:

(...) há diferença entre a música caipira e sertaneja? Para responder a esta pergunta, iniciamos nossa pesquisa de campo sobre a música caipira constatamos que este se prende muito mais ao folclore paulista, quase nada tem a ver com a música sertaneja produzida atualmente no meio urbano-industrial (...) [a música sertaneja] Trata-se de uma modalidade musical dirigida às camadas inferiores da população e cujo resultado não é senão o recrudescimento da própria alienação inerente a esses estratos sociais, o que é facilmente verificável no discurso das canções.

⁴³ Jornal *Voz da terra*, n. 8674, 3/9/1998, p. 10. “Câncer silencia os acordes de Piracaia”, por Cláudio Messias.

⁴⁴ Para fazer justiça ao nome de Piracaia, o cateretê “Capa de viajante” é apenas da autoria deste, e não uma parceria do violeiro com Jacozinho, como consta nos créditos dos discos.

⁴⁵ CALDAS, Waldenyr. *Acorde na aurora: música sertaneja e industria cultural*. São Paulo: Nacional, 1977, 166p.

A região de Assis (em seu formato urbano) não estava isolada do que ocorria com a música sertaneja. Segundo Waldenyr Caldas, a música sertaneja se consolida com a presença de um consumidor em específico, as pessoas do *interior* vivendo nas cidades. É o que José Paulo Paes intitulou de “arcádia revisitada”, ou seja, a indústria do disco, uma vez percebendo que existia um público potencial de migrantes (isso no caso das grandes cidades), todos ligados a elementos da terra, tais como, a casa de sapé, o rancho, o rio, a singeleza das moças, a saudade, a mãe distante, o formato de vozes em dueto etc, oportunamente e, recorrendo a artistas com um passado também ligado ao campo, inicia um processo de produção musical específica para este público consumidor que no momento vive nas grandes cidades em busca de uma *vida melhor*.

Se a década de 70 estava moldando a música sertaneja, os anos 80 e 90, remodelaram e pós-remodelaram. A música caipira tradicional de Assis percebeu (e recebeu) as transformações ocorridas pós anos de 1960. Aos poucos foi deixando o espaço que relativamente ocupou na cidade e foi se retirando para a zona rural, reestruturando-se a uma nova ordem, talvez a natural, na roça ou em pequenos grupos de violeiros nas vilas da cidade, mas substituindo as viola “talhadas à unha”, como se diz numa expressão caipira local, por instrumentos fabricados em larga escala. Com a eletrificação rural, não só ocorreu a popularização do rádio, como da televisão. As vias e os meios de transporte se tornaram mais ágeis. As cantorias de viola tornaram-se reservadas: ou entre amigos, ou nas Festas do Divino e de Santos Reis ou ainda no “Carrossel

Sertanejo”, atividade patrocinada por pequenos comerciantes dos bairros da periferia e comunidade, sobre a coordenação do Sr. Paschoal e anunciada aos domingos na Rádio Difusora de Assis pelo radialista Pingo D’água:

*Eu estou muito contente,
Fim de semana chegou,
Tem Carrossel Sertanejo,
O Paschoal anunciou.
Vou rever meus companheiro,
Que são todos cantador,
Estando todos reunido,
Nós cantamos dolorido,
Com carinho e muito
[amor.*

*Quando chega os domingo,
O pessoal acostumou,
No Carrossel Sertanejo
Vai mostrar o seu valor;
Ali ficando à vontade,
Livre, igual a beija-flor,
Com sua voz tão serena
O Paschoal entra em cena,
Ele é o apresentador!*

*Se você toca e canta,
Nem que seja aprendiz,
No Carrossel Sertanejo
Sentirá muito feliz;
Cada vez crescendo mais,
O sucesso assim diz;
Esta platéia querida,
Faz festa colorida,
É aí que esta o xis!*

*A nossa viola caipira,
Conhecida no país,*

*Seu ponteadado é tão bonito
Iguar o canto da perdiz;
O Carrossel sertanejo
Tem as flores do verniz;
Além de ser locutor,*

*Paschoal é um defensor
Da nossa moda raiz!⁴⁶*

(...)

⁴⁶ “Corta-jaca” da autoria do violeiro Laurindo de Souza Pereira em homenagem ao “Carrossel Sertanejo”.



DATAÇÕES HISTÓRICAS ANTERIORES À EMANCIPAÇÃO DO MUNICÍPIO DE ASSIS

As datas a seguir baseia-se em:
informações de dissertações de mestrado e
teses de doutorado (relacionadas na
bibliografia), parte integrante do acervo da
BIBLIOTECA/FCL- Assis.

1816 – Francisco de Assis Nogueira casa-se em Baependi (MG) com Anna Theodora Teixeira. Tiveram 10 filhos, entre eles Francisco de Assis Nogueira (filho), o formador de Assis.

1842 – Registro das primeiras entradas de mineiros em Botucatu à procura de terras e novas alternativas de trabalho. A Guerra do Paraguai também impulsionará a vinda de mineiros fugidos do alistamento obrigatório. Francisco de Assis Nogueira (pai), chega à cidade com capital suficiente para adquirir duas fazendas. “Estes mineiros (ricos), determinados a se fixarem na terra, decidiram-se atrair seus conterrâneos” (DI CREDDO: 1987, p. 43)

Meados do século 19 – O mineiro José Theodoro de Souza, de Pouso Alegre, registra como sua posse grande extensão de terras do Vale do Paranapanema, aproximadamente o que equivaleria hoje da região de Assis até Lencóis Paulista.

1845 – Francisco de Assis Nogueira (filho) dedica-se à lavoura em Rio Pardo (note paulista). Em 1848, em Caconde, exerce a profissão de negociante. A partir de 1850 ocupa os cargos de subdelegado de polícia e de juiz de paz.

1868 – Francisco de Assis Nogueira (filho), o capitão – título adquirido pelas suas funções anteriores –, juntamente com sua esposa Delfina Cândida Ribeiro, compram títulos de terra do Vale do Paranapanema, a Fazenda Taquaral, uma extensão equivalente hoje a toda região de Assis, de José Theodoro de Souza.

1866 – 4 de julho – A compra da Fazenda Taquaral é registrada em Caconde em sociedade com José Machado de Lima.

1868 – É fundada a vila de Campos Novos do Paranapanema por José Theodoro de Souza na barranca do Rio Novo. Em 1885 é elevada a categoria de município.

1869 – É fundada a Estrada de Ferro Sorocabana.

1872 – Vale do Paranapanema: 54.406 habitantes.

1880 – 80 alqueires da Fazenda Taquaral, no sertão de Campos Novos do Paranapanema, são doados para a formação do Patrimônio de Assis, sob a invocação do Sagrado Coração de Jesus, de São Francisco de Assis e da Obra Pia de Santo Antônio. As terras foram recebidas pelo padre Paulo Mayo da freguesia de Campos Novos.

1882 – O capitão Francisco de Assis muda-se com a família para Rio Novo, atual Campos Novos Paulista.

1890 – Vale do Paranapanema: 89.840 habitantes. População migrada de Minas Gerais: 3 hab./km.

1900 – Nos mapas paulistas figura o título *terrenos pouco explorados*, referindo-se às terras além de Campos Novos.

1905 – É formalizada a doação de terras para a formação de Assis.

1913 – Marco no crescimento urbano de Assis em função da expectativa dos trilhos da Sorocabana.

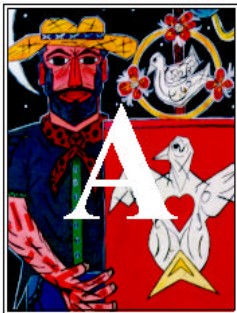
1914 – Chega os trilhos da Sorocabana na cidade.

1917 – Pela lei estadual 1581 de 20 de dezembro, cria-se o município de Assis.

MATUTANDO

“Nenhuma cultura se dá em bloco. Toda cultura comporta uma heterogeneidade originária”.

Paul Zumthor (1993)



bandeira do Divino estava chegando. De longe escutava a cantoria, um grito sonoro, um infindável ai, ai, herança leigo-religiosa difusa entre batuques e violas mestiças que andam por essas ruas do antigo Sertão do Paranapanema. Mistura de louvor e cachaça agradeciam em festa o ano que pelo meio apontava para o inverno. O Divino antecede as festas de junho, as mesmas bandeirinhas de papel serão usadas – desbotadas nas cores estarão à vista no dia; à noite toda cor é só uma. *Pela boca, pela*

garganta de todos esses homens (...) pronunciava-se uma palavra necessária à manutenção do laço social, sustentando e nutrindo o imaginário¹.

Seu Dito saía do Bar do Jumbinho, ele e seus companheiros: — *ai, ai.* Na Rua Aurélio Cataldi em Assis, formava-se um amontoado de cores e sons; batuques e violas pediam licença para entrar: *Salve o Divino Espírito Santo, ai / Nesta hora abençoada, ai ... - Pois é, viemos aqui para cantar pra vocês, pro Divino abençoar vocês tudo... A gente pede qualquer coisa, é pra festa; vai ser na Vila Operária... Nós espera vocês lá, serão todos bem recebidos... - Salve o Divino Espírito Santo, ai ... E no mais adeus, adeus, ai... ai, ai!!*

Versos e música vão sumindo, as flores da Bandeira vão tocar em outra morada...

Enquanto a poesia caminha por aí junto com a música dos caipiras de Assis, me questiono por qual motivo escolher uma teoria (ou teóricos) no desenrolar de um trabalho acadêmico. Uma teoria nasce de circunstâncias e objetos de estudos particulares e amparada no conhecimento é posta como método de análise universal. Contudo, concebo que uma teoria não deve ser tomada como um questionário em aberto que pode ser preenchido pelo *corpus* de um estudo. Prefiro a hipótese de que uma teoria sirva para questionar, apontar e não solucionar, isso, pelo menos, enquanto ela estiver a favor das *ciências humanas*.

Dois autores em particular me possibilitaram *matutar* para apontar algumas questões nessa dissertação: Paul Zumthor e Ariano Suassuna, ambos

¹ ZUMTHOR: 1993, p. 67

com suas obras já referidas anteriormente. Deles exporei determinados *elementos teóricos* que foram importantes na elaboração desse texto. Esses elementos, por sua vez, convergem não para justificar o objeto de estudo dessa dissertação, mas para demonstração do modo como os dois autores compreendem a literatura enquanto fruto da oralidade.

1 - PERFORMANCE E ORALIDADE : Zumthor e Suassuna.

A letra e a voz - a literatura medieval (1993), do suíço Paul Zumthor², é fruto de uma análise particular da poesia de natureza oral produzida na Idade Média. Tangenciando vários países europeus, o trabalho de Zumthor busca formar um quadro dos meios de produção poética; detalhista nos fatos históricos e sociais, o autor evidencia uma vasta erudição necessária para a elaboração da principal hipótese discutida em sua obra: a performance.

Define o autor performance enquanto *ação oral-auditiva pela qual uma mensagem poética é simultaneamente transmitida e percebida, aqui e agora*³. Desse modo, a performance é o conjunto das ações envolvidas no momento em que a poesia oral é transmitida: o modo de expressão, a natureza dos temas, a quem ela se destina, o espaço e o tempo que a produziu e o poeta (ou o menestrel ou o orador) que a recitou. *Quando comunicação e recepção*

² Genebra, 1915.

³ ZUMTHOR: 1993, p. 221

*coincidem no tempo, temos uma situação de performance.*⁴ Da soma dessas circunstâncias, defende um modelo de análise que exija do pesquisador um esforço imaginativo, que possa reconstruir mesmo que precariamente as condições de execução dessa poesia.

Todo o enfoque da obra em questão de Paul Zumthor é a oralidade⁵, a poesia medieval transmitida pela ação da voz, ou a vocalidade, designando um tipo particular de transmissão poética.

Distingue o autor três tipos de oralidade: a primária imediata, *aquela que não comporta nenhum contato com a escrita*⁶; oralidade mista, *quando a influência da escrita permanece externa, parcial e atrasada*; oralidade segunda, *quando se recompõe com base na escritura num meio onde esta tende a esgotar os valores da voz no uso e no imaginário*. Distingue ainda que há casos em que traços da oralidade coexistem com a escritura num mesmo grupo social.

Em qualquer dos casos, cita Zumthor, a oralidade opera, submetendo seus *textos poéticos* ao processo de produção, comunicação, recepção, conservação e repetição. A validade dessa operação coincide com a realidade da poesia caipira em Assis, faço referência particular aos casos dos poemas

⁴ *idem*, p. 19.

⁵ O autor, nas páginas 118 e 119 do seu livro, aponta para as seguintes distinções: “Oral não significa popular, tanto quanto escrito não significa erudito. Na verdade, o que a palavra erudito designa é uma tendência, no seio de uma cultura comum, à satisfação de necessidades isoladas da globalidade vivida, à instauração de condutas autônomas, exprimíveis numa linguagem consciente de seus fins e móvel em relação a elas; popular, a tendência de alto grau de funcionalidade das formas, no interior de costumes ancorados na experiência cotidiana, com desígnios coletivos e em linguagem relativamente cristalizada”.

⁶ *Ibidem*, p. 18/19. Em relação a primeiro tipo Zumthor ressalta: “Não podemos duvidar que tal foi o caso de amplos setores do mundo camponês medieval”.

mais antigos dos poetas da viola Júlio Andrade e Patrocínio Tarso de Campos transmitidos a mim pelo violeiro Cassianinho, e cito uma experiência ocasionada em função do encontro dos violeiros Nestor Cassiano e Sertão, quando cantaram e tocaram a moda *Mula pampa* do violeiro Raimundinho.

Utilizando a terminologia de Zumthor, a *performance* ocorreu nesta circunstância quando a comunicação da moda (executada pela dupla) foi recepcionada pelos ouvintes (violeiros, convivas e pesquisador) na casa de Sertão. Diferente seria o caso se algum deles apenas me tivesse informado por escrito a composição; teria *conseguido* mais uma poesia para a antologia e menos uma *performance* teria vivenciado.

O que denomina Paul Zumthor por *performance* restringindo à poesia oral medieval, penso que também possa ser utilizada para designar aquilo que não tem em termos práticos como ser transmitidos para o papel em forma de texto nessa dissertação. Das ocasiões experimentadas entre os violeiros, o que *sobra* para a avaliação é a poesia transcrita, paradoxalmente indo contra a natureza de uma produção que nasceu e que tem formas e fórmulas para cumprir um destino oral.

Quando aponto para que a função de uma teoria é a de fazer refletir sobre e não justificar um trabalho e, sob esse aspecto cito o meu próprio caso em relação ao que discute Zumthor na sua obra *A palavra e a voz*, acredito que o autor me possibilitou vislumbrar uma poesia (tão oral e tão medieval em suas raízes quanto as por ele analisadas) que é *essencialmente viva* na

prática, no *gesto vocal* e, por vezes, distantes da conjuntura letrada. O *texto*⁷ é só uma oportunidade⁸, com ele exemplifico a métrica, a rima, o temas recorrentes, os elementos da narrativa, embora o *gesto* desses poetas caipiras serviria muito mais para exemplificar essa dissertação.⁹

O gesto é a *voz poética*¹⁰, aquela que reúne num instante único para o vislumbre dum *espelho mágico* intemporal e presente, distante e tão próximo. *A voz poética é, ao mesmo tempo, profecia e memória.*¹¹ Profecia de si mesma, pois sabe que tanto a arte que a cria quanto a vida em que se insere é efêmera: *Eu deixo tudo porque o mundo é de ilusão*, diria o violeiro Piracaia.¹² E memória porque é fonte de saber e registro das convenções em que se formou:

⁷ Paul Zumthor entende *texto* enquanto seqüência lingüística que tende ao fechamento, não comportando de modo suficiente os “efeitos de sentidos particulares”. O autor demonstra no decorrer de *A palavra e a voz* que o *texto*, em particular quando comenta sobre as compilações das cantigas medievais, não dá conta da provável expressividade contida nos poemas, faltaria um elo entre a *voz* e a *palavra*, que seria a performance. Vale ainda destacar mais duas concepções do autor: a de *obra*, entendida como aquilo que é poeticamente comunicado, aqui e agora, as sonoridades, ritmos, elementos visuais; “o termo compreende a totalidade dos fatores da performance”. E o de *poema*, referindo-se ao texto (e, se for o caso, a melodia) da obra, “sem consideração aos outros fatores da performance”. (Ibidem, p. 220)

⁸ Ibidem, p. 55.

⁹ Não intenciono, contudo, apontar a arte popular dos caipiras em Assis (ou qualquer expressão da arte popular) como superior, pura, de raiz e representante maior da linguagem de um povo. Entre essa arte (ou esse modo de expressão cultural) e a arte (ou a cultura) letrada, culta, erudita, acadêmica, é preferível ter a consciência de que são diferentes, nem maior, nem menor. Alfredo Bosi no artigo “Plural, mas não caótico”, publicado na coletânea *Cultura brasileira – temas e situações* (São Paulo: Ática, 1987), aponta para necessidade de um “*conheça-te a ti mesmo* como produto do processo histórico”, citando Antonio Gramsci. “Não existe uma cultura brasileira homogênea, matriz dos nossos comportamentos e dos nossos discursos (...) A cultura das classes populares encontra-se, em certas situações, com a cultura de massa; esta, com a cultura erudita; e vice-versa”, comenta Bosi. Acredito que é a partir da diferença que podemos encontrar os elos comuns. Nesse sentido, às Letras, a História, enfim às ciências humanas, quando em contato com a cultura popular, em particular quando estiver proporcionando o estudo dessa vertente, cabe o papel de possibilitar compreender as *linguagens regionais* como parte do universal, sem tirar-lhe a autonomia e, ao mesmo tempo, usando de sua autonomia intelectual para compreender, investigar e registrar essa manifestação, tal como ela faz com os produtos por ela gerados.

¹⁰ Ibidem, p. 139.

¹¹ Ibidem, p. 139.

*Deus quando fez este mundo/com grande satisfação/primeiro ele fez o céu/prá depois fazer o chão/fez a noite, fez estrela/é uma bonita invenção/fez o sol e fez a lua/que no mundo faz clarão.*¹³ Assim feita, se constrói enquanto tradição, tendo na oralidade o instrumento de continuidade.

O que para Zumthor pode ser posto como um ponto de chegada, em relação a Ariano Suassuna, pode ser entendido como ponto de partida ao afirmar que a nossa literatura popular é fruto de uma arte literária de origem ibérica difundida por trovadores na Europa anterior às conquistas marítimas.

Entendo enquanto ponto de chegada para Zumthor, pois a sua obra discute a importância da difusão oral da poesia medieval; desse modo, a era que sucede a Idade Média, a era das navegações e do Humanismo, na Europa, também é o período em que o *uso da escrita e o lento desmoronamento das estruturas feudais* vão arruinar o *prestígio dos recitadores, cantores profissionais de histórias*; a *imprensa os fez cair numa espécie de subproletariado cultural. Sua grande época se estendeu do século X ao XII* [na França]¹⁴ e do séculos XIV, XV, XVI ao XVII na Península Ibérica.

A escrita disseminada determina um outro padrão para a compreensão da literatura. A oralidade perdendo o seu espaço na divulgação da poesia na Europa, aos poucos, vai sendo substituída pelo texto escrito. A obra de

¹² Moda “Mamãe me disse”, de Benedito Ferreira de Paula, o Piracaia, registrada na íntegra na *Antologia poética caipira paulista dos trovadores do Vale do Paranapanema - cidade de Assis*.

¹³ Idem, “Deus quando fez o mundo”, moda de Piracaia

¹⁴ ZUMTHOR: 1993, p. 57-60

Zumthor em questão, porém, em nenhum momento diz que um supera outro definitivamente; a nova era que se estabelecia com o findar da Idade Média, singularmente necessitava de outros modos de registro que assegurasse o conhecimento recém-liberto das amarras eclesiásticas. Embora se possa falar em “decadência dos menestréis”, o chamado por Zumthor de “subproletariado cultural”, resultante dessas transformações, continuará, Renascimento adentro, desempenhando sua arte, da Espanha a Portugal, dos Balcãs à Irlanda, da Hungria, Alemanha à Rússia, esses menestréis detinham um vasto repertório tão característico da sua arte ambulante que à sua atividade era dado o nome de “arte de ciego”¹⁵, mesmo não possuindo tal deficiência, comenta o autor.

Findada a era medieval, tem-se início as navegações exploradoras, e será via mar que nos chegará a forma européia, em particular, a ibérica de composição poética.

Portugueses desembarcados na terra, trarão para o *continente brasileiro* histórias, personagens, métrica, instrumentos, religião e ideais gerados na metrópole. A nova terra, por sua vez, determinará o uso de todas essas concepções, adequando-as bruscamente a princípio e configurando-as lentamente no decorrer dos séculos.

Ariano Suassuna em suas “Notas sobre o romanceiro popular do nordeste”, ao referir-se à nossa formação cultural, a chama de *dilaceramento*,

¹⁵ “Sem dúvida, numa sociedade em que nenhuma instituição assegura nem o cuidado nem a reinserção do cego, a solução mais óbvia de seu problema é a mendicância, (...) a enfermidade significa o poder dos deuses e cuja

povo dilacerado, e com uma conseqüente *literatura dilacerada*, fruto de culturas diferentes unidas à força.

Fruto da observação crítica e pessoal sobre o experimentalismo de origem européia vivenciados em particular nos primeiros cinqüenta anos do século 20, Ariano é taxativo ao afirmar que estamos num “beco sem saída” da literatura e arte contemporâneas. A construção de uma *arte nacional erudita*, afirma Ariano, teria que se pautar nas raízes populares.

“Erudito” no ensaio de Suassuna, sofre restrição semântica, designando aquilo que se realiza (ou que se recria) segundo a *força criadora* de cada indivíduo com princípios estéticos definidos e amparados na ascendência regional/universal. Percebe-se no texto de Suassuna que a sua preocupação fundamental é a necessidade da convergência para a arte popular, pois ela constitui o que ele designa de *tradição viva, abridora de caminhos, fonte para uma Literatura erudita realmente nossa*¹⁶.

A noção de *fonte* (da literatura, da arte erudita) em Ariano muitas vezes é e será ressaltada. A poesia (e a literatura) do povo, segundo ele, é herdeira dum romanceiro medieval. Contudo ressalta: *o nosso não é mais o Romanceiro Medieval ibérico*. Nesse sentido, a postura de Suassuna vai ao encontro da de Zumthor: *às vezes, o espaço e o tempo comportam zonas extensas de silêncio em que o pesquisador, alerta, ouve ressoar como eco as vozes ouvidas em outra parte; assim, o teatro napolitano e siciliano comprovado desde o século XVIII, ou*

‘Segunda vista’ entra em relação com o avesso das coisas, homens livres da visão comum, reduzidos a ser para nós só voz pura” (idem, p. 58)

¹⁶ SUASSUNA, A. . Notas sobre o Romanceiro popular do nordeste. In: _____. *Seleção em prosa e*

*em parte, o repertório dos poetas populares do nordeste brasileiro dariam provas da continuidade oral da epopéia Carolíngia, posterior, senão anterior, a seu período escrito e talvez paralelamente a ele.*¹⁷

Mais do que afirmar a origem luso-hispânica do nosso romanceiro, convém destacar, e isso ressaltam Ariano e Zumthor, que toda tradição comporta a soma das influências e as mudanças ocasionais. A isso Paul Zumthor denomina de *movência*, a capacidade da voz interferir, criar variantes a partir de um hipotético texto base. Cito um exemplo envolvendo dois textos caipiras (senão o mesmo texto) que o “acaso da pesquisa” me apresentou:

Na primeira década do século 20, Cornélio Pires, informou ao seu primo, o jornalista e pesquisador Amadeu Amaral, autor do livro *Tradições populares*¹⁸, “fragmentos de certa moda colhida em Piracicaba”, com os seguintes versos:

*A vida da gente pobre
Padece, nem tem altura.
A vida da gente rica
Arregala e tem fartura.*

*O rico levanta cedo
Toma café com mistura.
O pobre bebe guarapa,
Quase sempre sem doçura.*

*A sobremesa do rico,
Marmelada e rapadura.
O doce de gente pobre,
Miolo de abóbora madura.*

verso. Rio de Janeiro: José Olympio/Brasília: INL, 1974, p. 164.

¹⁷ Op. cit., p. 153

¹⁸ AMARAL, Amadeu. *Tradições populares*. 3ª ed. São Paulo: Hucitec/Brasília: INL, 1982, 411 p.

*A roupa de gente rica,
Fazenda boa que dura.
O trapo de gente pobre
É só remendo e costura.*

*Gente rica fica doente,
Vem logo doutor e cura.
Quando o pobre fica doente,
O remédio é a sepultura.*

*Cavalo de gente rica,
Tem passo e tem andadura.
A égua de gente pobre,
É calombo e pisadura.*

*O Rico que comer peixe,
No mercado ele procura.
O pobre agarra na vara
E sai pra noite às escura.*

*A perna de moça rica
É bonita e tem grossura.
Cambito de moça pobre
Inda perde pra saracura.*

*Quando gente pobre morre,
Vai gozar lá nas altura.
O rico vai é pros quinto
Fervendo na fervura.*

Comparando a moda acima com o cateretê do violeiro assisense Piracaia intitulado “O pobre nasceu no mundo”:

*O pobre nasceu no mundo
Foi só pra passar ‘margura:
Trabalha a semana inteira
E vive na dependura.
Dorme numa cama véia,
Come feijão sem gordura:
O pobre descansa o corpo
Quando vai pra sepultura!*

*A mulher do homem pobre
O povo tudo censura;
Vive seca que nem lenha
C'a criança na cintura.
Os dente tudo estragado,
Não pode por dentadura;
E o salário é muito pouco
Que a crise tá muito dura.*

*A mulher do homem rico
Ela vive na fartura:
Tem conforto e tem beleza
Quando entra na pintura,
Ela vai na penteadeira
Nem que seja uma feiura,
Ela pensa que o cabelo
Que compõe a formosura!*

*O homem que tem dinheiro
No mundo é uma gostosura:
Come, bebe, veste bem,
Dinheiro tem de fartura;
Quando morre deixa tudo
Pr'os filho fazer bravura,
Sendo rico e orgulhoso
Vai sofrer lá nas escuras!*

Percebe-se que há elementos comuns, senão idênticos em sentido, nas duas composições. É mantida a estrutura monorrímica em “-ura” e os enredos são muito semelhantes. Aparentemente as transformações ocorridas de maior importância se dão na estrutura musical, pois segundo as informações de Amadeu Amaral, a primeira composição é uma moda-de-viola e, a versão de Piracaia, é um cateretê, embora ambos gêneros tenham uma raiz musical comum. Altera-se também a disposição estrófica: ao invés de quadras, o violeiro assisense adota estrofes de oito versos.

Ainda em relação às duas composições, não é possível definir quem é o autor e muito menos a época em que foram feitas.¹⁹

* * *

Em termos gerais, as “Notas” de Ariano são importantes na medida em que apontam e discutem o olhar sobre a arte literária do povo, não a vendo enquanto elemento exótico, curioso, mas dando a ela dimensão de grandiosidade, de matriz criativa e com força estética própria²⁰. Segundo ainda os critérios de Suassuna, é essa arte que pode proporcionar a criação de uma *literatura nacional*, uma literatura de identidade, que apesar de ter raízes ibéricas, já se diferenciaria ao se concretizar mestiça, aclimatada às terras do Brasil e personificada pelo povo. Seria uma literatura com jeito de Pedro Dinis Quaderna, o protagonista de *A Pedra do Reino*²¹, que busca nas suas origens o mote para a criação de uma grande obra.

¹⁹ “é uma história anônima em diáspora no continente caipira” (ZAMBONI: 1986)

²⁰ “Creio que somente cultivando nossas originalidades que poderemos contribuir com uma nota realmente brasileira e importante para o concerto universal, que não deve ser uniformemente monótono, na busca de um impossível e indesejável ‘esperanto cultural’, mas sim enriquecido harmoniosamente por todas as vozes. É por terem sido tão espanhóis, tão russos, tão ingleses ou tão italianos, que Cervantes e Unamuno, Dostoievski, Tolstói e Gogol, Shakespeare e Fielding, Boccaccio e Goldoni me tocam tanto a mim, como brasileiro.” Ibidem, p. 166

²¹ “O que me impressionava, nisso, eram os nomes dos lugares e o fato de, na lista, os Doze Pares de França serem vinte. Um dia, perguntei a Tia Filipa onde eram todos aqueles lugares maravilhosos, chamados Lorena, Alemanha, Baviera, Gênova e Bruxelas. Ela respondeu:

— Não sei direito não, Dinis, mas deve ser longe como o diabo, ali perto da Turquia, já quase na beira do mundo! Em Serra Talhada, existe uma família Lorena: portanto esses lugares devem ser pra lá do Sertão do Pajeú, de Serra Talhada pra cima, mais sessenta léguas! Ou então, é pr’os lados do Piauí, entre a Turquia e a Alemanha! A guerra do Doutor Santa Cruz contra o Governo da Paraíba, parece que foi pr’aquelas bandas, em 1912: mas o que eu me admiro é que uns chamam ela de a “Guerra dos Doze”, e outros de “A Guerra dos Catorze”, e a gente fica sem saber quantos se meteram nela, se foram doze ou catorze! Meteram-se nela um tal de Togo do Japão, o Caisalamão, Antônio Silvino, os Pereiras, Dom Sebastião, Carlos Magno, os Viriatos, esse pessoal guerreiro todo! Digo isso porque, naquele tempo, eu perguntei a seu Pai: — “Justino, sabe me dizer se a Paraíba está metida nesta guerra que está havendo aí?” Ele respondeu: — “Filipa, a Paraíba é do Brasil, e o Brasil está!” Ai, eu perguntei: — “A favor ou contra a Alemanha?” Aí ele disse: — “Contra o Casailamão!” Eu perguntei, de novo: — “Contra o

Dos autores referidos, de Zumthor destaco a importância da *performance*, ela é uma das peças fundamentais para a melhor compreensão duma literatura oral realizada paralela à música. De Suassuna, vejo a importância do olhar crítico sobre a arte do povo, um olhar que se deixa encantar pela estética, pela originalidade e que busca unir o conhecimento erudito com as tradições culturais do povo no intento de informar, de apontar e de permitir que cada um (re)crie na medida da força criativa.

2 - REFLEXÕES DE UM VIOLEIROS SOBRE SUA POESIA

Nesta parte da dissertação em que aponto aspectos teóricos, considero conveniente destacar algumas reflexões sobre a poesia da viola em Assis elaboradas pelo violeiro Nestor José Cassiano a partir de uma entrevista²² a mim dada em sua casa, na Vila Adileta.

Dia 21 de junho de 1996. Cheguei na casa de Cassianinho às 18 horas para uma conversa sobre moda-de-viola, ao contrário dos nossos encontros anteriores em que fomos ouvir modas nas casas dos seus amigos violeiros.

quê?” Seu pai disse: — “Conta a Alemanha! O Caisalamão é o Rei da Alemanha!” Aí eu perguntei: “E se a Alemanha ganhar a guerra, você acha que vão tomar as terra do nosso Compadre Pedro Sebastião?” Justino respondeu: — “Essa gente de Governo é tão ruim, que são capazes de tomar!” Eu, com raiva, falei: — “Tá, é da vez que eu largo esse Brasil e vou me embora pr’o Ceará!”

SUASSUNA, A. *Romance d’A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-volta*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972, p. 57.

²² Entrevista parte do artigo “Dois violeiros de Assis”, publicado na Revista *Papéis Avulsos*.

Cassianinho, no decorrer da nossa conversa, falou: *Esse mundo velho eu conheço todo a casco de burro*. E conhece mesmo! Viu Assis crescer (e olha que não faz muito tempo). Também sabe ser crítico em relação a uma boa moda-de-violão, pois as conhece muito bem. Tanto é que cada trecho dessa conversa daria assunto para uma boa moda.

Que esse homem fale...

Então vamos bater um papinho e descobrir o negócio lá atrás da serra.

Meu nome é Nestor José Cassiano, o Cassianinho, nasci em 1933, na cidade de Platina (SP), sou casado, tenho cinco filhos, sou funcionário público aposentado, fui barbeiro nas horas vagas e toco violão.

Meu pai chama-se Onório José Cassiano, o Cassiano. Nasceu em 1910, na Água do Prato, município de Platina. Aprendeu a tocar violão com os melhores violeiros da época: Quinzão, Júlio Andrade, violeiro muito antigo e famoso, com Patrocínio Tarso de Campos. Aprendeu, também, com Antônio Beatriz, um negro, filho de escrava de Platina e excelente violeiro.

Os avós de meu pai eram mineiros e chegaram na região no final do século passado. O pai de minha avó veio para trabalhar no plantio de café nas terras que seriam Cândido Mota .

Quando minha avó (Maria Claudina de Jesus) chegou em Assis, só havia umas casinhas de sapé com chão de terra batida e rebocada com barro, a qual

depois de feita dava até para viver bem. Essas casinhas eram próximas do que hoje é a catedral de Assis.

A minha avó também era violeira. Já o meu avô era curandeiro, que deu muito remédio para as pessoas nesses sertão. Outros parentes, por parte da minha avó, eram domadores de burro.

Eu sou violeiro, porque acompanhei meu pai durante muito tempo. Fui criado num lombo de cavalo, viajávamos tocando gado para corte em Presidente Prudente, Mato Grosso²³, Campos Novos Paulista entre outros lugares. Esse mundo velho eu conheço tudo a casco de burro. E foi nessas viagens que aprendi a tocar viola.²⁴

As estradas naquela época eram trilhas no meio do mato. Não existiam as rodovias que temos hoje. Isso por volta de 1950. Deste modo eu, na juventude, ajudava meu pai no transporte de bovinos.

Na década de 60, eu participei de muitos programas que eram transmitidos 'ao vivo' pela Rádio Difusora de Assis. (Infelizmente dessa época nada ficou registrado). Cantei com Dito Piracaia e também com um irmão meu nas cidades de Londrina, Sertaneja (PR), Presidente Prudente, Palmital, Assis, etc.

Naquele tempo...

Não existia rádio, nem televisão, quem falava, anunciava a notícia era o violeiro.

²³ Na verdade, Mato Grosso do Sul, na região de fronteira de Estados.

Por exemplo, um violeiro ia passear em São Paulo, lá ele via uma coisa diferente, uma coisa bonita, ele bolava aquele assunto (que compõe a letra) e colocava a toada (a música) e, assim, transmitia aquele fato através da moda-de-viola para as pessoas do sertão, que não tinham oportunidade de ver e nem sabiam como era.

O transporte era muito difícil. Muitas vezes se faziam viagens em carroças ou carros de boi. Quem tinha um carro bom, possuía uma baratinha (Chevrolet), nem caminhão havia direito... Isso em 1945, aproximadamente.

Os violeiros do passado e a atualidade

Os primeiros violeiros apareceram na região por volta de 1915. A região de Assis deu grandes tocadores de viola, bons compositores e foliões de reis. Jacó e Jacozinho aprenderam a cantar conosco. O pai deles, Seu Gabriel Jacó, era um excelente violeiro que conviveu com Quinzão, um dos maiores violeiros do passado.

Há uns quarenta anos atrás, os mais famosos violeiros eram Quinzão da Água do Prato (em Platina), Gabriel Jacó e João Piedade²⁵ (em Assis), Júlio Andrade (em Platina) e Patrocínio Tarso de Campos (de Paraguaçu Paulista). Esses violeiros, hoje todos falecidos, numa festa sempre eram os primeiros a se apresentarem.

²⁴ Uma moda que exemplifica uma dessas viagens é “Mula pampa”, de Raimundinho, constante na Antologia dos Trovadores do Vale do Paranapanema.

²⁵ A família Piedade também é conhecida por realizar a Dança de São Gonçalo.

Quinzão era Joaquim. Apelidaram ele desta forma por ser grande no desempenho da viola.

Seu Júlio Andrade era natural da região de Tatuí (SP). Tem uma moda dele que diz assim: Eu sou natural de Tatuí/Distrito de Pederneiras/Gostava de divertir/Eu ia nas pagodeira/Levava minha viola/Afinada na canuti atueira/Eu não sei o que que tem/ Que rosa molhada/Quase não cheira.

Ele costumava terminar quase todos os fins dos seus versos em -eira.

A moda-de-viola e a catira, depois que apareceram o rádio e a televisão, perderam o seu espaço e parece que a nova geração não tem tanto interesse como os antigos.

O meio de diversão dos mais antigos era o som da viola; admirava-se a competência em se fazer uma moda. Aquele músico que fizesse a música mais bonita, logo era o mais privilegiado.

Antigamente, numa festa, se contava quinze ou mais violeiros que, com suas músicas, transmitiam tudo.

Um violeiro, antes, se dedicava à viola por gostar e, assim, acabava sendo um bom e querido músico. Era do mesmo modo que um jogador de futebol, no passado, que fazia o impossível com uma bola para ser um bom jogador. Já, hoje em dia, tanto o jogador de futebol, quanto o violeiro, praticam suas artes apenas para ganhar dinheiro.

Os violeiros, na atualidade, não cantam e nem compõem como os do passado, que tiravam de si e dos fatos que o cercavam. Arrolavam um assunto, faziam a letra e colocavam a música.

Reflexões sobre a poesia da viola

A letra de uma moda-de-viola é uma poesia cantada. O que repercute numa moda é a música: se se quer uma música alegre, coloca-se uma toada alegre, todo mundo gosta e dá risada. Caso se queira uma música triste, coloca-se uma toada do mesmo jeito, que todo mundo fica de cabeça baixa e chega até a chorar...

As modas nascem dependendo do fato, de um acontecimento que o violeiro coloca em versos.

Os versos de uma moda tem que rimar (intercalados), quando isso não acontece, dizia-se, antigamente, que a letra ficava manchada.²⁶

As moda mais antigas eram compostas de trovas (=estrofes)²⁷ de quatro, seis ou oito versos.

Para expressar os seus sentimentos, os violeiros falam uma coisa, mas transmitiam outras, ou seja, eles usam de metáfora²⁸, pois se eles quiserem transmitir tudo aquilo certinho é muito difícil.

Processo de composição

Uma coisa engraçada: antigamente, os bons violeiros não sabiam ler ou escrever e, quando sabiam, era muito pouco. E, mesmo assim, cantavam de modo que todos entendiam.

²⁶ Cornélio Pires, em *Sambas e cateretês*, cita o termo “a quadra está ruim”, quando o violeiro não tem muito sucesso com o seu poema.

²⁷ Os violeiros de Assis também denominam a estrofe de verso.

As músicas dos violeiros mais antigos, dessa foram, eram feitas e decoradas aos poucos e, geralmente, os bons violeiros não decoravam músicas de outros. E quando uma música não se prestava a uma finalidade, se fazia outra.

Infelizmente, devido a isso, muitas modas boas se perderam, pois os violeiros não se preocupavam em preservar. Eu, no entanto, sei as músicas de vários violeiros antigos, porque me preocupei em aprender e gravar essas modas-de-viola.

* * *

3 –ASPECTOS FORMAIS DA POESIA CAIPIRA EM ASSIS.

“É coisa bem sabida que em todos os tempos, o canto viveu em luta com a poesia (...) Parecem ambas estas artes fundir-se num só base estrutural comum – o ritmo (...)”²⁹

3.1 – As estrofes.

Páginas atrás comentei que o objeto de estudo deste trabalho é produção poética dos caipiras assisenses vinculada à música. Apesar de a moda-de-viola ser um dos mais representativos gêneros do Vale do Paranapanema, outras modalidades poéticas-musicais participaram desta pesquisa, uma vez que o principal enfoque era a letra, o poema.

²⁸ O violeiro Nestor completou o ensino fundamental.

Desde o início do século 20 a poesia caipira vem sendo objeto de estudo. Situam-se como os de maior importância os ensaios de Amadeu Amaral, organizados posteriormente em livro, *Tradições populares*, no qual aborda enfaticamente a necessidade de se estudar as tradições do povo com métodos e meios para a sua preservação. Outro estudo, bem menos sistemático, foram os feitos por Cornélio Pires, transportados de forma criativa para seus livros ou abordados com caráter de pesquisa, como é o caso de *Sambas e cateretês*, subtulado *folclore paulista: modas-de-viola, recortado, quadrinhas, abecês etc.* Tratam-se notas explicativas que antecede os poemas coletados por Cornélio na região de Piracicaba.

Em ambos os casos, o ponto de partida para o estudo da forma poética caipira é o que prevalece nos manuais de literatura. Complementa ainda estes estudos alguns termos tomados do modo como o caipira compreende a sua poesia.

Embora as terminologias apontadas por Cornélio e Amadeu sofram variações regionais, são elas que têm guiado os estudos atuais sobre a poesia caipira.

Em Assis, dá-se o nome de *verso* à estrofe de oito linhas. Mas também, já ouvi o termo *verso* referindo-se à quadra, tal qual como apontam Cornélio e Amadeu. Outras disposições estróficas também são comuns, são os casos das de seis versos, combinada com uma de quatro, ou uma de oito combinada com uma de quatro formando uma unidade semântica:

²⁹ ANDRADE, Mário de. *Aspectos da música brasileira*. São Paulo: Martins Editora/Brasília: INL, 1975,

*Agora eu tô me lembrando
Quando eu era criancinha
Andava de braço em braço
Recebi muita boquinha.*

*Eu beijei uma moça branca
E também uma moreninha,
Quando a branca me beijava
Eu dava uma risadinha
A garota de uma banda
Só falava: — ô belezinha!*

Vale ressaltar, que ao transcrever os poemas caipiras, adotei um critério fono-semântico para estabelecer as divisões e pausas dos versos e das estrofes. FONTO, refiro-me ao “senso de pausa” dado pelo violero ao parar de pontear a viola, tangendo todas as cordas em seguida, ou pela suspensão momentânea do som do instrumento e/ou da voz. SEMÂNTICO, por verificar a presença de “idéias completas” no findar de uma estrofe ou no desenrolar dos versos, a partir disso, é que estabeleci a quantia de versos por estrofe, tomando ainda como base as convenções literárias.

A partir desse critério fono-semântico, foi-me possível estabelecer as pontuações adotadas nos poemas. Embora essa “norma” me tenha sido eficiente, julgo que ela não seja definitiva em relação às transcrições feitas.

Cornélio Pires, em *Sambas e cateretês*, menciona que às quadras, os caipiras³⁰ denominam de *verso de dois pés*; à sextilha, *verso de três pés*; e à oitava, *versos dobrados* ou *moda dobrada*.³¹ Amadeu Amaral também parte

p. 247.

³⁰ Boa parte das recolhidas de Cornélio refere-se à região de Piracicaba.

³¹ “pés”, na concepção caipira, apontada por Cornélio Pires e Amadeu Amaral, referem-se aos versos intercalados que estabelecem a rima do poema: *A vida da gente pobre/ padece não tem altura/ A vida da gente rica,/ arregala e tem fartura*. PIRES.

desse princípio ao analisar as poesias presentes em sua obra: *a disposição estrófica baseia-se na quadra, que os cantadores denominam de verso. Quando uma estrofe é uma oitava, eqüivalendo, pois, a duas quadras, a moda é dobrada. (...) Se se trata de sextilha, temos então a moda de verso e meio.*³²

Outra característica estrófica da moda caipira, e também presente nas poesias dos violeiros assisenses, são os *levantes e voltas*³³. O *levante* configura-se, geralmente, como um dístico isolado, ou como dois versos que corresponderão aos dois primeiros da primeira estrofe da moda-de-viola. Há casos em que esses dois versos são repetidos mais de uma vez antes do início do enredo e ocorre ainda aparecerem como uma quadra isolada. Na maioria dos casos, segue, após os versos do levante, um “conjunto de ai, ai”:

*Me ajude companheiro ai, ai, ai/ Que eu também te ajudarei ai, ai, ai/
Encobrirás a minha falta ai, ai, ai/ Que a sua eu cobrirei ai, ai, ai.*³⁴ Recurso que dá às modas um maior caráter dramático.

As *voltas* ocorrem antecipando o final do enredo, ou seja, antes da última estrofe. Ocupam um lugar entre o clímax e a conclusão, retomando, novamente, a função dramática do *levante*, uma vez que, também, apresentam os “ai, ai”. Numa função anterior ao disco, nesse momento da moda-de-viola,

³² AMARAL, Amadeu. *Tradições populares*. 3ª ed. São Paulo: Hucitec/Brasília:

³³ Amadeu Amaral comenta: “como os vilancetes e outras composições de Portugal, a moda tem, próximo ao final, uma *volta*. A *volta* consta sempre de um ou dois versos isolados.” (AMARAL: 1982, p. 128)

³⁴ Levante da moda “Mula Pampa”, de Raimundinho. Segundo Romildo Sant’anna, em palestra dada no ciclo *Signo poético*, promovido pelo Departamento de Lingüística da FCL/Unesp-Assis, em 23.10.1995, os “ai, ai,” presente nas modas-de-viola, é uma reminiscência do coro da tragédia grega.

era comum ocorrer alguns passos de catira, do mesmo modo como era comum a ocorrência desse sapateado antes e depois do *levante*.

Chamadas também de *baixão* em alguns casos, as *voltas* configuram-se como versos isolados apresentando-se em número de dois ou quatro. Não há muita clareza sobre as duas designações (*baixão*/*volta*), Amadeu Amaral explica que a *volta* corresponde a dois versos isolados na parte final do poema, e, que, *baixão* indica o final completo da composição aparecendo em forma de quadra, funcionando como uma espécie de “moral da história” e “adotando um tom grave, diverso do restante do corpo [da moda]”³⁵.

Entre os violeiros assisenses mais antigos, na *volta*, é muito comum o alteamento das vozes, o que dá ao poema uma excepcional dramaticidade.

3.2 – Versos/rimas.

Em relação às rimas, predomina entre os violeiros de Assis a métrica penta ou setissilábica³⁶, com conformação monorrímica no versos pares. No entanto, isso não é regra, há variações bastante divergentes, como é o caso das presentes nas moda do violeiro Leoni Ferreira da Silva. Neste, o uso da métrica convencional ocorre, porém, em alguns casos “inova” muito na configuração:

³⁵ Op. cit., p. 168.

TANTOS AMORES

1ª unidade semântica:

A- *Eu recordo o tempinho passado,* — 9 sílabas
B - *da infância do meu coração,* — 8 sílabas
C - *quem nasceu pra ser cinquenta réis* - 9 sílabas
B - *nunca chega ao valor de um tostão.* - 9 sílabas

D - *Eu nasci pra viver alegrinho,* — 9 sílabas
B - *divertir com violeiros campeão,* — 9 sílabas
E - *onde chega um cantador de fama* — 9 sílabas
B - *o pessoal pisa bem macio no chão.* — 10 sílabas

F - *Eu pego na viola* - 6 sílabas
B - *e faço a saudação,* — 6 sílabas
G - *algum voto que ganho* — 6 sílabas
B - *o pesar que me dão.* — 6 sílabas

H- *As meninas me agradam* - 6 sílabas
B- *e do jeito que estão* — 6 sílabas
I- *espatifa o cabelo* - 6 sílabas
B- *e desmancha a feição.* — 6 sílabas

J - *O rapais que namora* — 6 sílabas
B - *e fumá tapiação,* — 6 sílabas
L - *o cuidado que eu tenho* — 6 sílabas
B - *é com as imitação.* — 6 sílabas.

Neste ponto encerra-se uma unidade semântica. A partir da próxima estrofe, também ocorrerá a mudança de rima. Percebe-se que nas duas primeiras estrofes, o violeiro desenvolve o verso com uma média de nove sílabas, da terceira até o final da unidade semântica predominam versos com seis.

2ª unidade semântica: *A primeira veis que eu namorei,
nem quinze anos inda não tinha,
de inclinação me disciplinei,
aprendi namorá em toda linha.*

*O craveiro quando abre um botão,
a roseira se encobre de espinho,*

³⁶ Opto neste trabalho pelo *padrão agudo*. “(...) para finais de versos, não leva em consideração, na contagem, as sílabas posteriores à última forte de cada verso” (CHOCIAIY, Rogério E. *Teoria do verso*. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1974, p. 11)

*assim fais um rapais que namora,
sofre tanto rigor mas recebe carinho.*

*Os versinho saudoso
que eu canto no pinho
já prendi uma espanhola
e duas italianinha.*

*Agradei uma cabocla
porque é engraçadinha,
pediu pra mamãe
e contou pra madrinha.*

*É certeza que eu caso
com esta pequitinha,
ó que feição mimosa
viçosa e novinha!*

3ª unidade semântica: *Se eu contar dos amor que eu amei,
certamente ocê vê o desengano,
a custa de andá de viola
desde a infância eu vinha apriciando,*

*Quem julgá que eu fui desprezado
vai prová que o amor está sobrando,
a respeito fazê cavação em tudo lugar
que chego sô pior do que cigano.*

*Um dia deste na vila
eu tive apriciano,
deixei dum amor
que em janeiro feis ano.*

*E tem duas garota
que tão me arrudiano,
eu logrei uma paulista
e levei uma baiana.*

*Inda lembrei do tempo
que namorei a Joana,
cabocla marvada
e de coração tirano.*

4ª unidade semântica: *A mamãe um dia deste me disse
que eus estou moço e preciso casá
porque levo a muié na conversa,
pra vivê deste jeito não dá.*

Lá no bairro do lugá que eu moro

*já vi que preciso mudá,
no lugá que meu bem tá morano
tem arigó pelejano
pra podê me quebrá. – estrofe com 5 versos.*

*Todo dia de folga
vou pra visitá
não tem hora marcada
que eu possa chegá.*

*O almofadinha abéra
eu não deixo ligá,
té com Santo Antônio
ele vai se apegá.*

*só você minha bela
pode se gává
porque é a estrela
que brilha aqui neste lugá.*

5ª unidade semântica: *Eu me lembro com muita saude
aquele tempo que deixei pra trás,
tanto amor que já me pertencia,
hoje em dia nem me lembro mais.*

*Eu recebo só vossos carinhos,
aqueles outra nem me lembro as quais,
elas choram, recramam da sorte,
têm ciúme de morte
e pra mim tanto fais. – estrofe com 5 versos.*

*Eu gostei da pequena,
que é por demais,
o meu botão de rosa,
minha flor de ananais.*

*Já pedi de favor
que eu fale com papai,
na festa que eu chego
no salão que ela sai.*

*Aquele beijo e um abraço:
— Você, como vai?
— Vou cantando modinha,
só assim me distrai.*

A ocorrência de versos com 6, 8, 9, 10, 11 sílabas é comum quando se trata das composições do violeiro Leoni. É um caso à parte e que, geralmente,

não agrada a maioria dos violeiros, diz-se, nestes casos, que a *moda está manchada*, conforme colocação do violeiro Nestor Cassiano em entrevista transcrita páginas atrás.

Como já exposto, a poesia caipira de Leoni, se coloca como particular e com feições individuais dentro do universo poético caipira na cidade de Assis. Em contrapartida, o que prevalece, na maioria dos casos estudados, é métrica tradicional de 5 ou 7 sílabas poéticas, rimando nos versos pares de modo monorrímico, com versos brancos nas linhas ímpares.

Vale destacar que no caso deste estudo, voltado não somente para a moda-de-viola, mas para toda manifestação poética-musical, a métrica sofre variações também em função do ritmo da música, pois tem que se adequar a ela no decorrer do processo criativo.

No cateretê “Mamãe me disse”, de Piracaia, ocorre um caso especial, dentre as composições poéticas-musicais: um poema integral feito em versos de 12 sílabas, o único caso observado não só em relação à sua produção, mas em toda obra dos outros violeiros de Assis.

*Mamãe me disse que eu perdi minha vergonha,
Pois é mentira eu nunca perco opinião.
Se eu namoro essa menina é porque eu gosto,
Ela me ama com grande satisfação.
Se eu não trabalho é porque eu sou desempregado;
Mamãe reclama porque ela tem razão,
Pois a menina ainda é menor de idade
E o pai dela é mais bravo do que leão!*

*Um dia desse eu fui passear na casa dela,
Ela esperava sentadinha no portão.
Eu fui chegando muito alegre e satisfeito,
Na mesma hora eu disse adeus, peguei na mão.
Nós conversemo mais ou menos às onze hora,
Batendo papo no meio da escuridão.*

*E o pai dela tava tremendo de frio
'Quentando fogo na em cima do fogão!*

*Se eu não casar com essa menina eu fico louco,
Porque a garota é delicada de feição.
Eu reconheço que sou pobre e não mereço,
E o pai dela tem dinheiro e é ricão.
Não me interessa na riqueza que ele tem,
Porque eu sou pobre, mas eu tenho profissão.
E na viola eu canto moda pra menina
E ela gosta e tudo mundo acha bão!*

*E o pai dela prometeu de me matar
Eu tenho medo porque o velho é valentão.
Pois a menina 'inda quer fugir comigo,
A minha vida neste mundo não está bão.
Eu vou se embora para escapar desse enguiço,
Na outra terra eu vou cuidar da religião;
Eu vou na missa todo dia bem cedinho
Eu deixo tudo porque o mundo é de ilusão!*

Piracaia foi um grande poeta, excepcional no seu fazer artístico, e herdeiro da tradição métrica portuguesa abordada em linguagem popular

3.3 – Temas recorrentes.

Observadas os 64 poemas que compõe a antologia deste trabalho, verifiquei a recorrência aos seguintes temas: amor, saudade, recordações, viagens (a trabalho ou a convite para uma festa), vida social, humor, crítica, moral, fantástico, morte, família, violeiro, política, progresso, religião.

Num segundo momento, ao agrupar essas recorrências por sentido ou semelhança, verifiquei que os possíveis temas abordados na poesia caipira assisense seriam por ordem de abordagem (da maior para a menor), os

seguintes: amor, vida social, moral, violeiro, crítica, humor, saudade e fantástico.

É importante destacar que, numa única composição, costuma aparecer mais de um tema ou há casos em que eles se misturam: a crítica muitas vezes se constrói ao lado da moral e da ironia, é o que ocorre com os poemas de Piracaia. As modas que enfocam viagens a trabalho ou um convite para uma festa, desenvolve-se paralela às conquistas amorosas. Ao abordar progresso, recorre-se à saudade, recordações, vida social, família, amor.

Observa-se, também, que, de um modo geral, o referencial a alguma localidade refere-se ao próprio Vale do Paranapanema ou, ao percurso Mato Grosso do Sul – São Paulo, somente em Piracaia e Joaquim Miguel da Silva, percebe-se referência a outras localidades.

3.4 - Recursos estilísticos.

Cada violeiro apresenta um modo particular de criação, não se pode pensar numa “única escola”, tal qual como concebemos um movimento literário. Percebe-se que há uma estrutura comum quando relacionada à métrica, estrofação e temas; no entanto, o modo de composição de um violeiro assemelha-se muito ao fazer artístico de um pintor *naïf*, que concebe, estabelece e cria, segundo seus critérios individuais, buscando o aprendizado da técnica por meio da experiência cotidiana.

Destaco dentre as poesias de Assis, as de Sertão, Piracaia e Leoni Ferreira, por se utilizarem de modo amplo alguns recursos enriquecedores nas suas poéticas.

Sertão recorre com freqüência ao uso das relações *violeiro (herói) X amada* e/ou *violeiro (herói da sua arte) X inimigos (os que vêm com pouco caso a destreza do violeiro)*. No trato amoroso, ora Sertão recorre à metonímia: (*Moça do cabelo preto/ toda vida eu gostei*)/ *Quando vim da minha terra/ cabelo preto lá deixei*. Ora à metáfora ou comparações: *Cobicei a cor morena ai, ai, ai/ É bonita toda hora/ Parece coma rosa branca ai, ai, ai/ Que murcha e não descora*. Já na relação *herói X inimigo*, o referencial é direto: *No braço dessa viola/ Vou fazer uma explicação:/ — É coisa que eu acho feia / Violeiro sem 'ducação;/ Quem quiser ganhar cartaz,/ Faz moda de sua invenção;/ Pra cantar moda-de-viola ai, ai/ Desconheço campeão!*

Piracaia tem um processo criativo pautado basicamente na relação direta entre poeta e ouvinte, o uso de metáforas é limitado. A grande marca desse músico-poeta é a carga satírica, crítica e humorística empregada às letras de seus poemas.

A poesia de Leoni é marcada, do mesmo modo que a de Piracaia, pela relação direta. Sobressai nas letras os temas saudades e recordações, principalmente nas poesias criadas entre 1984-1995, nas quais destaca o seu valor enquanto *violeiro gabola*, as amantes da juventude, as festas e a Revolução Constitucionalista.

ARRETIRANDO

prima, contra-prima
requinta, contra-requinta
turina, contra-turina
toeira, contra-toeira
canotilho, contra-canotilho.
são as cordas da minha viola!
e.s.m.



trabalho que ora finalizo nasceu comprometido com a idéia de que era necessário resgatar para preservar. De certo modo não fugiu à essa regra, mesmo tendo adquirido outro rumo, no qual se quer entender, apontar e talvez suggestionar possibilidades de encontro entre a poesia produzida pelo violeiro popular e a arte letrada que pode ser a da universidade ou dos livros. Os dois métodos, em certo sentido, se encontram.

Não posso negar que se tem nesta dissertação a preservação de um momento da produção poética caipira na cidade de Assis. É a descrição de um conjunto de *performances* vivenciadas e que, aqui, se põem como objeto de estudo, justificado por serem entendidas enquanto produto literário de origem

oral que tem na sua formação laços estreitos com a poesia medieval produzida na península ibérica, transportada para o Brasil no decorrer da sua formação.

Preserva-se circunstâncias particulares de exibição dessa arte poética. Caracteriza-se elementos que falam de uma época em que essa arte era corriqueira, desprendida da noção de *tempo cultural acelerado*³⁷, no qual a festa era o espaço oportuno e principal do encontro, da demonstração e do aprendizado. Um tipo de festa que se realizava de modo sazonal: o período junino, o ciclo natalino. Ou que se realizava oportunamente: o pagamento de uma promessa, o casamento, o batizado, o aniversário.

Rolando Boldrin, o músico-ator-poeta-produtor-caipira e quantas coisas mais que venha a garantir a sobrevivência do artista e da própria arte, no cateretê “Amor de violeiro”, gravado pelo par de belas vozes mineiras dos irmãos Pena Branca e Xavantinho, assim tange uns versos, os quais ordeno ao gosto do que toca esse momento: *no braço de uma viola/eu faço o meu cativeiro/Eu choro, a dor me consola/e doa a quem doa parceiro (...) Eu sou de agora e de sempre,/cantador de um mundo afora(...)/por isso eu sou violeiro/ e no braço de uma viola/(...) sinto a vida e sinto a morte... E salve a vida,/ salve a morte!/Salve a hora d’eu cantar (...)/Deus me deu tamanha sorte,/não sair do meu lugar. E, no braço de uma*

³⁷ Alfredo Bosi destaca que um dos principais diferenciadores entre a cultura letrada, urbana, moderna e a cultura rural, anterior às transformações de seus meios, é o sentido de tempo. “A montagem de bens simbólicos em ritmo industrial nos fornece um modelo de *tempo cultural acelerado*. (...) As representações devem durar pouco, ou só enquanto o público der mostras de consumí-las com agrado. Cumprida a fase da digestão amena, torna-se imperiosa a substituição dos signos e das séries, quando não de padrões de gosto inteiros”. Em contrapartida, define que o tempo da cultura popular rural é *cíclico*. “O seu fundamento é o retorno de situações e atos que a memória grupal reforça atribuindo-lhes valor.” (BOSI, A. Plural, mas não caótico. In: _____ (org). *Cultura brasileira: temas e situações*. São Paulo: Ática, 1987, p. 7-15.)

viola, /eu faço o meu cativo!

A viola cativa, isso é bem verdade, como estranho é o verbo que rege essa oração. Cativar é escravizar, mas também é “ganhar a simpatia de alguém”, seduzir e encantar. Por pieguice ou não, e que assim também possa ser, vem-me a lembrança a cena em que o *Pequeno Príncipe* de Antoine de Saint-Exupéry, se depara com uma raposa, e esta, pede a ele para que a cativa, pois só assim aquele ato do encontro teria importância na existência dos dois.

Hoje, ao concluir este trabalho, se me for colocada a questão porque pesquisei a produção dos violeiros de Assis, terei como resposta a palavra encanto, única e simplesmente porque fui cativado, porque me prendi e me prenderam nos gestos desses poetas que acabaram se tornando num modo caipira e musical de ser amigos.

Cativo dessa arte caipira, dela me “abasteci” com um maná de cores e sons. Aprendi mais do que contribuí, e se essa contribuição se faz é sabendo que esse trabalho, *Cordas do Panema*, é muito mais um *diário* de convivência e observação do que propriamente um estudo inovador e final.

Ariano Suassuna comenta que tem-se muito a aprender com a arte do povo, com a literatura cantada pelo poeta e sua viola. Esse mestre já deu a sua contribuição ao criar a sua *Pedra do Reino*, na qual une o rigor estético de um grande literato mais a boa safadeza da arte nordestina. Nós aqui de São Paulo, caipiras em essência ou em atos, estamos ainda matutando, ponteando a viola, esquentando a goela com pinga, aguardando a nossa hora e a vez que, aos poucos, desponta.

Talvez essa “hora” não venha surgir como um princípio estético ou como uma tendência na literatura. É bem verdade que estamos vivendo um modismo caipira. A EPTV, Empresa Pioneira de Televisão, uma afiliada à Rede Globo (nas regiões de Campinas e Ribeirão Preto), por exemplo, mantém um *site* exclusivamente para o que ela chama de cultura caipira. O “Sítio do Caipira”, junta pelos multimeios, culinária, informações sobre o folclore paulista, “causos”, trechos de entrevistas com personalidades do meio urbano-rural, personalidades, tais como, Tarsila do Amaral, Cornélio Pires, Monteiro Lobato, enfim tudo que aparente um elo com a cultura do habitante pioneiro do interior paulista.

Na literatura, o caipira não é personagem nova: Valdomiro Silveira, Monteiro Lobato, Cornélio Pires já exploraram essa figura. No teatro também ele aparece com a peça *Na carreira do Divino*³⁸, na qual se aborda a transformações dos seus meios de sobrevivência. Nas artes-plásticas, também está presente, se não ele propriamente, pelo menos o seu universo. Neste sentido, na arte *naif* tem-se os nomes de Silva, de Edna de Araraquara, de Ranchinho entre outros. Uns até poderiam indicar que Portinari, na arte Moderna, como um artista, que se não pintou o caipira *ipsis literis*, deixa transparecer em suas telas uma cor que lembra a terra vermelha paulista. Anterior ao Modernismo, em 1893, José Ferraz de Almeida Junior, como um registro naturalista, havia pintado o *Caipira picando fumo*.

³⁸ Texto de C. A. Soffredini. Dirigida por Paulo Betti. Montada aproximadamente em 1979, pelo Centro de Teatro da Unicamp, em parceria com a gravadora RCA-Victor.

Embora possamos reunir as abordagens artísticas em que figura o caipira paulista, ela não é coesa. Cada uma ocorreu em períodos e de modos distintos. Ao contrário do que se sugestionou com a criação do Movimento Armorial em Pernambuco, em São Paulo, pelo menos nos últimos 30 anos, ainda não se reuniu as variadas possibilidades de expressão que se pode suscitar a partir do universo cultural caipira. Não se trata, evidentemente, de um objetivo prioritário, talvez essa *reunião* ainda possa ocorrer. E que ocorra reunindo para se fazer conhecida, posteriormente para ser estudada e finalmente, como indica Ariano Suassuna nas “Notas sobre o Romanceiro Popular do Nordeste”, para que seja criada ou recriada a partir da força criativa de cada indivíduo interessado.

* * *

Que São Gonçalo, padroeiro dos violeiros, nos mantenha no cativeiro dessa arte das dez cordas, matutando sempre...

BIBLIOGRAFIA

AMARAL, Amadeu. *Ensaaios e conferências*. São Paulo: Hucitec, 1976.

AMARAL, Amadeu. *Tradições populares*. 3ª ed. São Paulo: Hucitec/Brasília: INL, 1982, 411 p.

ANDRADE, Mário. *Aspectos da música brasileira*. São Paulo: Martins Fontes, 1975, 247 p.

AYALA, Maria Ignez Novais. *No arranco do grito – aspectos da cantoria nordestina*. São Paulo: Ática, 1988.

BOSI, Alfredo. Cultura brasileira e culturas brasileiras. In: _____ . *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 308-45.

_____ (org). *Cultura brasileira: temas e situações*. São Paulo: Ática, 1987, 223 p.

CALDAS, Waldenyr. *Acorde na aurora: música sertaneja e industria cultural*. São Paulo: Nacional, 1977, 166p

CANDIDO, Antonio. *Os parceiros do Rio Bonito – estudo sobre o caipira e a transformação dos seus meios de vida*. 8 ed. São Paulo: Editora 34, 1997, 284 p.

_____. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 5. ed., 1976.

CHOCIAY, Rogério E. *Teoria do verso*. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1974, 211 p.

CORRÊA, Roberto N. *Viola caipira*. 2ª ed. Brasília: Viola Corrêa produções artísticas, 1989, p. 3 – 27.

ENCICLOPÉDIA DE MÚSICA BRASILEIRA: ERUDITA, FOLCLÓRICA E POPULAR. São Paulo: Art Editora, 1977.

FREIRE, Paulo de Oliveira. *Eu nasci naquela serra*. São Paulo: Paulicéia, 1996, 141 p.

LE GOFF, J. Memória. In: _____. *História e memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 1992, p. 423-484.

OHTAKE, Ricardo et alii. *Instrumentos musicais brasileiros*. Publicação especial da Rhodia S.A., 1988.

PIRES, Cornélio. *Musa caipira*. 4ª ed./*As estrambóticas aventuras do Joaquim Bentinho, o queima campo*. 4ª ed. Tietê: Prefeitura Municipal, 1985, 170 p.

PIRES, Cornélio. *Sambas e cateretês*. São Paulo: Editora Unitas Ltda., s.d., 352 p.

PALAVRA. n.º 15, julho/2000. Dom Sebastião no reino sertanejo. p. 80 – 84.

SUASSUNA, A . *Romance d'a Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta* 2ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972.

_____. Notas sobre o romanceiro popular do nordeste. In: *Seleção em prosa e verso*. Rio de Janeiro: J. Olympio; Brasília: INL, 1974, p. 162-190.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

TINHORÃO, José Ramos. Os gêneros rurais urbanizados. In: *Pequena história da música popular – da modinha à canção de protesto*. Petropolis: Vozes, 1978.

_____. *História social da música popular brasileira*. Lisboa: Editorial Canarinho, 1990, 327 p.

_____. *Música popular: do gramofone ao rádio e TV*. São Paulo: Ática, 1981, 194 p.

ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz – a “literatura” medieval*. trad. Amálio Pinheiro e Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, 324 p.

Acervo de jornais locais do CEDAP – Centro de Apoio à Pesquisa – da Faculdade de Ciências e Letras de Assis/UNESP, relacionados no decorrer do trabalho.

TESES E DISSERTAÇÕES

ARRUDA, G. *Cidades e sertões: entre a história e a memória*. Assis: Unesp, Faculdade de Ciências e Letras, 1997, tese de doutorado, 369 p.

DI CREDDO, M. C. Sampaio. *A propriedade da terra no Vale do Paranapanema: a Fazenda Taquaral (1850 – 1910)*. Vol. 1 e 2. São Paulo: USP, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 1987, tese de doutorado.

ESCALANTE, Eduardo Alberto. *A música no cururu do médio Tietê Paulista*. São Paulo: USP/EAD, 1986, dissertação de mestrado.

MARTINEZ CORRÊA, Anna Maria. *Poder local e representatividade político-partidária no Vale do Paranapanema: 1920 – 1930*. Assis: Unesp, Instituto de Letras, Psicologia e História, 1988, livre docência.

MORELLI, M. S. M. Nôrcia. *Conceição de Monte Alegre: cidade isolada no Vale do Paranapanema*. Assis: Unesp, Instituto de Letras, Psicologia e História, 1988, dissertação de mestrado, 124 p.

ROMANELLO, Jorge Luiz. *Imagens e visões do paraíso no Oeste Paulista*. Assis: Unesp, Faculdade de Ciências e Letras, dissertação de mestrado, 1998.

SILOTO DA SILVA, Ricardo. *Urdiduras e tessituras na história das cidades: a estruturação territorial de Assis*. Assis: Unesp, Faculdade de Ciências e Letras, 1996, tese de doutorado, 343 p.

ZAMBONI, José Carlos. *Carreirinho, o cantador do Rio Bonito – um estudo da poesia caipira*. Assis: Unesp, Instituto de Letras, Psicologia e História, 1986, dissertação de mestrado, volume 1.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
Faculdade de Ciências e Letras
Câmpus de Assis

Elinaldo da Silva Meira (organizador)

Antologia Poética Caipira Paulista dos
Trovadores do 'Panema
1915 – 1998
Cidade de Assis/SP

2001

SOBRE A ANTOLOGIA

A antologia a seguir se estrutura cronologicamente. O critério para isto se deu a partir das informações dos próprios violeiros. Algumas, como é o caso das composições do senhor Leoni Ferreira da Silva, têm datações mais precisas, pois este já as tinha organizado em vida. O mesmo fato ocorre em relação às transcrições das suas modas. Desse modo, obedeco o critério ortográfico que ele utilizou ao datilografar seus poemas e do seu tio Joaquim Miguel da Silva.

As demais, como já exposto, tem como critério de transcrição o ritmo, as métricas comuns à poesia caipira paulista, comentadas por Amadeu Amaral, Cornélio Pires entre outros. E, finalmente, respeitei o modo de expressão no uso da língua pelo violeiro.

Não é intenção deste trabalho ferir as normas lingüísticas, contudo não foi adotado padrões de transcrição fonética, me pautei pela expressividade *tal qual* como foi possível ouvir, aliada a um pouco de bom senso.

Merece ainda uma observação em relação a algumas composições *incompletas*, como é o caso, por exemplo, das modas do violeiro Júlio Andrade. Os poemas a ele referidos foram-me apresentados pelo senhor Nestor José Cassiano. Segundo ele, o violeiro Júlio faleceu há mais de 20 anos, as modas presentes numa fita cassete, da qual ele me cedeu uma cópia, estão sendo interpretadas pelos violeiros Piracaia e Salvino Ribeiro, ambos também falecidos. A partir dessa situação, transcrevi o que pude identificar, num

processo constante, ouvindo a fita várias vezes. Não as *reconstituí*, pois seria uma atitude irresponsável, na dúvida, passei para o papel apenas as sílabas audíveis, ajudado pela constância da marca monorrímica das modas.

A respeito da disposição dos poemas, os ordenei de um modo diverso no intuito de não cansar a leitor. Do mesmo modo, inseri algumas ilustrações que penso interagir com o texto.

ÍNDICE DOS POETAS E DE SUAS COMPOSIÇÕES

Nota: a paginação aqui apresentada diverge da presente no texto impresso cedido à Biblioteca da FCL/Assis – Unesp.

Poeta/títulos das composições.

Joaquim Miguel da Silva

Neste passeio

Saudades

Júlio Andrade

Lá no meu jardim de flor

Água escura corredia

Patrocínio Tarso de Campos

Nascimento

Raimundinho

Mula pampa

Leoni Ferreira da Silva

Tantos amores

Quando vai rompendo a aurora

Eu gosto de viajá

Coração de aço

Saudades

Costume antigo

Me botaro um apelido

Tristeza do canário

Na trincheira

Amor barato

Prá cantá no bate-pé

Ô véinho danado!

O pobre e o rico

Viola, minha viola

Mulata descoronhada
Quanto nome de Maria
O nosso rico Brasil
Do modo como eu fui criado
Eu fiquei envergonhoso
A menina de Itararé

Onório José Cassiano
Eu pertenço às três nação
Festa no Bairro São Mateus

Benedito Ferreira de Paula
Mamãe me disse
Casei com dezoito ano
O pobre nasceu no mundo
Saci Pererê
Que moça bonita
Dia quatro
Filhinho de papai
Esse nosso mundo velho
Deus quando fez o mundo
Feiticeiro
Menina de doze ano
Festa boa
Nosso mundo pra mim acabou
Cachaceiro
Capa de viajante
Não quero que o povo fale
Nasci e vivi em Assis
Eu fui nascido
No dia que eu nasci nesse mundo
De um certo tempo pra cá
As moça de hoje em dia

Custódio Pereira
Adeus bairro que eu morava

Isaulino Pereira da Silva
Chora violinha, chora (Custódio Pereira)
Dançando catira

Amanhecer no sertão
Boiadeiro afamado
Dois canário
Rei dos reis
Os dois irmão
Moça dos cabelo preto

I Festival de Assis (1975)
Moda pra São Gonçalo
Moda-de-viola

Laurindo de Souza Pereira
Pastor atrevido
Homenagem a Paschoal
Homenagem a Piracaia

JOAQUIM MIGUEL DA SILVA

Não consta muitas informações sobre este violeiro. Sabe-se que foi tio do memorialista Leoni Ferreira da Silva. A partir dos dados do senhor Leoni, é possível deduzir que foi um dos pioneiros a ocupar a região na busca de terras para o sustento da família. A primeira das duas composições que seguem, enfoca impressões sobre a cidade de São Paulo, o encanto com os ares de urbanização proporcionado pelo Jardim da Luz. O mesmo encanto é presente ao descrever a viagem de trem, impressionado com a velocidade do transporte, admirando os artificios da engenharia ferroviária.

NESTE PASSEIO...

1915

Neste passeio que eu fiz
no correr do mês passado,
cada vez que eu me lembro
inda tenho saudade,
passei por Ipanema,
pertinho de Sorocaba,
achei um nome esquisito,
foi de Pindamonhangaba.

Não pude passear em São Paulo,
por eu ser muito atrasado,
pois se acaso eu perdesse,
ficaria incomodado,
que lá tem ladrão, de fato,
eu podia ser roubado,
tive medo dos bandidos,
por isso fiquei parado.

A cidade de São Paulo
todas casas é enumerada,
as ruas são bem limpinha,
bem varridas e bem calçadas,
tem trabalhador nas ruas
e os animais todos ferrados,
corre bonde e automóveis
e faz um barulhão danado.

Foi numa segunda-feira
que eu fui assisti o mercado,
ia aquelas mercadorias,
todas bem encarriadas,

tem gente de toda raça,
é aquela papagaiada,
italiano e português
e nas esquinas tem soldada (o).

Entrei no Jardim da Luz,
pra mim vê os peixes dourados,
e eles tão se requebrando,
com jeitinho requebrado
tem branco e tem pintadinho,
amarelo e bem encarnado,
isto que é tranqüilidade
para viver naquele lago.

Num viveiro foi que eu vi
um gavião chamado águia,
tem garça e tem siriema,
aves do campo e cerrado,
tem lagoa, tem sartinho,
em graminha bem tratada,
tem muitos pavão do reino
e tem dois bando de veado.

Me embarquei às sete horas,
fiquei mais que sossegado,
de primeira e de segunda,
todos carro iluminado,
entrei no túnel da serra,
varei do outro lado,
mais ou menos à meia noite
a viagem foi terminada.

SAUDADES

1915

Eu subi pra aqueles altos,
naquele tempo passado,
do meio duma campina,
avistei uma cidade,
dentro dela eu enxerguei,
um lindo jardim formado,
lugá de muié bacana
eu confesso meus pecado.

Caminhei o dia inteiro,
sofrendo tanta saudade,
quando entrei naquela vila
era seis hora da tarde,
vi as ruas iluminada
por brilhantes claridade,
por boa iluminação,
por força de eletricidade.

Fui descendo na avenida,
lá na esquina do mercado,
encontrei minha pequena,
cum jeitinho disfarçado,
cheguei, nos cumprimentemo,
naquele abraço apertado,
encontrei coa flor mais linda,
que no Brasil foi criada.

De vê tanta formosura,
que fiquei admirado,
passiemo naquela praça
falando e de braço dado,
quando foi entardecendo,
cheguemo num rico sobrado,
parecia um paraíso
e eu fiquei mesmo encantado.

Nóis tratemo uma fugida
no romper da madrugada,
antes do dia clará
nóis fizemo a retirada,
avistemo a Estrela D'alva,
resplandecendo a estrada,
a menina me acompanhou,
alegrinha dano risada.

Fui viver coa minha prenda,
num recanto sussegado,
nunca podia pensá,
que o destino era marcado,
um dia ela entristeceu,
eu fiquei desenganado,
os anjos vieram buscá
e eu fiquei triste desprezado.

JÚLIO ANDRADE

Do mesmo modo que o violeiro anterior, não são muitos os dados biográficos sobre Júlio Andrade. Não o conheci diretamente, os poemas abaixo me foram informados pelo violeiro Nestor José Cassiano, no ano de 1995, em Assis, a partir de uma gravação realizada no começo dos anos 90, na qual interpretam as modas de Júlio os violeiros Piracaia e Salvino Ribeiro.

Ainda, segundo o sr. Nestor, Júlio Andrade não era natural do município de Assis, parece que era original da região de Tatuí (SP) e que teria morado em Platina e lá falecido a vários anos atrás. Nestor ilustrou a origem do poeta com o seguinte trecho de uma moda-de-viola que pertenceria ao violeiro: *Eu sou natural de Tatuí/ Distrito de Pederneiras/ Gostava de divertir/ Eu ia nas pagodeira/ Levava minha violinha/ Afinada na canuti atueira/ Eu não sei o que é que tem/ Que rosa molhada/ Quase não cheira.*

Quanto aos elementos musicais, as composições *Lá no meu jardim de flor* e *Água escura corredia* apresentam estruturas bem peculiares às composições mais antigas, não tendo muita variação harmônica e com arranjos bem simplificados. As datas das modas-de-viola, no entanto, não puderam ser precisas.

Vele ressaltar que as modas não puderam ser transcritas integralmente, devido ao fato mencionado na introdução desta Antologia.

LÁ NO MEU JARDIM DE FLOR

Naquele jardins de flor
...ade ...sonhava
Que ia pro f... ...il
Nessa estrada de braço dado (a)

Meu coração que é... isso
De tanta dor...
E que eu posso fazer ...leção (sic)
Nessa dor e só ...igo ...also (sic)

Vou ficar lá de outro ...eve (sic)
Sendo ...endo assim parado
Te (ndo) ...meu coração
Forte dividir em quatro pedaço

Naquele jardim de flor
Eu com... erro ...fi (ou vi) ...ada
Onde nós ...aço
No romper da madrugada

Eu conheço (sic) ...ando
Também serenata (sic) complicada
Da morena...

Bonita e corada

A ben... eu vi e alembro
Minha ...ina abandonada
Meu coração leva um golpe
Quando vai ...numa estrada

Fui passear no meu jardim
Foi a semana passada
Na... esta (morena bonita) (sic)
Olhando a minha chegada

Abriu... ...voreceu
Na flor de cristal (f)echada
Só pra... ...agar
Eu já disse...ão de ...ada

Na hora da despedida
Quando eu vi lá (ou na) ...ada
Vi olhos chorando
Chorando pras estradas.

ÁGUA ESCURA CORREDIA

Água escura corredia
(Há que ver) (sic) tua beleza ai, ai, ai

Água escura corredia
(Há que ver) tua beleza
O meu peito foi navio
Na saudade que enobreza ai, ai, ai

(Ai ou eu) (que Deus em casa alegre) (sic)
Que deu ...tícia a natureza
Que a feição mais perigosa ai, ai
Que ...ver (gloriei) (sic)

O teu (peito) é boca do diabo
E de ...oca ... de ...endiu
Ê pras força do ...ia ai, ai
(Há de ver fruta) (sic) alheia

Ai eu me lembro
Do tempo que eu fui rapaz
Pra deixar de ser palhaço
Já jurei ser nunca mais ai, ai

Ai o tempo que ..mi (tempo) (sic)
Bate triste, dói demais

Eu já deixei de te amar ai, ai
Um ponteiro tem lugar ai, ai

A nossa (carta) *(sic)* num combina
E o prazer (vão) e vaia
teus lábios é de morena ai, ai
(E comigo não são) *(sic)* legais

Ai hoje é que vós me cante
Pra nós dois fazer a paz
Os teus carinho não (brigá) *(sic)*
A saudade (não me traz) ai, ai

Ai eu deixei de te amar
E o fato que não é capaz
Me pegaram de surpresa ai, ai
Pergunte ao nosso rapaz ai, ai

(Ai) hoje em dia eu vivo triste
Sofrendo pra todo (ais) *(sic)*
Com essa viola no peito ai, ai
E pra ser (vir) (de)... ais (ou: não se faz)

Eu quero te escrever uma carta
Com essas letras vogais
(Mas pra cidade já não tempo) *(sic)*
A saudade firme faz ai, ai

Se essa carta demorar
Eu desmando, vou atrás
Mas quem sabe onde eu vou (na)dando *(sic)* ai, ai
(A minha meninas em paz) (?) ai, ai

Ai eu vou chorar minha saudade
Nas campinas de Goiás
Dói no que me ...oje ai, ai
(Ai) pra amanhã não dizer mais

Ai me levaram numa festa
Na fazenda do Cocais ai, ai, ai
Ai lá eu vi uma morena
Veio de Minas Gerais ai, ai,ai

Ai me levaram numa festa
Na fazenda do Cocais
Ai lá eu vi uma morena
Veio de Minas Gerais ai, ai

Ai tem um cabelinho loiro
Parece flor de ananais
Eu perguntei o nome dela ai, ai

Olinda Orlando de Moraes

Ai lá (eu vi) (*sic*) uma roseira
Rainha dos vegetais
Os ... de beija-flor ai, ai
E com ...or de (ouvir) (?) mais.

PATROCÍNIO TARSO DE CAMPOS

O violeiro Patrocínio pertence à geração mais antiga dos músicos-poetas de região de Assis. Segundo o sr. Nestor José Cassiano, o violeiro em questão parece ter origem ligada cidade de Platina, sendo considerado um nome de importância no meio musical caipira local. Não soube, no entanto, me dar outras informações, tais como, atividade profissional, dados familiares e ano de morte. A moda *Nascimento* foi transcrita a partir de uma fita de cassete do violeiro Nestor Cassiano, o Cassianinho, na qual interpretam a moda ele e o seu pai, o sr. Onório Cassiano.

Infelizmente a transcrição a seguir contém várias falhas, pois a qualidade do áudio era muito ruim.

Acredito que as informações da moda-de-viola abaixo possam nos possibilitar concluir alguns dados biográficos do poeta.

NASCIMENTO

Um mil novecentos e nove,
Na bela noite de natal...

Um mil novecentos e nove,
Na bela noite de natal,
(Justamente é a data)
do meu aniversário.
Meu ... ia ...ora
(N) (D) o calor fatal,

Porque eu nasci neste mundo,
Eu vivo nesta solidade (*sic*) (ou:
saudade, cidade)
Eu criei com meu pai e mãe
E toda minha irmandade,
Porque a (vida) (*sic*) da minha gente

Tem essa moralidade

Me cresci e me criei
No ...ro nessa completa idade;
Os trabalho que eu dei pro meus pai,
Não contribui nem metade

O meu pai me pôs na escola,
Eu tive essa oportunidade:
Aprendi a ler e escrever
(Mais) (*sic*) contar a minha idade.
O pouco que eu aprendi
(Pois) (*sic*) tinha necessidade

Eu não posso me instruir,
Não é falta de vontade.
E eu fosse um homem instruído
Seria uma especialidade

Depois que eu me cresci,
Eu apanhei a liberdade
... é divertido
enfrentar diversa sociedade.
Eu conheci de pouco a pouco
O bom da facilidade

Aonde os meu amigo estão
Toa... o e muita amizade;
Eu tomo e canto a minha moda
Em pequenas qualidade

No correr dessa minha vida
Só causou uma novidade...

No correr dessa minha vida
Só causou uma novidade;
Eu senti ... esse mundo
Como vento na tempestade,
Porque eu vivo alegre e contente
E nem uma contrariedade

Pois se eu morrer não levo,
'Penas somente levo saudade;
vai par'o séc'u sem fim (séc'u =
século)
e fica pra eternidade.

RAIMUNDINHO

A moda a seguir foi cantada pelo sr. Nestor José Cassiano em parceria com o violeiro Sertão. Segundo o próprio, essa composição teria sido criada nos anos 50. Parece que Raimundinho teria morado e falecido em Assis há cerca de 25 anos.

É uma moda extensa, refletindo sobre o transporte de gado num presumível roteiro Oeste Paulista – Divisa com o Estado do Mato Grosso, anterior a divisão do Estado entre Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.

Sua estrutura apresenta conformação monorrítmica; métrica não muito regular, mas prevalecendo versos de 7 e 8 sílabas; estrofes de 4 e 8 versos.

MULA PAMPA

Me ajude meu companheiro ai, ai, ai
Que eu também te ajudarei ai, ai, ai
Encobrirás a minha falta ai, ai, ai
Que a sua encobrirei ai, ai, ai

Quando eu vim de Mato Grosso,
Tocando minha boiada
E com mil e quinhentos boi
E eu só com cinco camarada.
Eu reservei pra meu costeiro
Doze mula bem criada.
Amarrei no meu seringó
E meu laço de quinze jarda;
O mestiço pulava e o laço espichava
E o mestiço frouxava
E o povo falava
Que eu fiz gauchada.

Nós pousava no galpão
E saía de madrugada
E a calça de borzeguim
Pisando por cima da geada.
E o peão da comitiva
Não respeita chuarada,
Bem cedo toca buzina
E vai soltando a mestiçada.

A buzina soava e o laço espichava
E a onça minhava
E o povo falava

Que eu fiz gauchada.



Quando nós ia atravessando
Aquela mata azulada
E nós quando entramo na mata
Veio uma onça pintada.
E deu um pulo no novilho,
Mas perdeu a emboscada,
Pois pra nós correr três légua
Na (trás) *(sic)* da gateada;

A mulinha frouxava
E nós escourava;
A bestinha arrancava
E o logo chegava na terra dourada.

Quando nós ia atravessando
Aquela mata azulada,
Ia de tala batida
E a goiaca apertada.
E nossa espora estrelinha
Estava toda ensangüentada.
Tinha boi queimando chifre,

Nossa tropa 'tropolada.

Só eu tinha medo que a mula rodava
E os bois me matava
E o ponteiro gritava
Que não era nada.

No outro dia bem cedinho ai, ai, ai
Descobri na rapazeada ai, ai, ai
Dois peão bem decidido ai, ai, ai
Forte pra fazer a arribada ai, ai, ai

Quando chegamo no porto,
Que a tropa estava igualada,
Tinha trinta mula zaina
E quatro baia encerada.
Eu tinha uma mula pampa
Que na tropa é reservada,
Nunca encontrou peão
Que 'güentava sua rapada.

Só eu gostava da mula pampa
E até me animava
Porque logo eu chegava
Na terra dourada.

LEONI FERREIRA DA SILVA

O Sr. Leoni nasceu num rancho, no bairro chamado de Água do Paraíso, pertencente à cidade de Cândido Mota, no dia 03 de janeiro de 1916 e faleceu no ano de 1998. “Naquela época tudo era sertão; Cândido Mota era um povoado e nosso sítio não ficava longe da cidade”. Primogênito de seis filhos, “nasceu trabalhando”; seus pais eram sertanejos agricultores. Freqüentou a escola de 1926 a 1929 e, com a morte do pai, aos quatorze anos, viajou com as tropas e as boiadas que o pai lhe deixou. Participou, como voluntário, da Revolução Constitucionalista de 1932 e, em 1937, se casou.

Durante dez anos trabalhou na extração de madeira dos “imensos sertões que havia por aqui”, em 1947 vendeu tudo o que tinha e se estabeleceu em Cândido Mota, trabalhando como faxineiro no Cartório da cidade. Foi escrivão no cartório da cidade de Sussuí em 1948 e, em 49, assumiu o cartório da cidade de Florínea. Nesta cidade abundavam jagunços e pistoleiros e destacou-se por sua diplomacia; era muito grande o número de imigrantes, nordestinos e sertanejos na beira do Paranapanema”. Em 50 foi para o cartório de Paraguaçu Paulista e, em 1952, assumiu o cartório de Assis, onde trabalhou durante trinta e seis anos.

Entre suas realizações está a fundação do Sindicato Rural de Assis em 66, e a do Sindicato rural de Cândido Mota em 68. Participou da fundação da Associação dos cartórios em Araraquara (1961) e foi convidado a participar do Congresso Internacional dos sindicatos Rurais do ano de 1975, em Brasília, com sua palestra sobre eletrificação rural. Vários prêmios de poesia preenchem a parede de seu escritório.

Paulo de Tarso Cabrini Junior, em entrevista realizada em 1995, como parte das atividades do projeto de iniciação científica *As modas-de-viola dos compositores de Assis e região*, coordenado pelo professor José Carlos Zamboni, com financiamento do CNPq, assim comentou sobre a escrita do senhor Leoni:

“ O Sr. Leoni, para escrever, usa uma linguagem rebuscada, conseguida através das leituras, segundo o próprio, das obras completas de Machado de Assis e de Paulo Setúbal e várias outras obras ‘que enriqueceram o vocabulário’. Possui nove livros publicados, entre romances (*O caboclo remanescente*, de 1962; *Os grilos*, de 66; *Contos do tio Chico*, 1987; *Cabana grande*, de 1991; *Tragédia no estreito*, de 1993), poesia (*O bastardinho*, de 1991; *O bastardinho II*, de 1992) e história (*Santa Casa*, 1989; *Minha terra: Assis*, de 1979). O tema de seus romances é, basicamente, o folclore, a vida social das pessoas da zona rural. Sua formação musical veio de seu tio João Miguel da Silva, o qual lhe introduziu na arte da viola. (...) Possui, ainda, vários livros não publicados, como os romances *Uma bruxa moderna* e *Terror e justiça*, os livros de poemas *Sonetos*, *Bastardinho III* e *Poemas*, os livros históricos *Curiosidades*, *Seleções históricas* e *Rememorando* e a autobiografia *Episódio da vida real*”.

Leoni começou a compor aos quatorze anos de idade (por volta de 1930) e algumas letras de suas modas foram datilografadas sob o título *O caipira canta*, são vinte e três composições para viola caipira, duas delas datadas de 1915 e de autoria de seu tio Joaquim Miguel da Silva.

TANTOS AMORES

Eu recordo o tempinho passado,
da infância do meu coração,
quem nasceu pra ser cinqüenta réis
nunca chega ao valor de um tostão.

Eu nasci pra viver alegrinho,
divertir com violeiros campeão,
onde chega um cantador de fama
o pessoal pisa bem macio no chão

Eu pego na viola
e faço a saudação,
algum voto que ganho
o pesar que me dão.

As meninas me agradam
e do jeito que estão
espatifa o cabelo
e desmancha a feição.

O rapais que namora
e fumá tapiação,
o cuidado que eu tenho
é com as imitação.

A primeira veis que eu namorei,
nem quinze anos inda não tinha,
de inclinação me disciplinei,
aprendi namorá em toda linha.

O craveiro quando abre um botão,
a roseira se encobre de espinho,
assim fais um rapais que namora,
sofre tanto rigor mas recebe carinho.

Os versinho saudoso
que eu canto no pinho
já preendi uma espanhola
e duas italianinha.

Agradei uma cabocla
porque é engraçadinha,
pediu pra mamãe
e contou pra madrinha.

É certeza que eu caso
com esta pequinha,
ó que feição mimosa
viçosa e novinha.

Se eu contar dos amor que eu amei,
certamente ocê vê o desengano,
a custa de andá de viola
desde a infância eu vinha apriciando,

Quem julgá que eu fui desprezado
vai prová que o amor está sobrando,
a respeito fazê cavação em tudo lugar
que chego sô pior do que cigano.

Um dia deste na vila
eu tive apriciano,
deixei dum amor
que em janeiro feis ano.

E tem duas garota
que tão me arrudiano,
eu logrei uma paulista
e levei uma baiana.

Inda lembrei do tempo
que namorei a Joana,
cabocla marvada
e de coração tirano.

A mamãe um dia deste me disse
que eus estou moço e preciso casá
porque levo a muié na conversa,
pra vivê deste jeito não dá.

Lá no bairro do lugá que eu moro
já vi que preciso mudá,
no lugá que meu bem tá morano
tem arigó pelejano
pra podê me quebrá.

Todo dia de folga
vou pra visitá
não tem hora marcada
que eu possa chegá.

O almofadinha abera
eu não deixo ligá,
té com Santo Antônio
ele vai se apegá.

só você minha bela
pode se gavá
porque é a estrela
que brilha aqui neste lugá.

Eu me lembro com muita saudade
aquele tempo que deixei pra trás,
tanto amor que já me pertencia,
hoje em dia nem me lembro mais.

Eu recebo só vossos carinhos,
aqueles outra nem me lembro as quais,
elas choram, recramam da sorte,
têm ciúme de morte
e pra mim tanto fais.

Eu gostei da pequena,
que é por demais,
o meu botão de rosa,
minha flor de ananais.

Já pedi de favor
que eu fale com papai,
na festa que eu chego
no salão que ela sai.

Aquele beijo e um abraço:
— Você, como vai?
— Vou cantando modinha,
só assim me distrai.

QUANDO VAI ROMPENDO A AURORA

Quando vai rompendo a aurora,
lá da banda do nascente
vem surgindo a estrela D'alva,
tão formosa e reluzente
desperta a passarinhada
saudando alegre contente
o meu peito dá suspiro,
chega até ficá doente,
por amar (alguém) tão querido,
e triste por viver ausente

Pois um amor que vive longe
a saudade anda na frente,
hoje eu vivo suportando
uma penúria padecente,
eu sei que ela tem paixão
e eu vivo na mesma corrente.

Eu fui chamado numa festa
na zona de Presidente,
cinco légua arretirada
da cidade de Regente,
eu tive carta de convite,
fui chamado especialmente,

quando o patrão me recebeu,
dizendo que estava ciente,
por gostá de violeiro
que não é desobediente

Pra cantá modinha duída
não tem coração que agüente,
certos versinho amoroso,
numa voz tão excelente,
cai o orvalho da roseira,
murcha as flor não dá semente.

Cantei a primeira moda
saudando o povo presente,
saudei a dona da casa
e o povo residente,
e cantei pra uma cabocla
perto dos seus pertencentes,

corpo de chorá saudade,
rosto de anjinho inocente,
veio me dar os parabém,
no meio de toda gente

Eu diverti com muito gosto,
a cabocrinha tava rente,
cada veis que ela sorria,
brilhava ouro nos dente,
com carinho e com fraqueza,
o coração não mente.

A menina que é bem bonita,
mata tudo o que é vivente,
de olhos pretos que alumia
iguar a Estrela do Oriente,
eu falei pra cabocrinha
da família descendente,
muito pronta respondeu,
o nosso gosto é independente,
sem você jurá firmeza
eu não falo dos meus parente,

A minha avó que me vigia

é braba que nem uma serpente,
o meu pai e meus irmão
são dando de valente,
você não sendo arremiado
nóis dois fica diferente.

Eu não sou rapaz gabola,
eu falei perfeitamente,
garanti pra cabocrinha
que eu me achava suficiente,
porque eu sou um cabra da peste
e tenho sido diligente
no lugá que tenho andado
não tem outro pra suprente,
o meu avô foi capitão
e o meu pai era tenente,
eu também tive na guerra
e recebi uma patente,

Quando eu topo uma parada
não me importo que arrebente,
quarquê cabra tupetudo
eu apago incontinenti.

Eu despedi do povo tudo
daquela rica vertente,
despedi da cabocrinha
feição mimosa inteligente,
tem dia que me dá saudade,
quase me mata de repente,
mas vortá sei que não vorto
pois não acho conveniente,

Eu já recebi uma carta
me chamando brevemente,
pois a menina tem saudade,
já chorou que feis enchente,
tem dia que ela recrama
e fica triste e impertinenti
eu também tenho saudade
da zona de Presidente.

EU GOSTO DE VIAJÁ

1935

Eu enciei o meu cavalo
com (intenção) de viajá,
fui pra vê a minha pequenina
ante de eu me arretirá,
o meu bem que tanto estimo
primeiro fui visitá
Dispedi, peguei na mão,
fizemo os dedo estralá,

Feis meu coração batê
e a pequenina suspirá,
ela então ficou sentida,
chorando pegô cramá,
pois você deixe de façanha,
tanto choro e tanta manha,
quarquê dia tu me acompanha ai, ai,
eu venho pra te buscá.

Dois amante quando estima
é triste a separação,
coitada ficou tristinha
cramando a desolação,
eu também fiquei pensando
a vê tamanha confusão.

A vida de quem namora
eu já fiz comparação,
é que nem um botão de rosa
que floresce no verão,
vai abrindo, a gente adora,
depois murcha e cai no chão,

Aí eu comparo os cuitelinho,
beija a rosa entre os espinho,
prefere os botão novinho ai, ai,
é onde nasce a ingratidão.

Eu gosto de viajá,
tenho meu macho muito bão,
passei por campina alegre,
rio corrente e ribeirão,
passei por matas frondosa,
tem lagoa e cerradão.

Naquele mundão tão triste
se eu chorei tinha razão,
no centro da mataria,
nas copa grita o gavião,
a perdiz piava triste

no campo da solidão,

E o peito de quem namora
dá suspiro toda hora,
este meus olhos não chora ai, ai,
é por eu ter muita opinião.

Foi um dia de alegria quando
eu cheguei na povoação,
era um dia de festejo
que o pessoal tem devoção,
eu vi o estouro que a bomba dava
e a fumaceira do rojão.

Lá encontrei muitos amigos
de alta consideração,
eles me deram uma viola
bem certa na afinação,
eu abrandei coração duro
e fiz dobrar muitas paixões.

A saudade me condena,
eu senti dor tive pena,
até me lembrei desta pequena ai, ai,
que eu deixei sem consolação.

Quando fiz a despedida
formou chuva e deu trovão,
eu despedi de uma garota
que filha dum capitão,
me apresentou toda a família
e confessou sua ilusão,

Eu prometi escrevê uma carta
e meu retrato num cartão,
a coitadinha ficou triste
na maior desolação,
disse que sou um matador
e tenho de morrer na prisão.

Pois os anjos do céu proteja
no lugar onde você seja,
adeus garota sertaneja ai, ai,
Maria da Conceição.

CORAÇÃO DE AÇO

1936

O meu coração é duro,
é forte mais do que aço,
por teu respeito até juro
que tá ficando em pedaço,
te deixar não deixo nunca,
pra te amar achei tão faci,
menina você tem prazer,
por amá um cabra de raça.
O teu jeito cabocrinha,
franqueza que eu acho graça,

Encontrei o teu retrato,
um dia deste na praça,
num cartão vi teu
sembrante,
na loja dum negociante
fechado num vidraça.

O meu peito é um recreio,
aonde a saudade brinca,
onde mora uma lembrança
da tua feição distinta,
quem disser que amor não dói,
não fale porque eu desminto,
por amor é que eu recramo,
as dor que no peito eu sinto,
nosso amor é com firmeza,
eu tenho a consciência limpa,

Se outra dia que me namora,
menina ocê não consinta,
menina eu conto certo,
quando vejo você de perto,
teus olhos me faz acinte.

Eu prantei o meu jardim
e si dé flor quero coiê,
só pra mim te dá um presente,
dum botão que florecê,
menina eu quero ser vosso
se meu peito merecê,

os teus olhos é matador
e eu moro o que hei de fazê,
eu morrendo apaixonado,
a menina vai sofrê,

Na violinha eu sou trenado,
duro num catiretê,
invento moda dobrada,
toda cheia de maçada,
pra contá pro povo vê.

o negócio não vai bão,
a roseira desfoiô
até o derradeiro botão,
usa trino pra namôro,
tem concurso e tem campeão,
namora até de surpresa
a moda de gato ladrão,
o rapais que não namora,
Lá no bairro onde eu moro,
precisa pagá cartão,

Quando a garota dá o fora
ele não chora é de opinião,
ela embarca e vai sisgando,
marvada sorocabana,
carrega tudo o que é bão.

O namôro ali na vila
é quando vai chegando a tarde,
almofadinha vão levando,
as meninas do arrebalde,
tem gente que me reprova
mais juro que isto é verdade,

Se eu falá da minha vida,
todo mundo fais caçoada,
namorei uma italianinha,
moradeira ali na estrada,
a garota me apurou,
eu fiquei mesmo apertado,
se o namôro continuasse
e minha mãe não me vigiasse
ela tinha me roubado.

Namorei moça da roça
e meninas da cidade,
quem diz que eu não tenho amor ,
amor pra mim tem sobrado,
coração que é tão feliz,
todo mundo fais agrado,

com a feição da minha prenda
até tenho sonhado,
Esta noite inda sonhei,
pois que eu já tinha te beijado,
no teu beicinho eu provei
e achei doce açúcarado,
toda hora e todo dia
eu gozo com alegria,
com minha bela dum lado.

SAUDADES

1936



Eu fui assisti uma festa
da banda do Parmitá,
na turma do Piracaia
também fui acompanhá,
nóis viagemo de trem
ganhando pra passiá.

Quando nós desembarquemo
o festiro veio encontrá,
saimo lá da estação,
o home comprô rojã,
cheio de satisfação
na hora de nós chegá
fizero rojão queimá
abraçando a nossa turma,
o povo de Parmitá.

Fizemo um passeio a luxo,
foi mesmode regalá,
viagem que eu passei gosto,
mas soube aproveitá,
encontrei os convidados
que o patrão mandou chamá.

Eu também tive um recado,
pedindo pra não fartá;
regulando às cinco e meia,
cheguemo na água da aldeia,
correu notícia que veio
os violeiros principal,
simpatizei com pessoar,
nóis fomo bem recebido
do povo de Parmitá.

A festa era de São João
que é devoção do lugá,
foi reunindo os catireiro
e todos violero de lá,
encontre o Anibal Jacinto
cantando com Juvenal,
cantava muito afinado,
modinha sentimentar,

não falo os meus companhero,
que é da conta do festero,
de tantos eles me agradá,
não é por eu me gavá,
eu também fiquei gostando
do povo de Parmitá.

Cantei a primeira moda,
eu vi gente susperá,
gostei de vê o sistema
que o patrão feis pa tratá,
minha moda deu ensejo
pro povão admirá.

Não sabiam do meu nome,
viero me perguntá;
respondi muito sensato,
sou violeiro novato,
por isso sou mais barato,
mas quero representá,
não quero desafiá,
também fiquei famoso
na terra do Parmitá.

No outro dia às dez hora
precisemo retirá,
despedimo do festero
logo depois de armocá,
tão alegre que ele tava
essa hora foi recramá.

A muierada insistia,

pedindo pra nós ficá,
todo o pessoar da família,
numa boca só dizia,
na hora que nós saía,
pois ele veio falá,
tem dinheiro pra pagá,
pra ocêis cantá uma semana
aqui neste Parmitá.

COSTUME ANTIGO

1984

Fui criado no costume antigo,
o meu pai quem me ensinou lidá,
bicho brabo encontrava comigo,
no mangueiro ou no campo largado,
em quarqué largueza ou cerrado,
eu preava um tucura ou mistiço
[baguá.

Nesse tempo aboiava na estrada,
conduzindo e tocando o berrante,
na culatra uma nuvem empoeirada,
lá no pouso ao levantá cedinho,
nossa bóia e o café bem quantinho
partindo em seguida cá tropa por
[diante.

Lá em casa enquanto descançava,
divertia fazendo rodeio,
aqueles bicho que a gente domava,
a vizinhança fazia a torcida,
assistindo a festança da lida,
pra vê o cabra duro no pelo ou no
[arreio.

Fui feliz e gozei muita fama,
adomei redomão enfeitado,
o apelido que o povo me chama,
é de cabra mal batizado,

paulista louco e danado,
quem porfiasse comigo ficava
[enganado.

Adomei um macho alazão,
tinha o nome de Guarani,
bicho brabo parecia o cão,
eu sartei em riba da sela,
o meu pai abriu a cancela,
meu irmão de ajudante pra
acompanhá e seguí.

Eu saí pra invernada afora,
naquele bicho terrive,
sou devoto de Nossa Senhora,
tenho tantos bicho adomado,
eu fiquei campeão consagrado,
em toda parte que andei,
foi grande o prazer que tive.

Depois do bicho mansinho
eu deixei de redea no chão,
a filha do meu vizinho,
pediu pra montá na garupa,
lugá que ninguém mais ocupa,
eu levei a pequena embora,
e o povo não achou bão

No tempo que fui mocinho
era um cabra distorcido,
a sorte me ajudava
e nunca tive aborrecido,
tantos anos de trabaio
e nunca eu tive arrependido.

Eu inda era bem criança,
me botaro um apelido,
o insurtante apelidava,
eu respondia ao pé do ouvido,
namorá as moça sozinho
isso não era permitido,
eu agradava bem a sogra
e tava tudo resorvido.

Eu encontrei muitos rivar
e muitos dele eu duvido,
que tivesse a minha panca
e que fosse bem assistido,
eu arrastava a simpatia
e era mesmo o preferido,
quem topasse uma parada
ia ficá desenxabido.

Quando eu pegava na viola,
as cordinha dava um tinido,
as meninas vinham na sala
todas co zóio comprido,
as muié véia incomodava
e me chamava de atrevido,
e as casada paquerava
até na frente do marido.

Eu vi uma garota
dizendo que já tinha decidido,
ela tinha só doze anos
já o noivo tinha escolhido,
co papai e ca mamãe
não tinha nada escondido,
o rapais é um barbudinho
e tem um bigodão cumprido.

Já depois de tanto tempo
eu já me esquecido
dos trabaio que eu passava
porque era perseguido,
o ciumento caluniava

pra vê eu ficá falido,
eu deixava o cabra torto,
azarando do sentido.

Hoje em dia eu sou tão véio,
inda sou bem recebido,
a mocidade me respeita,
meus cabelo embranquecido
apesar de tanto tempo
eu nuca fui desiludido,
pergunte pra muierada
que elas conta o sucedido.

TRISTEZA DO CANÁRIO

1984

Eu tenho um canário
que sabe cantá,
meu canário amarelo
do peito araçá,
quando o dia amanhece
no sol despontá,

O meu canário canta
pra gente acordá,
eu chamei o meu
bem pra vim escutá
o trinado choroso
que o canário dá.

Eu tenho um arvoredó
lá no meu quintar,
onde vivia alegre
o mais lindo par,
os dois canarinho
não tinha rivar,

Desciam na varanda
pra me visitá,
naquele gorgείο
pra nós apreciá,
era felicidade
pra gente gozá.

Numa triste tardinha,
eu nem quero lembrá,
um gato rajado

apareceu por lá,
marvado e traiçoeiro
eu quero excomungá,

Matou a canarinha
e papou no lugá,
o canário alegre
passou a chorá,
é tamanha tristeza
pra ele suportá.

Chora de paixão
desse dia pra cá,
na minha varanda
ele veio morá,
eu fiz um poleiro
pra ele posá,

Sai voando bem
alto e torna voltá,
o lugar é seguro
e só o gato chegá,
vai recebê o castigo
que a armadilha dá.

Meu canarinho é triste
e não vai conformá,
eu tenho muita pena
e não posso ajudá,
outra companheirinha
não qué aceitá,

A paixão que ele sofre
não pode apagá,
magoado e tristonho
e não qué condená,
do marvado assassino,
só Deus pra vingá!

NA TRINCHEIRA

1984

Quando os meus amigos pedem
dou sem luxo e faço questão
de contá todos passos que eu dei
na cidade e por todo sertão,
quando eu tinha dezessete anos
fui voluntário na revolução,
eu rezei pra Nosso Senhor,
nosso Pai Criador,

de joelho no chão.

Eu aprontei pra seguir pra guerra
coa mochila e o fuzir na mão,
eu beijei minha santa mãezinha
e um abraço em todos meus irmão,
o meu pai ficô muito sério
e feis uma recomendação,
meu filho você vai pra guerra
faça tremê a terra e degole o dragão.

Foi no dia dezoito de agosto
até hoje eu não posso esquecê,
na trincheira do rio Itararé,
vi camada de bala chovê,
conheci hora da minha morte
sem tê quem pudesse me valê,
tinha dó dos pobre ferido
que caía desvalido
vendo o sangue corrê.

Lá na guerra a gente fais bravura,
francamente eu nem quero sabê,
não tem chuva, não tem noite escura
nem horário pra comê e bebê,
o capitão fica na retaguarda
e o sordado é que arrisca a morrê,
o sargento é que leva vantagem
grita e dá corage pa tropa vencê.

Quando a gente tá lá na trincheira,
o sordado não conta com nada,
porque a guerra é invenção do demônio
e o guerreiro tem hora marcada,
combati até o fim da guerra,
cabeludo e ca barba espichada,
depois de muita tristeza
eu fiz uma surpresa na minha chegada.

Nesse tempo eu era mocinho,
era bom que eu tivesse morrido,
quando soubessem da minha morte,
era só choro, suspiro e gemido,
a mulherada se descabelava,
desmaiando e perdendo o sentido,
eu morria coberto de glória,
não contava a história que tenho sofrido.

AMOR BARATO

1984

Tenho moda pra cantar na viola,
como água no rio tá rodando,
pode perguntá pros meus vizinho
lá no bairro que tô motano,

Afino em quatro pontos
e castelhano,
modinha ligeira,
versinho leviano.

As meninas me agradam
e chegam requebrando,
as véias desdentada
falam mastigando:
-esse violeiro é gavola
e tá só gargantiano,
pois elas tem ciúme,
se fossem mocinhas
tava aqui me agradano.

Quando eu chamo a viola no peito,
nas modinha que eu vou conversano,
conto as vorta que dá o mundo véio,
é muito sério, eu não falo brincano,

Conto as andança
que fiz viajano,
despedia da garota,
ela ficava espiano,
suspirava fundo,
parecia rezano,

Eu sumia no mundo
que nem um cigano
e na minha chegada
o pessoar festejano,
a menina aprontava
pra me recebê,
de alegria soluçano.

Me disseram que eu tava pasmado,
nessa hora eu tava recordano,
se soubesse as passage da vida,
da saudade que tô suportano,

Tinha um macho alazão
e uma besta ruana,
petrecho de raça,

chapéu mexicano,

Corria notícia
que eu vinha chegano,
por causa do amor
ca filha do fulano
eu quebrei a asa
dum cabra sacano,
ficou falano sozinho,
saiu triste resmungano.

Certa veis eu cheguei de viaja,
a muiezinha tava me esperano,
o pai dela soube do namoro,
chamou a vêia e ficaro arrudiano,

Eles co zóio em riba
e nós dois conversano,
quando nós se afastava
eles vinha chegano,

Ele falô pra vêia
ficá reparano,
esses dois debochando
já tão me abusano,
nossa fia iludida
vai acompanhano,
é um namoro sem graça
eu não sei até quano
nóis vai agüentano.

Namorá hoje em dia é mais faci,
tem menininha até de doze ano,
é sem luxo e namora à vontade,
nem precisa mamãe vigiano,

Quando o rapais não chega,
ela sai procurano,
se ajeita e se arruma
com pouquinho pano,

Tudo o que ela tem
aparece mostrano,
ninguém mais tem medo
de saí pelo cano,
a gente vê inteirinho
aquele corpinho humano,
a vida é muito cara,
só o amor de hoje em dia é baratiano.

Quando os amigo me chamam
pra cantá no bate-pé,
eu vou encontrá cos veterano
mesmo sem sabê quem é,
corro os dedo na violinha
e me apronto com muita fé,

Já cantei pra São Gonçalo
e me apeguei com São José,
só canto com harmonia,
não gosto mais de aranzê,
fico bem co povaréu
e tudo mais se Deus quisé.

Tem companheiro que inda lembra
do tempo que fui menino,
rasqueava na violinha
afinada que nem um sino,
certa veis tive um convite
do amigo Antônio Flausino,

Pra cantá um desafio
numa Festa do Divino,
lá topei dois repentista,
o Toniquinho e o Zé Rufino,
disputemo a noite inteira,
era esse o meu destino.

Eu fui violeiro e fui andante
por esse mundão aberto,
com bagage e simpatia
eu fui garoto muito esperto,
nunca eu tive solidão,
nem que fosse num deserto,

Cantava no fim do mundo
e pros vizinho mais perto,
a surpresa que eu fazia
sem marcar destino certo,
a muierada perseguia
até que eu fosse descoberto.

Me levaro numa festa
no bairro do Novo Mundo,
lá pra diante das Anhumas,
quando era um sertão imundo,
topei a flor sertania,
a filhinha do Zé Raimundo,

Ele era um cabra fazendeiro,
bigodudo e rubicundo,
eu co a moça agarradinho
na varanda lá do fundo,
amor da primeira vista,
decidido num segundo.

Depois de tanto trabaio
eu resolvi me aposentá,
a violinha ficou muda,
nunca mais me viu cantá,
estou curtindo uma saudade
que é um pecado recramá,

Fiquei sem meus companheiro,
não tenho quem desafiá,
até o ranchinho donde eu morava
sumiu daquele lugá,
só esta violinha véia,
resolveu me acompanhá.

Ô *VÉINHO DANADO!*

1985

Cabocra você me conte
aonde é que você mora,
pois quero fazê visita
lá na casa da senhora,
não posso guardá segredo
porque meu peito não escora,

Tô sofrendo uma saudade
que quarqué momento estóra,
quero í falá com teu pai
e o resultado da história,
se o véio me consenti,
nóis dois juntinho na glória!

Cabocra você me conte
onde você tá morano,
eu quero í na tua casa
num dia desta semana,
tô cansado de vê choro
e você sempre lastimano,

Também eu vivo enjoado
do povo aná me caçoano,

pois todo mundo se casa,
sô eu é que tô ficano,
franqueza que tô sentino
o peso forte dos ano.

Tô ficano muito véio
e agora tô me lembrano,
no bairro onde eu morava
tinha um véinho lutano,
ele queria casá
sem conhecê desengano,

Na boca da muierada
o véinho tava sobrano,
quando ele tomava o fora
dizia até soluçano:
ingrata desamorosa
e que coração tirano.

Um dia arranjou um namoro
com uma menina italiana,
um namoro agarradinho
que até hoje ele recrama,
a moça era tapiadera,
dessas fiteira de fama,

Deu o fora no veinho
e flô que tava brincano,
coitado ficou sentido
e o povarêu reparano,
coitado ficou de sobra
e a moça saiu gozano.

O véinho era devoto
de Santo Cipriano,
ele arrumou um arreliqui
no pescoço carregano,
pra vê se inda se casava
e não vivê bandulando,

Aí pediu casamento
pra filha dum tatuiano,
não é que a moça aceitou
e os dois misturaro os pano,
se abraçaro lá na igreja
e os amigo acompanhano.

Era um menino (caipirinha),
muito esperto e inteligente,
desde muito pequenino
nunca foi desobediente,
era estimado dos colega,
dos vizinho e dos parente,
lá nos caminho da roça,
com chuva, geada ou sol quente,
calça curta e pé descalço,
dia inteiro no batente.

Tinha um colega na cidade,
filho dum rico abastado,
fez caçoada do roceiro
por ser pobre e mau trajado,
[ele corria de moto
lá nas ruas da cidade,
por ser rico e orgulhoso
e dos colega admirado,
isto é pra quem tem dinheiro
e pra ninguém dou
[emprestado.

O cabocrinho inconformado
marcou bem o galhofeiro,
disse que estava feliz,
dia e noite e o ano inteiro,
um dia eu dou as cartada
e vou sorri por derradeiro,
quero um dia arrastá a asa
que nem galo no terreiro,
hei de vê no fim da reta
qual de nós chega primeiro.

O caipirinha lá na roça
até que ficou home maduro,
calculou que sua estrela
ia brilhar no seu futuro,
foi estudá lá na cidade,
deixou de vivê no escuro,
vou descontá o tempo de
[atraso
e vou cobrá as taxas com juto,
quero mostrá pra esse
[pedante
que vileza eu não aturo.

Depois de tempo passado,

o caipirinha foi brilhante,
recebeu muitos diplomas,
encheu de livro sua estante,
um dia foi procurado
por aquele rico pedante,
queria entrá na justiça com
um processo aquele instante,
mas tava pobre e individado
naquele estado humilhante.

O doutor se admirou
de vê tamanha humilhação,
a filha dele foi traída
e pedia por compaixão,
pra condená um cabra
culpado por crime de sedução,
contra um tipo marginal
que não tem cara de cristão,
pois o processo foi perfeito
até que deu condenação.

O doutor compadeceu
e deu aperto de mão,
desejou felicidade
a quarqué tempo e condição,
o processo terminado
sem cobrá um tostão,
lembra bem da nossa infância
e como fosse meu irmão,
aí os dois se abraçaro
pra nunca mais ter confusão.

VIOLA MINHA VIOLA

1986

Viola minha viola,
eu vi na televisão,
muita gente assistindo
a cantiga do meu sertão,
no meu tempo não havia
nem rádio pra difusão,
a violinha era caipira,
trabalho de artesão,
pequenina e delicada,
pra cantá no cebolão.

No programa foi que eu vi,
viola feita com luxo,
vem cabra lá do Rio Grande

com apelido de gaúcho,
tem repentista famoso,
sem padrinho e sem cartucho,
quando canta um desafio
é duro acertá o repucho,
quem não tivé competência
não vai enfrentá o gaúcho.

Lá no norte e no nordeste
tem violeiro muito bão,
eu tive lendo a história
do Mané Riachão,
o danado era feticheiro,
cantava de improvisão,
encontrou um moço cearense
que feis a competição,
o mocinho quebrou o feitiço
com gemido no bordão.

Em Minas vi cantadô e
a fama de muito mineiro,
assisti um bate-pé
na casa dum fazendeiro,
o catira no salão
e o samba lá no terreiro,
vi mulatinha cantando
na viola e no pandeiro,
nunca vi tanta mulata
em terra de muito violeiro.

Aqui neste meu São Paulo,
o torrão donde eu nasci,
meus parente eram violeiro,
me lembro quando assisiti
mutirão no cafezã,
fandango pra divertí,
com muierada bacana,
paquera que eu nunca vi
cada cabra matadeira,
não sei como não morri.

Eu encontrei uma garota
num samba lá na baixada,
sambando num saracoteio,



se é loucura isso eu não creio,
chacoalhava tudo o que tinha,
bamboleando era sozinha,
parecia escojuntada

Foi paquera à primeira vista,
depois um agarramento,
a diabinha tinha esperteza,
eu fiquei bobo com certeza,
ela jurava o que dizia,
e muito mais me apetecia,
loucura que eu não agüento.

Na hora bem combinada,
nóis encontremo no portão,
chupando quase engolindo,
num deboche ali sorrindo,
cada beijo açucarado,
sem vergonha e descarado,
quanto aperto e beliscão.

A mulata bem bonita,
o pai dela carrancudo,
a mãe é uma jararaca,
falando que nem matraca,
aprontou um bruto aranzê,
falava e batia o pé,
queria acabar com tudo.

Foi maldita aquela hora,
bem alta de madrugada,
seja sonho ou pesadelo,
até arrepiava meu cabelo,
eu não posso me esquecer,
parecia o cabra pererê,
cabrochona descoronhada.

No tempo que eu cantava
o meu peito retinia,
eu dava um grito no sertão,
em todas praças se ouvia,
gozava de um privilégio
que o pessoar não conhecia,
quantas veis furava mundo
coa viola na companhia,

Cantava na boca da noite
até o romper do dia,
não tinha fome e nem sede,
(bem por isso eu resistia),
a violinha era encantada
em segredo e ninguém sabia.

Coa viola bem afinada
no ponto como eu queria,
cantava moda embolada
no gosto da freguesia,
quando encontrava violeiro
que canta e já desafia,
logo eu pedia desculpa,
eu não uso a categoria,

Toda vida o meu preceito
é cantá só com harmonia,
francamente eu confessava
até os pecados que eu devia,
a maldição que eu carregava
é que a muierada me perseguia.

Muita gente acreditava
que eu tinha feitiçaria,
as muié véia mais nervosa
todas elas assim dizia,
aconselhava suas colegas
pra ter cuidado coas fia,
quando eu riscava na viola a
veiarda se benzia,

Dava dó, eu tinha pena
do ciúme que elas curtia,
pois eu cortava o coração
de quantas me preferia,
de mulata, preta e branca
e quantos nome de Maria.

A fama que eu arrastava

e do modo que eu procedia,
eu brincava cas menina
e agradava os pai de família,
encontrei cabra arrepiado
com surrão de valentia,
as moça tomava a peito
e todas elas me defendia,
as mulatas me guardava
e as loura me prometia,
carinho pra toda vida
e com prazer eu recebia,
em troca eu dava o consolo
pra todas que me pedia.

Hoje vivo com saudade
das proezas que eu fazia,
o mestre que me ensinou,
pra mior não carecia,
no lugar que nós chegava
até a terra estremecia,
minha mãe sempre falava
que eu era um Dom de profecia,
na noite onde nós cantava,
nem sereno não caía,
as estrelas o céu piscava
e nem a noite escurecia
ribeirão de água corrente,
água parava e não corria.

O NOSSO RICO BRASIL
1987

O nosso rico Brasil tava numa situação,
na Europa tinha guerra
pondo o mundo em confusão,
nosso povo brasileiro
quando queixa tem razão, o pobre trabaiadô
tem medo da escravidão,
ele diz se Deus quisé
e se apega coa religião,
do governo a gente espera
que haja um pouco de proteção.

No tempo de João Goulart,
verdadeira negação,
o povo desesperado,
por Deus fazia oração,
rebelou em grande comício
nos Estados da nação,
o exército veio acudí
coa grande revolução,
há hora foi um alívio,
mas não teve solução,
fizeram muita devassa,
prenderam muito mandão.

Foi criada a ditadura,
mudaram a constituição,
foi vinte anos de trabaio,
cheio de perseguição,
o governo militar
fala coa espada na mão,
foi governo de arrocho,
como aperta um cinturão,
muita gente foi punida
por crime de subversão,
só o verdadeiro criminoso
era coberto de razão.

O povo desiludido,
não tinha mais condição,
apareceu Tancredo Neves
com um programa de cristão,
foi numa hora venturosa,
naquela grande eleição,

morreu, não tomou posse,
nóis fiquemo na ilusão,
muita gente tá dizendo
que essa morte foi traição,
morreu a democracia,
morreu o nosso timão.

Quando Sarney assumiu,
foi grande a consolação,
alegria durou pouco,
veio a grande tapiação,
nosso dinheiro caiu
na goela da infração,
o presidente apresentou
cada bruto pacotão,
o povo trabaiadô
que fique de pé no chão,
no almoço não tem carne,
no jantar nem o que é bão.

O Sarney disse que dá certo,
veja só sua opinião,
dobrou o imposto de renda,
aprece um bicho papão,
inda mais o compulsório,
tudo na mesma ocasião,
cobrando mesmo adiantado,
no prazo e não tem perdão,
as promessas do governo
é falsa que nem sabão,
tá ferrado num gatilho,
manda chumbo
e não dá explosão.

Pois eu que sou um caipira
que cheguei lá do sertão,
vi gente aqui na cidade,
queixando o preço do pão,
o Brasil devendo tanto,
veja só que papelão,
nossa terra é farturosa,
inda fazem a importação,
vem mercadoria estragada,
cheia de contaminação,
eu vou convidá o governo
pra vim comigo prantá feijão.

Obs.: “mercadoria estragada, cheia de contaminação”, refere-se à carne bovina que veio para o Brasil naquele período com possível radiação de Chernobil. O último verso é de um anônimo. (Nota do poeta).

DO MODO QUE EU FUI CRIADO

1987

Do modo que eu fui criado,
uso da família inteira,
na lida fui batizado
coa vacada na mangueira,
baguá que eu tenho enfrentado,
com laçada na carrera,
segurava bicho arisco,
no sartá de uma tronquera.

Estudei numa escolinha,
co meu irmãozinho menor,
a linda professorinha
me dava nota maior,
tabuada de toda linha
eu recitava de cor,
em todas lições convinha
eu tomava nota melhor.

Eu ficava entusiasmado
quando meu pai me dizia
que cabra bem educado
é galo na freguesia,
é um gozo eu me ver gavado,
trazendo na companhia,
bagage requisitada
que o povão me oferecia.

Coa violinha na mão
nem perguntava quem é,
fazia revolução
no coração das muié,
eu tinha preparação
pra cantá nos bate-pé,
se fosse pra desafiá,
podia vim como quisé.

No campo, na redondeza,
eu tinha consagração,
quarquê tipo de beleza
eu cortava o coração,
quanta jovem eu tinha presa,
nenhuma dizia não,
eu levava e tinha certeza,

na garupa do alazão.

Tudo isso acontecia
nos bairro onde eu passava,
o povaréu entristecia
vendo a prenda que eu levava,
nas festas que eu assistia
muié vêia encomendava,
pra tê cuidado coas fia
desde a hora quando eu chegava.

Hoje eu vivo com saudade,
curtindo uma solidão,
o que gozei na mocidade,
tenho na recordação,
pra mim não é novidade,
aproveitei tudo o que é bão,
com muita felicidade,
nesta violinha chorosa,
da priminha no bordão.

EU FIQUEI ENVERGONHADO

1985

Eu fiquei muito envergonhado
em casa do seo Juventino,
eu namorava a filha dele,
ia mudando o meu destino,
a pequerrucha convidou
pra eu chegá na casa dela,
triste noite foi aquela,
eu entortei falando fino.

Na hora quando eu cheguei,
fui por ela recebido,
seo Juventino passou perto
com um jeito desconhecido,
ela então pediu desculpa
com muita dipromacia,
com certeza a mamãe queria,
ele ficava arrependido.

Foi meu grande sofrimento,
eu não gosto nem de lembrá,
o véio foi me dizendo
que eu não podia casá,
eu fiquei muito embaraçado,
por ele carrancudo,

nessa hora eu fiquei mudo
sem resposta pra lhe dá.

Ele então chamou a véia
e foi piorando a situação,
ela era desmanzelada
e só fazia confusão,
balançava tanta banha,
fazendo muita medida,
aquela triste criatura
parecia sombração.

Ela chegô já foi dizendo
qual era a tenção que eu tinha,
não queria vê judiada
a menina muito novinha,
arrastou a moça do meu lado
e foi aquela coisa feia,
agarrô elas pras oreia
e empurrô lá pra cozinha.

Eu fiquei muito avexado
e queria prestá socorro,
por me vê desfeitado,
por pouquinho que eu não morro,
o véio tremia as barba
e com rompante e valentia,
gaguejando inda dizia
que me botava os cachorro.

A MENINA DE ITARARÉ
1995

Eu tano no meu destino,
eu não sou mesmo um quarqué,
eu bebendo uma garrafa

de pinga com capilé,
eu chego nas pagodera,
tô pronto pra vê o tropé.

Eu tenho um facão de aço,
uma garrucha lafuché,
eu não respeito sargento,

nem tenente e coroné,
eu dô carrera em polícia,
eu faço sordado perder o boné.

Eu fui numa pagodeira,
no bairro de São José,
lá eu namorei uma mocinha
que veio do Itararé,
me contou bem o segredo,
da família de quem é.

Quando fiz a despedida,
adeus querida Izabé,
demo um aperto de mão,
os dedo fez tere te té,
um abraço e um beijo doce,
que parecia favo de mé.

Despedi pra vortá logo,
seja lá o que Deus quisé,
ela disse eu tenho medo
da minha mãe quando soubé,
nóis vamos de porto em porto,
aproveitando toda maré.

A mãe dela quando soube
ela virou uma cascavé,
a véia batia o dente,
que nem quati mundé,
falava, rogava praga,
ela dava murro,
batia o pé.

A véia ficou maluca,
aprontou tamanho aranzé,
fez que nem galinha choca,

pizou ca ponta do pé,
pizou na barra da saia
e rasgô tudo croché.

ONÓRIO JOSÉ CASSIANO

Descendente de mineiros que vieram para a região explorar e conquistar novas terras no Vale do Paranapanema, o violeiro Onório, ou simplesmente o Cassiano, nasceu em 1910 nas terras que hoje pertence ao município de Platina. Filho de dona Maria Claudina de Jesus, também violeira, fato incomum para a época. Cassiano aprendeu desde cedo a lidar com o instrumento. Aliás, a família Cassiano possuiu diversos violeiros, além dele, há ainda menção de que tocavam viola os irmãos Antenor Cassiano e Lino Cassiano, moradores em Platina.

Conviveu com grandes nomes da viola da região de Assis, tais como, Joaquim Afonso Paulino, o Quinzão, unanime, pois todos violeiros da pesquisa ao tocarem no seu nome reverenciam o compositor, considerando-o excepcional. Ponteou viola também ao lado de Júlio Andrade, Patrocínio Tarso de Campos e Antônio Beatriz. Ainda está vivo, com cerca de 85 anos e mora na cidade de Assis.

Seu jeito de tocar viola está ligado a uma estrutura mais antiga que remete aos violeiros acima citados. As datas das composições abaixo, segundo Nestor Cassiano, teriam sido criadas nos anos de 1940.

EU PERTENÇO ÀS TRÊS NAÇÃO

O meu pai era mineiro,
Português de geração.
Meus avô são italiano,
Descendência de alemão.
Minha avó era nortista,
Natural do Maranhão.

Quanto que eu sou brasileiro,
Fui nascido em São Simão;
Tudo concorda comigo
Que eu pertenço às três nação.

Idade de bem mocinho,
E vim parar no sertão,
Mas aprendi cantar de viola
Pra cumprir com a inclinação;
Não tinha nem doze ano
Eu já fazia um figurão.

Por tocar regularmente
E cantar na perfeição,
Gozar com'eu neste mundo
Não que os outros desleixão. *(sic)*

Eu pegava na viola
Era aquele baruião;
De menininha solteira
Ficava cheio o salão.
Com grande desembaraço
Vinha me pegar na mão.

As moça que era ciumenta
Mudava de feição;
Falava pr'ela que fugisse
E elas dizia que não.

O pai dela 'inda pedia,
Ela nem dava 'tenção,
Mas veja só essa marota
De que jeito que elas são,
Mas é só pegar o violeiro
Pra ponhar no coração.

O pai vai conservar
Filha nessas condição;
Minhas unha estão cansada
De tanto eu dar beliscão.

Eu pegava na viola
Fazia gemer o bordão;
Cozinheira vinha correndo,
Ligeira que nem rojão
Deixando a pinga fervendo
'Parramar pelo fogão.

O festeiro embrabecia,
Mas logo dava o perdão;
Qual'é este neste mundo
Que não dá conta do que é bão!

Esta é nossa festa ai, ai, ai
Mas eu sou mesmo um caipirão
Gentarada tá na vila ai, ai, ai (*sic*)
Mas é pra qualquer cidadão

As mocinha da cidade
Só vê tocar moda de violão,
Quando é moda sertaneja
Gosta sem comparação;
Diz que a moda caipira
É o suco do limão.

Canto porque me distrai,
Pena que as moça me dão
Comecei na primavera
E canto até chegar o verão!

FESTA NO BAIRRO SÃO MATEUS

Essa moda de viola foi feita como encomenda a pedido de um fazendeiro para ser tocada em sua festa como sinal de pagamento a uma promessa no final dos anos 70. Interpretaram-na Onório e Nestor Cassiano.

Agora que eu vou cantar,
Mas antes eu quero pedir ai, ai
Agora que eu vou cantar,
Mas antes eu quero pedir
Licença ao dono da casa
E ao povo que tão aqui;
Mas é pra esse bom amigo
Hoje dá licença d'eu sair.

Nós tamo alegre e satisfeito,
Eu lhe vejo por aqui,
Mas no dia de ir pra casa
E com prazer na minha vida
Eu com prazer na minha vida
Eu vou cantar no São Mateus;
A minha terra conhecida
Saber que o festeiro,
Que os amigo me convida.

Pois o festeiro é um homem bão
E não tem esse que não diga;
Na hora qu eu fui chegando
Começaram a dar bebida.
Também arrecebeu esse (nossa vida) *(sic)*
Foi o (que até) tava doendo a barriga, *(sic)*
Mas (a gente agradecia) *(sic)*
De uma mesa tão sortida.

Foi pra dançar na tua sala
Que a turma veio corrida.
Garota entrou no baile
(Dando) canela batida.
E o galão balanceou;
Muito foguete na vila,

Mas logo agradeceu o festeiro
Por ter um prazer, nossa torcida.

Mas na hora que eu for me embora,
Eu vou fazer minha saída ai, ai
Do resto do povo todo
Eu vou fazer minha despedida ai, ai.

Mas na hora que eu for me embora,
Eu vou fazer minha saída
Do resto do povo todo
Estou fazendo a despedida.
Despedindo do festeiro
E a viola chora sentida
Porque alguém leve de lembrança
Por resto da tua vida.

BENEDITO FERREIRA DE PAULA, O PIRACAIA

Considero a obra de Piracaia uma das mais, senão, a mais representativa, do período inicial da formação da cidade e região de Assis. Merecedor de muitas homenagens, inclusive do poder público, o “Vovô da viola”, violeiros e apreciadores viveu até os 91 anos na deixando um vasto apresentado em 21 cateretês, sambas e



título dado pelos próprios da música caipira assisense, cidade, falecendo em 1998, repertório, aqui, minimamente composições, sendo elas modas-de-viola..

Todas os poemas a seguir, com exceção às modas “Feiticeiro” e “Menina de doze anos”, foram interpretados pelo próprio Piracaia e/ou com o seu parceiro Nestor Cassiano, o Cassianinho, em locais diversos na cidade de Assis, entre os anos de 1995 e 1996.

Maiores informações sobre o violeiro encontram-se no decorrer da dissertação.

MAMÃE ME DISSE

Mamãe me disse que eu perdi minha vergonha,
Pois é mentira eu nunca perco opinião.
Se eu namoro essa menina é porque eu gosto,
Ela me ama com grande satisfação.
Se eu não trabalho é porque eu sou
[desempregado;
Mamãe reclama porque ela tem razão,
Pois a menina ainda é menor de idade
E o pai dela é mais bravo do que leão!

Um dia desse eu fui passear na casa dela,
Ela esperava sentadinha no portão.
Eu fui chegando muito alegre e satisfeito,
Na mesma hora eu disse adeus, peguei na mão.
Nós conversemo mais ou menos às onze hora,
Batendo papo no meio da escuridão.
E o pai dela tava tremendo de frio
‘Quentando fogo na em cima do fogão!

Se eu não casar com essa menina eu fico louco,
Porque a garota é delicada de feição.
Eu reconheço que sou pobre e não mereço,
E o pai dela tem dinheiro e é ricão.
Não me interessa na riqueza que ele tem,
Porque eu sou pobre, mas eu tenho profissão.
E na viola eu canto moda pra menina
E ela gosta e tudo mundo acha bão!

E o pai dela prometeu de me matar
Eu tenho medo porque o velho é valentão.
Pois a menina 'inda quer fugir comigo,
A minha vida neste mundo não está bõ.
Eu vou se embora para escapar desse enguiço,
Na outra terra eu vou cuidar da religião;
Eu vou na missa todo dia bem cedinho
Eu deixo tudo porque o mundo é de ilusão!

CASEI COM DEZOITO ANOS

Casei com dezoito anos
Fiquei muito arrependido:
A mulher é muito brava
Por isso eu tenho sofrido.
Eu não quero trabalhar,
Pois o sol é muito ardido;
Só gosto de tocar viola
E divertir com meus amigo!

Um dia levantei cedo
E o sol já tinha saído.
Eu queria trabalhar,
Mas a mulher brigou comigo:
Em casa eu não tinha nada,
Faltava feijão cozido;
A mulher pegou chorar
Eu fiquei desenhado.

A mulher me deu um palpite,
Achou que eu era um bandido:
Você pegue a sacola
E vá na venda d'um amigo;
Tôcin' você traga fiado,
Farinha traz escondido,
Se o vendedor contar papo
Você mete a mão no 'vido!

Ô mulher você está louca
Ou você está fora do sentido?
Se eu fizer uma coisa dessa
Eu conheço qu'eu tô perdido.
Vou s'embora pra cadeia,
Você fica sem marido;
Tão logo eu não saio mesmo
Porque eu estou comprometido.

Se você for pra cadeia,
Tô livre e desempedido.
Vou pra casa dos meus pais
E danço baile seguido:
Alembro do tempo velho
Que eu namorava divertido
E posso casar com outro
Se você for falecido!

O POBRE NASCEU NO MUNDO

O pobre nasceu no mundo
Foi só pra passar 'margura.
Trabalha a semana inteira
E vive na dependura.
Dorme numa cama véia,
Come feijão sem gordura.
O pobre descansa o corpo
Quando vai pra sepultura.

A mulher do homem pobre
O povo tudo censura.
Vive seca que nem lenha
Co'a criança na cintura;
Os dente tudo estragado
Não pode por dentadura
E o salário é muito pouco
Que a crise tá muito dura.

A mulher do homem rico
Ela vive na fartura.
Tem conforto e tem beleza
Quando entra na pintura:
Ela vai na penteadeira
Nem que seja uma feiura,
Ela pensa que o cabelo
Que compõe a formosura!

O homem que tem dinheiro
No mundo é uma gostosura:
Come, bebe, veste bem
Dinheiro tem de fartura.
Quando morre deixa tudo
Pr'os filho fazer bravura;
Sendo rico e orgulhoso
Vai sofrer lá nas escuras!

SACI PERERÊ

Eu já estou ficando admirado
Lá no bairro que eu estou morando.
O pessoal tinha tanta amizade,
Hoje em dia só vive brigando:
Tô cansado de escutar causinho
Que no bairro vive 'laborando,
Deito na minha cama não durmo
De tanto escutar o Saci 'soviando.

Ai, ai que medo eu estou passando
Não posso ver o Saci 'soviando!

O Saci anda de casa em casa,
Noite e dia ele vive cantando.
No domingo ele vai no jogo
Quando vê que o peão tá ganhando:
Ele vira o jogo do sujeito
E fica no lado observando,
Quando os cara tarraca na briga
O Saci tá no meio por eles xuxando.

Para a mulher brigar com o marido
Esses casados de muitos anos:
O Saci quase não se incomoda
Porque os dois sempre vive rezando.
Lá em casa eu tenho um livrinho
Que ganhei de um católico romano,
Quando leio minhas oração
O Saci dá um assobio, vai arretirando.

Pra mim tirar o Saci do bairro
Já fiz promessa pra São Caetano.
Mas o Saci não quer retirar
Porque muitos vivia abusando:
Ele que cuida da religião
Vai no baile 'manhece dançando,
O Saci fica muito contente
Quando ele vê uma dama
Na sala virando!

O Saci tem uma perna só,
Nas estrada ele vive pulando.
Quando entra num salão de baile
Ele vira um mocinho bacano:
Dança só com essas moça grã-fina,

A coitada até fica babando:
Elas dança de corpo largado
O Saci aproveita, que bicho sacano!

QUE MOÇA BONITA, CORAÇÃO DE AIS

Que moça bonita
Coração de ais...
Pedi em casamento
O pai diz que não faz...

Que moça bonita
Coração de ais,
Pedi em casamento
O pai diz que não faz!
Quer viver solteira
Pra 'regalar mais;
Só vive gozando
E fazendo sinais.
Coração da bicha
É de pedra cristais!

Eu larguei do baile
Dos tempo pra traz
E os meu companheiro
Pegaram caçoar.
Me chamaram de trouxa
Eu falei não faz má,
Sou filho de Deus,
Eu não quero pecar
Eu larguei do baile,
Por querer me salvar.

Eu fui numa festa
Lá no Paraná:
Num bailão de roça
Que fizeram lá.
Na minha chegada
Eu peguei rezar,
Os homem zangando
Soltando faisca
Até pro calcanhar!

Oiei pro buraco

E peguei reparar:
Enxerguei o capeta
'Judando tocar!
Só ele chegava
Pra fazer rufar,
O galo cantou
Fez o baile parar:
Capeta sumiu
Sem ninguém enxergar!

DIA QUATRO

Foi no dia quatro,
Eu fiz um trato
Lá na cidade de Ipaussú.
Eu fui no cinema,
Conheci uma morena
Que era estudante
De Piraju.
Era uma donzela,
Eu falei pra ela:
-Gostei de tu! Gostei de tu!

Ela sorriu: “ – ah, ah, ah,
Gostei de tu, mas eu não posso
Te amar!”

Depois do cinema,
Foi um problema:
O velho chegou
Fez um sururu.
Chamou a polícia
Pra dá revista,
Eu fiquei vermelho
Que nem peru.
O trinto e oito
Ninguém achou
Ela falou: “ – Gostei de tu! – Gostei de tu!”

Foi nas onze horar,
Eu me despedi,
Ela pegou a ri
Eu tomei um carro
E fui pra Bauru.
Ela também foi
Com esse pó-de-arroz,
Lá eu me casei
Com a prima Lulu.

O meu casamento
Foi cem por cento,
O pessoal falou:
“ – Gostei de tu! – G ostei de tu!”

FILHINHO DE PAPAÍ

Nosso mundo é muito bom,
Mas pra quem sabe aproveitar.
De dia ele fica em casa,
De noite sai pra passear.
Ele anda a noite inteira
Pela rua sem parar:
É filhinho de papai
Não precisa trabalhar.

Quando encontra uma garota,
Os dois pega a conversar.
Acoitada dá confiança,
Porque ela quer casar.
Mas o cara não quer nada
Quer só ver tempo passar:
É filhinho de papai
Faz o que a cabeça dá.

Essas mocinha de agora

Os pai não pode governar.
Pro isso os moço ‘proveita
E tem razão de ‘proveitar.
Eles casa na polícia
E despois quer desquitar.
É filhinho de papai
Tem dinheiro pra gastar.

Quando for no fim da vida
Eles vão se arreclamar.
O dinheiro que ele tem
Morre e não pode levar.
Ele vai c’a alma suja,
Só Deus quem pode julgar.
É filhinho de papai
Mas também quer se salvar!

ESSE NOSSO MUNDO VELHO

Esse nosso mundo velho, ai, ai, ai
Tá pertinho de acabar, ai, ai, ai

Esse nosso mundo velho
Tá pertinho de acabar
Porque o povo faz pecado
Deus precisa castigar!
Coisa que nunca se viu
Porém querer no arrozar,
Mas é uma coisa interessante
Fez o povo admirar!

Primeiro deu no capim
Não deixava o gado pastar,

Pro culpa dos pecador
O santo é que vai pagar.
Eu também fui inocente
Hoje eu sou pecador
Mas no braço dessa viola
Eu canto modas pros amor.

Quem conhece cantoria
Nos meu verso dá valor:
Corre água sem chover
Nos olhos dos preto matador!
No braço dessa viola
Eu sou quase professor;
Mas eu nasci pra ser violeiro
Pro isso eu sou cantador.

Os homem de hoje em dia
São todo falsificado.
Só pensa em malvadeza
E divertir e fazer pecado.
Eu mesmo sou um dos tar
Que não sou bem considerado:
Eu jogo truco e bebo pinga
E danço baile e sou malvado.

Não danço com moça feia
E tando bem arranjado,
Danço só com essa grã-fina
Nem que tenha namorado.

Entro no salão de baile
Com minha caro lavado;
Quando a sanfona toca
Eu já saio tarracado.

O lenço vai na sanfona,
Daí sim fico enfesado:
Ponho o chapéu na cabeça
E sento no banco de lado
Com meu trinta na cintura,
Bala eu carrego os punhado
Se uma dama dê uma boa
O tropé já tá formado.

Eu fui pra assistir um baile
Muito longe, arretirado;
Eu encontrei com uma menina.
Corpo fino e delicado.
Tinha o beijo avermelhado
Dentadura abenturado,
A beleza da menina
Que deixou eu encantado.

Do cabelo permanente,
Das unha todo pintado
Tinha dois brinco de ouro
Nas orelha pendurado.

Eu pedi namoro pr'ela ai, ai, ai
O galo tinha cantado ai, ai, ai

Eu pedi namoro pr'ela
O galo tinha cantado
Ela respondeu sorrindo
“ – Eu já tenho casamento
Meu casório tá marcado,
Nós vamo tirar o nome
Na quinta-feira passado”.

Eu saí daquele baile
Às quatro hora despeitado,
Não chorei por ter vergonha
Mas fiquei triste-amagoado.

DEUS QUANDO FEZ O MUNDO

Deus quando fez o mundo
Com grande satisfação
Primeiro ele fez o céu
Pra depois fazer o chão ai, ai, ai

Deus quando fez o mundo
Com grande satisfação,
Primeiro ele fez o céu
Pra depois fazer o chão.
Fez a noite, fez a estrela;
É uma bonita invenção.
Fez o sol, fez a lua
Que no mundo faz clarão.

Fez o homem e fez a Eva

E é o que deixa nós cristão.
E o que não é batizado
Com certeza é pagão.
Ai Deus também deixou o batismo
Pra confirmar religião.
Deus também foi batizado
Dentro do rio de Jordão.

Ai quem batizou Jesus Cristo
Foi o próprio São João.
Ele fez o batizado
Só com a vela na mão.
Ai Deus também batizou ele
Nessa mesma ocasião.
Ficaram os dois batizado.
Por ser filho da benção.

Deus começou com o pessoal,
Deixou a Eva com Adão.
Por isso devemos dele
A boa confirmação.
Depois qualquer de Adão e Eva
Nós somos tudo irmão;
Soberbia neste mundo
É um pecado sem perdão.

Ai quando for no fim do mundo
Há um grande baruião, ai
Quarenta dias chove às vez
E nem enche um ribeirão, ai.

Ai quando for no fim do mundo
Há um grande baruião.
Quarenta dias chove às vez
E nem enche um ribeirão.
E quando pegar fogo no mundo
É um baque de canhão,
Morre pobre, morre rico
Quando vim o furacão!

FEITICEIRO

Nota: a moda a seguir apresenta problemas de transcrição devido as dificuldade em compreender o áudio da fita cedida pelo senhor Nestor Cassiano. Interpretam esta música na fita em questão Piracaia e Salvino Ribeiro.

Conheci um feiticeiro
Que fazia o que queria ...
Nem (...)
Largado de sua família...

Conheci um feiticeiro
Que fazia o que queria
Nem (...)
Largado de sua família.
Fez negro casar com branco
A custa de feitiçaria.

Brigava com doze homem,
Com ele ninguém podia;
Feria os outros de faca
Tiro nele não saia.

Carregava um bauzinho
Sempre em sua companhia:
Na hora do seu trabalho
O baú sozinho abria;
Lá saia um gato preto
E a casa toda tremia.

Soltando fogo pra boca,
Era enxofre que fedia;
O homem fazia o mal
E o gato preto gemia.

Deram parte ao delegado,
Quando foi um belo dia
Que o homem era valente
O delegado sabia;
Telefonou para São Paulo
Chamaram a cavalaria.

De lá veio dez soldado
Pra fazer a capitúria
E prenderam o tal
Levaram pra delegacia.

Cortaram ele na borracha,
E puseram na água fria;
Na hora ele 'rependeu
De tudo que le fazia,
Revistaram o bauzinh'
Pra ver o que dentro existia.

Tinha asa de morcego
E pé de pato sem quantia;
Orelha de lobisomem
Pra fazer mandigaria.

Quando alembro desse homem
Meu corpo todo arrepia...
Era um pretinho velho
Mas quando arresolvia...

Quando alembro desse homem
Meu corpo todo arrepia;
Era um pretinho velho
Mas quando ele arresolvia;
Fincava o pé na parede
Eu de medo me benzia.

Mas tal força do governo
Não existe simpatia
Descobri o seu segredo
E hoje vive sem valia.

MENINA DE DOZE ANOS

Eu quero fazer casamento
Com uma menina de doze ano;
Pra mim ir à casa dela
Eu arriava meu macho ruano.
Eu chegava no terreiro
A menina vinha se desmanchando;
O rosto cheio de tinta
Os olhos preto meticulando.

Vestido preto na moda,
O corpinho arrequibrando,
E eu por ser meio trouxa
Por a garota fiquei babando!

Eu gozei com essa menina
Durante o tempo que tive amando.
Nas festa que eu ia
Eu cantava moda pra machucando.

Na viola eu perguntava
Como é que ela ia passando;
A garota compreendia
Nem que eu falasse napolitano.

Namorava por sinais
Porque eu tive ensinando.
As outras tinha ciúme
Quando enxergava nós namorando.

Eu fui assistir um baile,
Encontrei a garotinha dançando.
Colei o corpo na sanfona
Na minha banda ela veio voando.
Eu não quis dançar com ela
Tomei uma moça, saí arrastando;
E sentou numa cadeira
E varou a noite inteira chorando.

A coitada suspirava,
Coração ficou pulando;
Eu alegre e satisfeito
E a coitadinha só soluçando.

Não dançou com mais ninguém
Porque eu virei ruim dentro dos plano.
Quebrei meu chapéu na testa
E o meu trinta e oito já fui guardando.
Eu queria dar uns tiros
E fazer o trinta esquentar o cano.
O baile acabou em nada
E o povo foram ralhando.

A garota veio a mim.
Com lábios me agradando
E eu 'inda fui pra casa dela
'Manhecemo dia namorando.

Desculpei já dei contorno
E ao me despedir fui me arretirando.
Eu montei no meu cavalo
Ferreí de espora, saiu pulando;
A garota na janela
Com muita dó ela tava olhando
De medo de eu cair
As espora tava me segurando.

Não voltei na casa dela,
Fiz serviço de sacano
Até hoje ela chora
Quando vê falar no Piracaiano!

FESTA BOA

Agora eu tô me lembrando
Quando eu era criancinha...
Andava de braço em braço
Recebi muita boquinha...

Agora eu tô me lembrando
Quando eu era criancinha
Andava de braço em braço
Recebi muita boquinha.

Eu beijei uma moça branca
E também uma moreninha,
Quando a branca me beijava
Eu dava uma risadinha
A garota de uma banda
Só falava: — ô belezinha!

Hoje em dia só desprezo
Qu'eu vejo na minha frente;
Eu bem quero me casar
Não sei se papai consente;

Se ele não consentir,
Sei qu'eu morro de repente.
O mundo será tão triste,
Morrer sem ficar doente;
Por causa de namorada
A gente morre nem não sente!

Dia do meu casamento,
Vou fazer uma festa boa.
Vou matar duzentos frango
Mais de cinqüenta leitoa.

Porque a noiva é bonitinha
E tem raça de alemoa;
Eu também não fico atrás
Sou moreno da coroa.
Eu estando co'a barba feita
Nem cachorro não acoa!

Nesta festa vai ter doce,
De laranja de zamboa.
Quem não for no casamento

Com certeza que ele agoa!

Porque vinho tem bastante,
Mandei vir lá da Lisboa.
Guaraná pra morenada
Feita de laranja boa.
Violeiro são campeonato
Canta bem, mas não distoa!

Vou mandar tocar fubá
Pra mulher fazer uma broa,
Porque o pão tá muito caro
Dinheiro não anda atoa.

O cruzeiro é de papel,
Com qualquer ventinho avoa;
To'sperando nesta festa
Mais de quinhentas pessoa.
Precisa tratar do povo
Se não os violeiro amoa!

Despois qu'eu virar casado,
Junto co'a minha patroa
Nós vamos pra Pirapora
Quero passear de canoa;

Vou tirar o meu retrato
Bem sentadinho na proa
Pra mandar reproduzir
Pra ver se ninguém caçoa
Pra mandar pros meus parente
Da banda das Três Lagoa!

NOSSO MUNDO PRA MIM ACABOU

Nosso mundo pra mim acabou,
Porque as coisa ficou diferente;
A mulher tá mandando nos homem
E com isso não fiquei contente;
Eu gosto beber uma cachaça,
Mas a minha mulher não consente,
Ela fala quem bebe cachaça
É uma coisa sem graça
E envergonha os parente.

Ela fala com muita razão,
Porque a pinga pra falar a verdade
Muitos bebe porque está nervoso

Outros bebe porque tem vontade;
Se eu não bebo é porque eu não gosto,
Fica falando barbaridade,
Cachaceiro só gasta dinheiro
Em todo boteco que tem na cidade.

Os boteco que tem na cidade
Quando chega pra tomar o mé,
Ele toma, fica meio louco
Pra em casa brigar co'a mulher;
O vizinho que já está dormindo
Logo acorda co'aquele tropé,
Pois o cara ficou embriagado
Só fala enrolado não para de pé.

Sei que o mé tá acabando co's homem,
Pois eu não tenho nada com isso,
Porque eu já tomei muito mé
Deste muito já tive os enguiço;
Hoje em dia eu não tomo mais
Porque eu peguei o meu compromisso,
Sou casado e vivo sossegado
Não bebo e não fumo
Larguei de seu vício!

CACHACEIRO

Nota: Esse cateretê foi gravado em disco entre o final dos anos 60 ou início de 1970 pela dupla de músicas caipiras, então residentes em Assis, Jacó e Jacozinho. Em 1984, pela gravadora Chantecler, foi relançado em LP, ao lado de outros sucessos da dupla. Neste mesmo disco, outra música da autoria de Piracaia, “Capa de viajante”, é relançada. Embora estando como co-autor o nome de Jacozinho, o fato é contestado, pois o próprio Piracaia em vida, dizia ser a composição apenas dele. O que ocorreu, e talvez isso possa explicar a condição de Jacozinho se situar como co-autor, foi a extração de alguns versos ou a adaptação dos mesmos, pois, ainda, segundo Piracaia, foi tirada uma última estrofe e “mexido” na letra.

Eu não bebo pinga
Porque tenho medo.
A cachaça é boa,
Mas não é brinquedo;
O homem que bebe
Não guarda segredo:

Deita muito tarde
E levanta cedo
Com a boca 'margando
E cuspiendo azedo.

O homem que bebe
Fica muito louco.
Bebe uma garrafa
Diz que é muito pouco;
Quando chega em casa
Tá falando rouco:

A mulher e filho
Ele leva a soco
Co'a boca cheirando
Que nem ovo choco.

Muitos bebe pinga
Diz que é profissão.
Acha que a cachaça
É alimentação;
Quando compra pinga
Dá desprezo ao pão:

Quando vê um copo
Em cima do balcão
Tá com os olhos aceso
Que nem lampião!

Quem bebe cachaça
Porque gosta dela.
Bebe da branquinha
Também da 'marela;
Quando não tem copo
Bebe na tigela:

Dorme na estrada
Em cima da macega,
Um dia esse cara
Vai morrer sem vela.

Vai morrer sem vela
Com o litrão do lado.
A alma sai do corpo
Meio assapecado;
Chega lá no céu
A porta tá fechado:

São Pedro não abre
Porque tá enfezado,

Lá no céu não entra
Gente embriagado!

CAPA DE VIAJANTE

Vou contar o que aconteceu
Isso é pura verdade
D'um moço que viajava
Gostava da vaidade
Numa véspera de domingo
Ele chegou numa cidade...

Foi no clube dançar baile
'Proveitar da mocidade
Lá encontrou com uma mocinha
Os dois dançaram à vontade.

Antes do galo cantar
Regulava onze hora
A moça falou pro moço:
"— Eu preciso ir me embora
A noite tá chovendo,
Mas a sua capa escora,

Você vai junto comigo";
Os dois saíram pra fora
Saíram de braço dado
Na rua contando história.

Chegaram lá na avenida,
Fizeram separação.
Ela foi pra casa dela
E ele foi pra pensão
E deixou seu endereço
Subscrito num cartão.

Levou a capa do moço
Só pra dar demonstração
Que ela já era morta
Tava livre da ilusão!

No outro dia bem cedo
Levantou, foi procurar.
A casa do pai da moça
Custou muito pr'ele achar.
Bateu palma no portão
O velho mandou entrar...

Sentaram numa cadeira
E pegaram a conversar,
Perguntou da sua filha
O velho pegou a chorar:

“- A minha filha caçula
Que chamava ‘Parecida,
Tá fazendo muitos anos
Que ela foi falecida.
Morreu, foi pro cemitério
Já passou pra outra vida...”

O moço falou pro velho
Com uma voz meio atremida:
“- Ontem eu tive com ela
Passeando na avenida”.

O velho falou pro moço:
“-Você não quer acreditar,
Nós vamo no cemitério
Que eu quero lhe mostrar
A sepultura da filha
Só pra ver que jeito tá!”

Os dois saíram pra fora,
Foram andando devagar.
Chegaram no cemitério...
A capa dele tava lá.

EU NÃO QUERO QUE O POVO FALE

Eu não quero que o povo fale
Da boa terra que eu nasci...
Quando lá eu vivia roçando
A mesma coisa que eu vivo aqui...

Eu não quero que o povo fale
Da boa terra que eu nasci.
Quando lá eu vivia roçando
A mesma coisa que eu vivo aqui.
Eu morava debaixo da serra,
Tinha um pinho bom pra tinir;
Eu vivia bastante amizade
E festa à vontade pra se divertir!

Até hoje ‘inda lembro da hora
Quando da minha terra saí;

De lá eu saí meia noite
E de ninguém me despedi.
Só deixei carta escrita,
Com essa mão escrevi
Só pra garota ficar sabendo
Que lembrança por ela lá não vivi! (Que veneno por ela eu não bebi)

Eu ponhei minhas malas nas costa,
E nas estradas de Minas rompi.
A noite tava que nem um breu,
Travessei na rua de Cambuí.
Encontrei com dois guarda noturno
Perguntaram se eu ia fugir;
Pros dois guarda não dei confiança
E pro eu ser criança deixaram seguir.

Eu entrei no estado de São Paulo,
O meu coração pegou a tingir.
Eu cheguei na estação (com medo) *(sic)*
Quase na hora do trem partir.
Comprei o passe, peguei o carro
(E o meu caminho segui) . *(sic)*
Mico diz que nego na capital
(Padece, mas) *(sic)* não me arrependi.

Em São Paulo eu parei quatro dia
Numa pensão no Cambuci.
Depois peguei a Sorocabana
E por esse sertão eu sumi.
Alegrou este meu coração
Quando cheguei lá em Sussuí
Por tá *(sic)* uma linda moreninha
Tão bonitinha, morava em Assis!

NASCI E VIVI EM ASSIS

Nasci e vivi em Assis
Na avenida Rui Barbosa;
Lá eu vi uma moreninha
Gordinha, pois bem vistosa
(...)

Perguntei o nome dela
Somente virou e me disse:
“- Moço, eu me chamo Rosa”
Mas ela falou tão baixinho,
Tava meio envergonhosa;
Descemo a avenida abaixo
Numa tarde calorosa;

Descemo contando os passo
'Priciando o cheiro da rosa.

Levei ela no jardim
Por ela ser amorosa.
Lá eu vi um cuitelinho
Beijando minha flor cheirosa;
Eu achei interessante
E dei risada gostosa.

Fui até a igreja
Eu vi santa milagrosa.
Andamos pela cidade
Só pra ir junto com a Rosa.

Moça que nem eu gozei,
Garanto que ninguém goza.
Namorei esta menina
Por ela ser espirituosa;
Não pude casar com ela
Por causa das invejosa.

Despois um porre tomei
De tanto beber gasosa.
Daí rolei na rua,
Chorei por causa da Rosa.

EU FUI NASCIDO

Eu fui nascido no sítio,
Criei no cabo da enxada.
Trabalhava o dia inteiro,
Pra mim não falatava nada.
Minha mãe sofria tanto
Vendo os pé da molecada:
Vivia com a idéia quente
E eu tinha dó da coitada.

Nós morava em Bragança,
Na fazenda da Machada.
Despois o papai morreu
E mamãe ficou magoada.
De lá nós fomo se embora,
Saimo de madrugada:
Pra morar em Piracaia —
Ô que cidade engraçada!

Me criei em Piracaia
No meio da rapazeada.
Aprendi a cantar de viola,

Fazia moda engraçada.
Eu fui no estado de Minas
Divertir co'a minerada:
No braço dessa viola
Fiz o povo dar risada.

De lá eu vim pra Ipauçu,
Nós trabalhava de
empfeitada.
Logo que mamãe morreu
Lá ela foi sepultada.
Eu fiquei muito nervoso,
Fiz a minha retirada:
Peguei a Sorocabana
E fui chorando pelas estrada.

Desembarquei em Cervinho,
Ali fiz a minha morada.
No prazo de pouco tempo
Arranjei uma namorada.
Eu casei em trinta e quatro

Dentro da igreja sagrada:
Com prazer e alegria

Criei toda filharada.

NO DIA QUE EU NASCI

No dia que eu nasci nesse mundo
Eu não vi, mas minha mãe me falou
Que papai tava tocando de viola
É por isso que eu sou cantador.
O coitado morreu de repente
E o filho no mundo ficou.
Cara feia pra mim não existe
Ninguém fica triste no lugar que'stoul!

Só pro eu ser cantador de viola,
Mexo a moda com muito carinho;
E o festeiro faz nossa despesa
E os gasto que sai no caminho.
Só por saber que eu Piracaia
Desenvolvo no braço do pinho
Na festa se nós chega apartado,
(Não ficamos) *(sic)* na mesa sozinho!

Nosso mundo tá muito explorado,
Tão custoso pro povo viver.
Porque o rico judia dos pobre
E o coitado só tem que sofrer.
E os homem que são empregado,
O trabalho só dá pra comer,
Porque o pobre só tem esperança
É depois que ele morrer.

Homem rico só vive gozando,
Não tem nada pra ele fazer.
Senta na cadeira de almofada
E ninguém pode lhe 'borreecer.
Sendo rico tem mulher bonita
Que dá gosto pra gente vê:
Sai na rua na boa , arrumada
E tem empregada pra favorecer.

Quem trabalha não ganha dinheiro
Sempre vejo os antigo dizer.
Eu pensava que era mentira
Mas agora acabo de crer:
Eu já trabalhei que nem um burro,
Já fiz muitos homem enriquecer,
Hoje eu vivo no braço do pinho

Fazendo versinho pros cateretê.

Só pro eu ser cantador de viola,
Amizade só tenho a valer.
Tenho feito muitos fazendeiro
Lágrimas dos olhos descer:
Dá gemido e suspira apertado
Ele tem que chorar sem querer.
Minha moda é de muito perfume
Coração que é duro faço amolecer!

DE UM CERTO TEMPO PRA CÁ

De um certo tempo pra cá ai, ai, ai
O mundo pra mim virou ai, ai, ai

De num certo tempo pra cá
O mundo pra mim virou.
Eu arriei do meu cavalo
E num sei pra onde eu vou.
Triste hora foi aquela
Que a garotinha mudou,
Mas 'inda assim eu tenho a rosa
Que a garotinha me mandou.

Eu fiquei lá na estação
Bem na hora que ela embarcou.
Mas foi de carro de primeira
E o pai dela quem pagou.
(...)
Que ninguém não me comprou
Mas na hora da despedida
Como um rabeção chororô.

Eu (dei) meu (autografo) (*sic*)
Que a menina carregou.
Mas 'inda assim eu tenho carta
Que a garota me mandou.
Embaixo da 'sinatura
Diz porque finalizou:
(...) desconhecida
Do bairro que ela morou.

Amor diz que não mata
Mas essa quase me matou;
E dentro do salão de baile

Nos meu braço ela arrematou.
E com outro ela não dança
Só comigo ela dançou.
“Mas querido te quero bem”
(Foi o) tempo (que me tom) ou. *(sic)*

Na minha casa num vem,
E na casa dela eu também não vou
Mas o meu nome (é lembr)ança *(sic)*
Nas boca dos falador.

Coitada do meu benzinho ai, ai, ai
O pai dela censurou ai, ai, ai

Coitada do meu benzinho
Que o pai dela censurou.
Mas (por causa) de cantoria *(sic)*
Que o curpado traidor
Mas quer que a menininha case,
Com outro (ela) se casou *(sic)*
Mas um dia desse passado
Ela quase me (encontr) ou.

Eu contei pra minha mãe
E o papai me desconjurou.
Mas queria me dar uma surra
E o velho não me pegou.

AS MOÇA DE HOJE EM DIA

As moça de hoje em dia
Eu tenho prestado sentido:
No dia do casamento
Veste um vestido comprido,
Mas depois que ela casa
Ela fica arrependido,
Com prazo de poucos tempo
Ela larga do marido!

Ela larga do marido
Despois pega a namorar.
Ela quer fazer deboche
Pra depois ela casar.
Ela casa no cartório
Porque na igreja não dá.
A igreja de Jesus Cristo
Nós precisa respeitar!

Eu casei em trinta e quatro,
Tá fazendo muito tempo.
Casei na igreja católica,
Fiz um bom procedimento.
Eu que tou com minha esposa,
Nós fizemo um juramento
Que na vida e na morte
Não reclamar no sofrimento.

Mas depois que eu morrer
E a mulher ficar sozinho,
Eu quero morar no céu
Com prazer, muitos carinho.
Lá eu vou viver contente,
Porque eu sou muito bonzinho.
Se você não acredita
Pregunte pro meu vizinho!

CUSTÓDIO PEREIRA

Pai do violeiro Sertão (Isaulino Pereira da Silva), o violeiro Custódio tem origem relacionada às cidades a Rio Brilhante ou Bataguaçu, no Estado de Mato Grosso do Sul. Recém casado, primeiro mora nas cidades próximas ao Rio Paranapanema, até chegar em Assis. Foi lavrador e vaqueiro. Os filhos, todos continuaram a arte da viola, destacando-se Benedito e Isaulino, a dupla Sertão e Sertãozinho. Segundo o sr. Nestor, o violeiro teria falecido de problemas cardíacos em torno do final dos anos 70.

A composição a seguir possui, tanto enquanto letra como em musicalidade, riqueza absoluta dentre as composições com as quais pude entrar em contato. Aliás toda a família de Custódio, pelo que parece e consta, é privilegiada nas interpretações das modas próprias e de outros compositores. A data da composição a seguir, segundo o violeiro Sertão, remete à década de 60.

ADEUS BAIRRO QUE EU MORAVA

Adeus bairro que eu morava,
Eu não posso mais morar.
O lugar que eu passei gosto,
Mas não pôde aproveitar.
De tanto amor que eu tive
Foi preciso de eu deixar,
Mudei pro alto da serra
Onde canta o sabiá.

No romper da madrugada,
Antes do galo cantar.
Naquela mata soturna
Eu vi o pass'ô dobrar,
Meu coração deu balanço
E foi cortando devagar,
Suspirei gemido
Sem amor pra consolar.

No retiro aonde eu moro,
Na hora do sol entrar
Subi no alto da serra
Naqueles alto de lá .
Avistei o mundo inteiro
Só não pude te enxergar,

Avistei serra do norte
Aonde o meu bem foi morar...

Dois amor que se quer bem,
Quando estão pra se apartar,
Despede meio chorando
Despede é pra não voltar.
Vou tirar o teu retrato
Pra no meu peito levar,
Com sua feição mimosa
Pra acabar de me matar.

Recebi carta de amor, ai
Está mandando me chamar, ai

Morena não faça assim
Não precisa me agradecer;
Que apesar não há amor mesmo
Que tanto lhe ver penar;
Depois que já fiz menção
A jura não posso quebrar;
Quando eu me mudar de terra
Também vou deixar de amar.

ISAULINO PEREIRA DA SILVA, O SERTÃO

Isaulino Pereira da Silva, nascido em 1938, em Rio Brilhante, Mato Grosso do Sul. Casado com dona Maria Silva, pai de uma filha e um filho, Alberto Aparecido, o segundo Sertãozinho, conforme revela Isaulino, excelente tocador de violão. Mora atualmente na Vila Maria Isabel, em Assis. Chegou em Assis muito jovem; trabalha e toca viola desde os doze anos. Já trabalhou em várias atividades, em 1994 é contratado pela prefeitura, no Horto Florestal, como jardineiro. Aliando essa atividade com a artística continua empunhando sua viola em shows pela cidade e região.

O seu grande parceiro foi o irmão Benedito, o Sertãozinho. Com este, em 1969, participou de shows de calouros em rádios da cidade e em São Paulo. Ganharam alguns desses concursos e foram indicados para gravem um LP, no entanto esse projeto não veio a se realizar por problemas familiares.

As composições a seguir não tem datas precisas, mas, conforme o próprio Sertão, elas teriam sido criadas entre os anos 60 e 70.

CHORA VIOLINHA

Chora violinha, chora ai, ai, ai
Na palma de minha mão
O peito que canta aqui ai, ai, ai
É peito de dois irmão



Que prazer no mundo pode ter
Essas mocinha que não namora;
Querer bem pra quem tem boa idade
Isso o povo, ninguém não ignora.
Elas diz que não dá confiança
Pros rapaz do lugar que ela mora

Embora que tenha a formosura,
É uma prenda que ninguém adora;
Não dá gosto pra quem sabe amar,
Não sofre, não sente, não sente, não chora.

O rapaz pra ter gosto na vida
Precisa ele cantar de viola;
Eu me alembro que eu cantei na sala
Quando era menino da escola;
O meu mestre também foi violeiro:
Rolava na sala que nem uma bola.

No cantar tudo pass'o se alegra,
Coração que tá triste consola;
O pavão dá gemido na serra:
Que a terra estremece, que até pedra rola.

De uma festa que eu fui na cidade,
Eu me alembro como fosse agora:
O festeiro mandou me chamar,
Eu de pronto fui na mesma hora;
O festeiro mandou duas filha
Me arreceber no salão de fora.

Era duas morena elegante,
Do cabelo que nem flor de amora
Do rostinho que parece rosa:
É uma flor tão mimosa que o sór não descora.

Eu entrei lá no salão de dentro,
Eu vi uma morena pachola;
Eu vi olhos contando grandeza;
Eu falava essa moça é gabola.
A garota olhou e sorriu
Na hora que eu repiquei a viola.

Eu vi ela dizendo pras outras
Que queria ser minha senhora;
Pra mim haverá de ser prazer
Se a mãe desse moço for brava pra nora.

Cobicei a cor morena ai, ai, ai
É bonita toda hora.

Parece com a rosa branca ai, ai, ai
Que murcha e não descora.

Moreninha que tem amor hoje,
A saudade no peito labora;
O prazer pra nós hoje são pouco,
Pois eu vim com pouquinha demora:
Quem tem o coração amoroso
Quer levar pra deixar, não descora.

Essa coisa que eu tanto persigo,
Só pra ver se essa sorte mióra;
A gente quer levar, mas não pode
Faz coração duro e deixa e vai-se embora.

DANÇANDO CATIRA (Desafio de violeiro)

Solte a viola companheiro
E vamo fazer o banzê;
Na ciência do catira
Vou mostrar como é que é.
Arrume o par rapazeada,
E vamo bater o pé
Puxar pra dança sapateada ai, ai
Isso não é pra qualquer.

A 'ducação de um violeiro
Por nosso pai foi ensinado.
Não cantar pra gavar
Os violeiro educado.
Mas se por certo violeiro
Nós dois for prejudicado,
Conforme corre o risco
Nós também corre o machado.

Tenho visto certo violeiro
Que eu acho até engraçado,
Vive batendo o meu nome
Mas eu não tinha importado;
Agora fique sabendo
Que vocês tava enganado,
No braço dessa viola, ai, ai
Não rejeitamo parado.

Vou fazer uma explicação,
Você vai saber agora:
Nós canta desde menino
Executamo a viola;

Quem nasce pra ser violeiro
Nunca precisa de escola
E nen precisa de lição, ai, ai
Desses violeiro gabola!

No braço dessa viola
Vou fazer uma explicação:
É coisas que eu acho feia
Violeiro sem 'ducação;
Quem quiser ganhar cartaz
Faz moda de sua invenção
Pra cantar moda-de-violão, ai, ai
Desconheço campeão!

AMANHECER NO SERTÃO

Como é bonito
Amanhecer no sertão,
Vendo a mata florescida
Faz doer o coração.

A passarada
Quando vai rompendo o dia,
Todos cantam de alegria
Por ver surgir o clarão.

De madrugada
Que madrugada brilhante,
Muitas coisa interessante
Pra quem mora no sertão.

A passarada
Já começa o baruião;
O caboclo se levanta
Pra cuidar da plantação.

Como é bonito
As água caindo da pedreira;
Canta lá nas cachoeira
O chitão e o xororó.

Na laranjeira
Canta o sabiá coleira;
Canta as pomba gemedeira
Por sentir o calor do sol.

No pé da serra
Os pass'o canta de emoção;
Naquela mata sombria
Geme triste o pavão.

Com grandes canto
As mágoa do coração
Por saber que os carcará
Na bataia é os campeão.

De tardezinho
O sol esconde no espigão;
A cigarra canta triste
Por dentro da solidão.

A lua cheia
Vai surgindo o clarão,
Iluminando as palhoça
Sendo guia do sertão.

BOIADEIRO AFAMADO

Nota: Essa moda-de-violão foi feita em homenagem ao boiaideiro Dito Pinga, morador da Água da Pintada, zona rural de Assis. O apelido “Pinga”, conforme me contou Sertão, deve-se ao fato de que este bebia muito, “mas era o melhor boiaideiro que havia...”

Rapaz pra ser boiaideiro
Não precisa ‘maginar:
Comprar um macho bem bão
E o laço saber jogar,
Perder o medo de tudo.
Pra enfrentar os carrascá,
Pra pegar mestiço a unha
No meio dos pantanar.

Eu também sou boiaideiro,
Não é por me gabolar,
Não tem nada que me prende,
Que não me deixa eu chegar.
Não sou caboclo assustado,
Medo comigo não há,
Costumo tirar couro
Dos mais bravo marruá..

Viajei pra Mato Grosso,
Nas fazenda dos Cabrar.
Andei por esta fazenda,

Travessei dois pantanar.
Por duas hora de viagem
Eu cheguei em Cuiabá;
Fui enfrentar um rodeio
Porque me mandaram chamar.

Quando eu cheguei na fazenda
Peonada vieram encontrar,
Logo veio o fazendeiro
E me mandou eu chegar,
Me levou lá pra mangueira
E pra mim pegou a contar:
— “Aqui tem um bicho enjeitado
Que ficou pro ‘cê pegar”.

Eu entrei no picadeiro,
O mestiço veio encontrar.
Ajoguei o meu corpo de banda
Pra ver se eu pegava no ar;
Foi uma salva de palma
Quando o bicho pegou a urrar;
Peão nunca fez visita

Nas pampa do araçá.

O boi caiu arrasada,
Platéia vieram me abraçar;
Veio o dono do rodeio
Com prêmio pra me dar;
Recebi beijo das morena

Que até hoje me faz lembrar
Por ter tirado boa fama
Do famoso araçá!

DOIS CANÁRIO

No braço desta viola
Agora vou explicar:
Inventamo esse pagode
E agora eu vou cantar.

Nós cantamo esse padode,
Sei que você vai gostar,
Os coração retirado
Vai chegando no lugar.

Gosto de cantar pagode
Que tem os vrso ligeiro,
Somo igual dois sabiá
Que canta na laranjeira.

Eles canta de alegria
Junto co'a companheira;
Não canto para gabar
Meus amigos companheiro.

Esses violeiro gabola
Tenho prestado atenção
Só canta para bater
Nos violeiro do sertão;

Reforma essas moda velha,
Diz que é de sua invenção,
Mas não sabe que é o roceiro
Que sai o violeiro bão.

Sou violeiro da cidade,
Mas também fui lavrador;
Nós inventemo as nossa moda,
Mas não somo professor.

A fama dos dois irmão
Nunca perde o valor,
Traz alegria onde canta
Os canário dobrador!

REI DOS REIS

Deus quando formou-se o mundo
Deixou tudo com valor;
Deixou água e deixou a terra
Pra todo trabalhador;
Também deixou a semente
Pra todo semeador,
Semeando com carinho
E viver do seu suor.

Existiu um tal judeus,
Contra a lei do Senhor,
Tomava as propriedade
Dos irmão trabalhador;
Atacava sem defesa
A semelhança do Senhor,
Matava todas criança,
Assassino pecador.

Acabaram c'as aldeia
Do nosso irmão caçador,
Vivia de caça e pesca
E o mel das mais linda flor.
Num pensou que a sua vida
Está no livro do Senhor,
Seus trabalho foi falido,
Você não é o vencedor!

Existiu os terrorista,
Que comandava o terror;
Mandava os seus capanga
Matar os trabalhador;
Tomava todas as terra
Pra eles ter mais valor,
Só praticava a maldade,
Não pensou no Salvador.

Você diz que foi um rei,
Mas foi um rei sem valor,
Só praticou a maldade
E num pensou no Salvador;
Ele é o proprietário
De tudo que Ele criou,
Ele é o Rei dos reis,
É o nosso criador!

OS DOIS IRMÃO

Nasci pra ser cantador,
Falo mesmo com carinho.

Isso já vem de família,
Por isso eu sigo essa linha (a).
Meu pai foi homem choroso
No braço do velho pinho,
Hoje canta os seus dois filhos
Que é o Sertão e o Sertãozinho.

O meu pai na mocidade
Na viola foi dos Bão.
Nunca ele foi derrotado
Nos violeiros afamosão,
Por isso eu quero ser
Um violeiro folgasão;
Traz alegria onde canta
O Sertãozinho e o Sertão!

Eu quando estou cantando
Co' a minha viola na mão,
Tenho alegria na vida,
Prazer no coração.
Sertãozinho é o Messias¹
Que toca no violão,
Na viola é o Isaulino
Com apelido de Sertão.

Eu cantando com meu mano
Somo igual dois canarinho,
O véio lembra passado
E as véia chora baixinho;
As menina se alegra
E as moça me faz carinho.
O mundo se alegra com a voz
Do Sertão e Sertãozinho!

MOÇA DOS CABELO PRETO

Conta Isaulino que quando ele e o irmão Benedito trabalhavam na lida com o gado na região do Pantanal, Sertãozinho se apaixonou por uma moça de nome Maria, não podendo ficar com ela criou a composição a seguir em parceria com Sertão. A estrutura musical lembra um rasqueado paraguaio.

Moça do cabelo preto
Toda a vida eu gostei;
Quando eu vim da minha terra
Cabelo preto eu deixei.

Quando dá o tempo de voltar,
Eu volto pra lá outra vez;
Buscar minha namorada
Que tão longe eu deixei.

Escrevi uma carta pr'ela

¹ Messias Pereira da Silva é o nome de um dos irmãos de Sertão com o qual também formou dupla.

Que eu ia viajar,
Ela mandou outra e disse
Que ia me esperar.

Escuto o galo cantar
Quando está clareando o dia.
A perdiz pia no campo
E as codorninha 'subia.

Eu longe de você
Não posso me acostumar;
Quando a saudade me aperta,
Tenho medo de me matar.

Vivo triste, apaixonado,
Sem ter o que me consola;
Vivo preso nos teu carinho
Como pass'ô na gaiola.

Ai que saudade que eu tenho,
Saudade da minha Maria.
Hoje eu só tenho tristeza,
Não tenho mais alegria.

Vou vender meu violão,
Vou vender minha viola;
Adeus linda morenada,
Adeus qu'eu já vou me embora.

I FESTIVAL DE ASSIS - 1975

O *I Festival de Assis* foi uma realização da então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, na época instituto isolado de ensino superior, mais parcerias com Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado, Secretaria de Esportes e Turismo, Prefeitura de Assis, Universidade Estadual de Campinas, Secretaria de Cultura e Educação do município de Campinas, Museu de Artes do Estado de São Paulo e comunidade. Esse festival comemorava o 17º aniversário da faculdade e a inauguração do prédio 3 e a nova via de acesso à faculdade.

O evento foi organizado pelo Centro de Artes da FFCL, na figura do professor Álvaro Martins e foi registrado pela RTC, atual TV Cultura de São Paulo. Posteriormente o material das gravações foi exibido em Assis e região por meio de reprodução de fita 16 mm. Na década de 80 o material foi editado em fita VHS e está a disposição na Biblioteca da Faculdade de Ciências e Letras, Unesp, Assis.

O objetivo do festival, segundo depoimento dos organizadores da época, era *a promoção de cultura, numa homenagem ao povo da cidade e à sua faculdade*. Era diretor do campus na época o professor Manuel Lelo Belotto.

Num depoimento do professor Álvaro Martins, dado a RTC, assim ele descreve a organização do evento: “em poucos dias a cidade se organizou num prazo de 9 dias (de festival) para receber mais de 1000 pessoas; um orquestra sinfônica completa, um coral com mais de 70 pessoas, numa cidade que ainda não tem uma estrutura hoteleira que comporte esse volume de turista, foram alojados em casas...”

O I festival de Assis durou de 16 à 24 de agosto de 1975. Apresentaram-se o Quinteto Paulistano de Metais, Coral da Unicamp sobre a regência do maestro Benito Juarez de Souza, com 53 integrantes; Orquestra Sinfônica de Campinas com Benito Juarez, Grupo Coral do Masp; Coral da USP, a pianista Yara Ferraz, Gonzaguinha (lançando o seu terceiro disco); Quinteto de Sopros da Orquestra Sinfônica de Campinas; Madrigal Musicaviva de S. J. Campos e Corporação musical Santa Cecília de Assis.

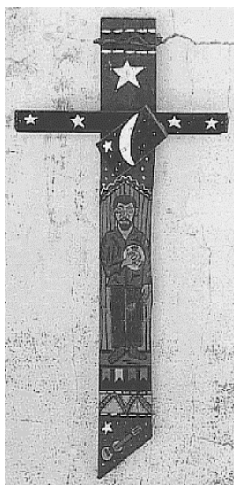
A música caipira também foi privilegiada neste festival, com as apresentações do Grupo Cururu de Piracicaba Grupo de Catira local e regional, Folia de Reis, Moçambique local, “Noite de violas e violeiros do interior paulista” e Grupo de Dança de São Gonçalo local.

Além das atividades, também ocorreram exposições de fotos e artes-plásticas. Foi instalado um circo no campus e nele se apresentou o grupo de teatro carioca *Asdrubal trouxe o trombone*, com a peça *Inspetor Geral*, de Gogol.

Da fita com cenas do Festival, extraí as duas composições a seguir. A primeira refere-se a uma moda-de-viola cantada em Dança de São Gonçalo, e teria sido organizada pela família Piedade, residentes ainda hoje em Assis, na Água do Jacu. A segunda moda tem-se menos informações, vê-se pela fita que é interpretada por um casal, não é possível afirmar que ele seja assisense, uma vez que deste Festival participaram violeiros de outras regiões.

DANÇA DE SÃO GONÇALO

Nota: A dança em homenagem ao santo protetor dos violeiros, no Estado de São Paulo, se projeta em forma circular com a participação apenas de homens. A imagem do santo localiza-se num altar, uma dupla canta os versos e os demais dançam a catira nos intervalos das estrofes.



São Gonçalo de Amarante,
São Gonçalo de Amarante,
Professor dos folgazão,
Professor dos folgazão.
Ora viva, ora viva
São Gonçalo!

São Gonçalo divertia,
São Gonçalo divertia,
Com sua viola na mão,
Com sua viola na mão.
Ora viva, ora viva,
São Gonçalo!

São Gonçalo de Amarante,

São Gonçalo de Amarante,
Ele já foi marinheiro,
Ele já foi marinheiro.
Ora viva, ora viva
São Gonçalo!

MODA-DE-VIOLA

Me lembro, tenho saudade
Quando fui 'dministrador;
Eu 'dministrava a fazenda,
Colônia e capinador;
Carroceiros e carreiros
Também o roçador.
Menina bonita, menina bonita
'Travessava o carreador
E eu mandava ela em casa
E o pai, o contador!

Eu chamava o pagamento
Como apito do vapor.
Eu ficava no passeio
E chamava o contador
Pra fazer o balancete;
Os meus colono ele pagou.
A moça também ganhava,
Mas os homem reparou
Que ela que me faz graça
Muito mais 'inda ganhou!

Bem depois do pagamento,
Veja só o que arresultou:
Eu olhei lá na porteira,
Uma comitiva apontou,
Era um bando de cigano
Lá no pasto abarracou.
Eu mandei arretirar,
Foi a patroa que mandou,
Tô aqui cumprindo ordem,
Vá se embora por favor!

Já veio uma ciganinha,
Logo me sugestionou,
Já pediu a minha mão,
A minha vida ela contou.
Diz que eu tinha dois amor,
A danada adivinhou!
Uma é loura, outras é morena,
Inté nesse ponto acertou;

Loura te quer bem,
Mas a morena 'inda dobro!

LAURINDO DE SOUZA PEREIRA

Laurindo é o mais jovem dentre os violeiros que conheci. Filho da tradição da viola, desde cedo se interessou pelo instrumento que ouvia nas cantorias e pelo rádio. Me contou certa ocasião que, quando criança, desejava tanto ter uma viola que desfiava os elásticos da botina, esticava-os e ficava sonhando ser aqueles as cordas do instrumento. Muito empolgado, sempre contribuiu para a pesquisa, mostrando o seu interesse em continuar com a tradição poética-caipira. Dentre as suas composições, transcrevo três, a última delas é uma homenagem ao violeiro Piracaia, encerrando com isso o período abrangido por esta Antologia.

PASTOR ATREVIDO

Nota: No dia 12 de outubro de 1995 o pastor Sérgio von Helder, da Igreja Universal do Reino de Deus, deferiu agressões à imagem de Nossa Senhora Aparecida. O bispo mencionado na música é Dom Aloísio Lorscheider, arcebispo de Aparecida. A moda abaixo é da autoria de Laurindo Pereira e Clarindo Bernardo.

As águas corre pros rios,
E os rios corre pro mar,
Nas águas do Paraíba
Três homens foram pescar,
Lá encontraram uma imagem
Pr'ela fizeram um altar.
Se passou trezentos anos,
Na mão de um falso tirano
Esta santa foi parar.

Na data de doze de outubro,
Por volta do meio dia,
O céu todo esfumaçado
Muito rojão se explodia.
Cidade de Aparecida,
Grande festa acontecia;
A festa mudou de cor,
Em frente ao televisor,
Calado o povo assistia.

Um sujeito atrevido,
Com pinta de sobreno,
Aos pés de Nossa Senhora
Sua imagem foi chutando.
Chocou o Brasil inteiro
E o Papa no Vaticano;
Uma dor que não pesava
Feriu uma grande data
Lembrada por muitos anos.

Ele tratou nossa mãe
Em forma de idolatria
Que por quinhentos dinheiro
Sua imagem compraria.
Mas a fé do nosso povo
Não tem preço e nem quantia;
Pra quem chega e vai chutando
Para nós é um profano,
Desagrava a rebeldia.

O bispo Dom Aloísio
Formou uma comissão,
Avisou o presidente
E teve toda atenção.
O povo pediu clemência
No rádio e televisão;
Não se use da violência
Mesmo contra o coração.

O bacharel João Batista,
Delegado de cartaz,
Para ele o pregador
Foi até longe demais;
Pra prender não tem lei,
Mas Deus sabe o que faz,
Estamos muito feliz,
Pastor fugiu do país
E não volte nunca mais!

1998

Nota: Paschoal foi o apresentador do “Carrossel Sertanejo” (até 1999), uma atividade artística itinerante que a vários anos, uma vez por semana, aos domingos, abre espaço para as duplas caipiras se apresentarem nos bairros da periferia de Assis. Esses shows são patrocinados pelo comércio local e, em geral, move muitas pessoas da comunidade.

Eu estou muito contente,
Fim de semana chegou,
Tem Carrossel Sertanejo,
O Paschoal anunciou.
Vou rever meus companheiro,
Que são todos cantador,
Estando todos reunido,
Nós cantamos dolorido,
Com carinho e muito amor.

Quando chega os domingo,
O pessoal acostumou,
No Carrossel Sertanejo
Vai mostrar o seu valor;
Ali ficando à vontade,
Livre, igual a beija-flor,
Com sua voz tão serena
O Paschoal entra em cena,
Ele é o apresentador!

Se você toca e canta,
Nem que seja aprendiz,
No Carrossel Sertanejo
Sentirá muito feliz;
Cada vez crescendo mais,
O sucesso assim diz;
Esta platéia querida,
Faz festa colorida,
É aí que esta o xis!

A nossa viola caipira,
Conhecida no país,
Seu ponteadado é tão bonito
Igual o canto da perdiz;
O Carrossel sertanejo
Tem as flores do verniz;
Além de ser locutor,
Paschoa é um defensor
Da nossa moda raiz!

Aqui vai a nossa homenagem
À pessoa do Paschoal;
Esta platéia querida,
Eu nunca vi outra igual;
O Carrossel Sertanejo,
De um modo muito especial,
Nós quebramos a barreira
Pra viola brasileira
E o grande profissional!

Homenagem a Piracaia

Esta homenagem foi prestada a Piracaia, em Assis, em abril de 1998, quando este ainda estava vivo.

Na cidade de Assis
Mora um grande violeiro
É por todos conhecido,
Quase no Brasil inteiro,
Por isso seu apelido
De vovô dos violeiros;
Muitos anos na batalha,
Nosso grande Piracaia,
Exemplo de companheiro.

Quanto mais o tempo passa,
De janeiro a janeiro,
Mais aumenta sua fama
Por ser um dos pioneiros;
Só canta moda que é sua,
Contente com seu parceiro,
A gente até se comove
Com seu jeito de jovem,
Alegre o tempo inteiro.

Ele conta sua vida
De quando era solteiro,
Das proezas que fazia,
Muito amigo dos festeiros.
Compositor de talento,
No repente é ligeiro.
Não vejo ele reclamar,
Deixa as águas balançar,
Seguro, firme no veleiro.

A mais de sessenta ano

Piracaia se casou,
Criou seus dezoito filhos
Com carinho e muito amor;
Sua esposa Dona Carmem
Juntinho colaborou;
Não estão todos unido,
Por um destino atrevido,
Algum deles Deus levou.

Quando pega na viola,
Da qual ele é professor,
Tem mais de trezentas modas,
Todas elas de valor;
É sucesso garantido
Algumas que já gravou;
Um cidadão assisense,
Quem luta merece, vence
Se torna merecedor!

Grande homem Piracaia,
Honrado e trabalhador;
Ele trata todo mundo
Com carinho e muito amor;
Para ele somos todos iguais,
Não tem raça e não tem cor;
Sertanejo de coragem,
Recebe a nossa homenagem
E um abraço pro senhor.

